



**INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
JORGE LEITE DE OLIVEIRA**

**LIBERDADE OU PROPRIEDADE, UMA QUESTÃO DE ESCOLHA?
A escravidão nas crônicas machadianas *Bons dias!***

**BRASÍLIA
2011**

JORGE LEITE DE OLIVEIRA

**LIBERDADE OU PROPRIEDADE, UMA QUESTÃO DE ESCOLHA?
A escravidão nas crônicas machadianas *Bons dias!***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes

**BRASÍLIA
2011**

JORGE LEITE DE OLIVEIRA

**LIBERDADE OU PROPRIEDADE, UMA QUESTÃO DE ESCOLHA?
A escravidão nas crônicas machadianas *Bons dias!***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes

Data da aprovação: 31 de janeiro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Luís Gomes
Presidente

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Júnior - Membro

Profª Drª – Tânia Montoro - Membro

Prof. Dr. Sidney Barbosa - Suplente

Perguntas de um operário que lê

Bertold Brecht

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?

Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias
Quantas perguntas.

(Disponível em:< www.cecac.org.br>. Acesso em 4 abr. 2010.)

A Deus, Sublime Benfeitor de nossas vidas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. André Luís Gomes, pelo seu inestimável apoio a esta pesquisa e incansável boa-vontade nos esclarecimentos necessários ao êxito desta obra.

Aos professores, Drs. Augusto Rodrigues da Silva Júnior, Tânia Montoro e Sidney Barbosa, pelas oportunas e enriquecedoras sugestões que nos deram, no sentido de aperfeiçoar o conteúdo deste trabalho.

À minha esposa, Maria de Lourdes Pereira de Oliveira, pelo incontável tempo de renúncia à minha companhia e alta compreensão dos objetivos do meu modesto esforço para que esta pesquisa se tornasse realidade.

Aos meus filhos: Fabiane, Cristiane e Daniel, por entenderem que nunca é tarde para aprender e pelo amor recíproco, fonte de harmonia em nosso lar.

RESUMO

O principal propósito desta dissertação é o de analisar o modo irônico e satírico adotado por Machado de Assis, em suas crônicas, ao comentar fatos históricos brasileiros do final do século XIX, em especial os relacionados à escravidão, tendo em vista a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade entre as disciplinas dos cursos de Letras e História do Brasil. Utilizou-se, para tal, o estudo de caso. O aspecto transdisciplinar comporta a organização dos conhecimentos relacionados ao conceito de crônica documental, histórica, e literária; e o interdisciplinar diz respeito à análise dos aspectos literários, históricos e linguísticos das crônicas selecionadas. Certamente, não se esgotou, nesta pesquisa, que se pretende seja objetiva, todas as nuances que a qualidade do trabalho machadiano oferece, mas desejou-se explorar, um pouco mais, os dados fáticos que demonstram os conhecimentos históricos do autor, de como o “Bruxo do Cosme Velho” ironiza os eventos marcantes de sua época e deleita o leitor com seu modo satírico de abordá-los. Pelo exposto, espera-se contribuir com novos estudos sobre a produção intelectual de Machado de Assis, especificamente, as crônicas em que se evidencia o tema da escravidão.

Palavras-chave: Crônicas. Machado de Assis. História do Brasil. Literatura. Escravidão.

ABSTRACT

The main purpose of this essay is to analyze the irony and satire adopted on the chronicles written by Machado de Assis commenting historical facts of Brazil in the Nineteenth Century, especially the ones related to slavery, having in mind the transdisciplinarity and the interdisciplinarity between the disciplines in the courses of Literal Arts and History of Brazil. For this, the method of case-study was used. The transdisciplinary aspect involves the organization of knowledge related to the concept of documentary, historical, and literary chronic. The interdisciplinary concerns the analysis of the literary, historical and linguistic aspects of selected chronics. It has certainly not been exhausted in this research, which is intended to be objective, all the nuances that the quality of Machado's work offers, but the intention was to explore a little more the factual data that demonstrate the historical knowledge of the author, as, for example, how the "Wizard of Cosme Velho" quips the key events of his day and delights the reader with his satirical way to address them. Presenting this essay, it is expected to contribute with new studies on the intellectual output of Machado de Assis, specifically, in the chronicles that highlights the theme of slavery.

Keywords: Chronicles. Machado de Assis. History of Brazil. Literature. Slavery.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 AS MARCAS DA ESCRAVIDÃO E A LITERATURA	12
1.1 Influência da cor, condição orgânica e social em Machado de Assis.....	12
1.2 Negritude, escravidão e literatura: Castro Alves, Cruz e Sousa e Machado de Assis.....	13
1.3 As marcas do negro e a literatura.....	21
2 O <i>KHRÓNOS</i>, O <i>TÓPOS</i>, O <i>FACTUM</i> E O CRONISTA MACHADO DE ASSIS	25
2.1 A crônica do século XIX.....	26
2.2 O cronista Machado de Assis.....	31
3 AS CRÔNICAS E OS EVENTOS SOCIOPOLÍTICOS DO SÉCULO XIX	41
3.1 As crônicas como exercício estilístico diário de Machado.....	44
3.2 A crônica, a paródia e a ironia.....	47
4 A CRÔNICA MACHADIANA E A ESCRAVIDÃO	51
4.1 O machado abolicionista na visão dos seus críticos.....	51
4.2 Atuação machadiana em prol da proteção do escravo e da abolição.....	53
4.3 As crônicas machadianas sobre a escravidão.....	56
5 ANÁLISE DE CRÔNICAS SOBRE A ESCRAVIDÃO	60
5.1 Crônica de 5 de abril de 1888 (Anexo A).....	61
5.2 Crônica de 19 de abril de 1888 (Anexo B).....	69
5.3 Crônica de 4 de maio de 1888 (Anexo C).....	74
5.4 Crônica de 20/21 maio 1888 (Imprensa Fluminense; Anexo D).....	78
CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS	85
GLOSSÁRIO	91
ANEXO A - Crônica de 5 de abril de 1888 (analisada).....	95
ANEXO B - Crônica de 19 de abril de 1888 (analisada).....	97
ANEXO C - Crônica de 4 de maio de 1888 (analisada).....	99
ANEXO D - Crônica de 20- 21 de maio de 1888 (analisada).....	101
ANEXO E - Crônica de 11 de maio de 1888 (comentada).....	103
ANEXO F - Crônica de 19 de maio de 1888 (comentada).....	105
ANEXO G - Crônica <i>O futuro dos argentinos</i> , 09/07/1888 (comentada).....	107
ANEXO H - Crônica de 13 de fevereiro de 1889 (comentada).....	108
ANEXO I - Crônica <i>O punhal de Martinha</i> , 5 de ago. de 1894 (comentada).....	110

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é motivado pelo nosso interesse em ratificar a constatação de Gledson (2006) sobre o cabedal de conhecimentos históricos demonstrado por Machado de Assis em sua produção literária, em especial nas crônicas. Além disso, pretendemos analisar, transdisciplinarmente, as crônicas, ao comentar aspectos históricos da época machadiana abordados por ele em suas obras e destacar algumas de suas narrativas sobre o tema escravidão. As crônicas foram criteriosamente escolhidas para análise em virtude da viabilidade de se constatar, nessas produções, elementos sociopolítico-históricos relevantes de fatos ocorridos na época do autor pesquisado, que permitam o estudo literário conexo à questão da escravidão em nosso país.

Trípoli (2011) esclarece-nos que a literatura brasileira, do século XIX, deu um tratamento ao escravo idêntico ao que foi dado pela literatura europeia e norte-americana. O negro estava presente nos setores de produção da sociedade, mas não era reconhecido por ela, por isso, seu papel era, quase sempre, o de coadjuvante. Essa escritora trata da controvérsia sobre a presença, na obra machadiana, do escravo, cuja cor mulata foi usada para se tentar arranhar seu brilho literário. Alega-se que Machado negou a própria raça e foi omissos na luta pela liberdade dos escravos. A autora conclui que o afirmado absentismo machadiano não procede, ainda que seu personagem negro não fosse visto como um “pobre coitado, vítima do sistema ou um sujeito malvado”, porque a interioridade moral e psicológica do ser humano é que estava em foco. E neste incluía-se o negro, como personagem, vez que a intenção do escritor era, antes, desmascarar a hipocrisia social do que partir para um confronto aberto.

Nesta dissertação, concentramos, pois, boa parte de nossos estudos nas crônicas publicadas em *Bons dias!* tendo em vista as considerações e análises contidas no texto de apresentação de John Gledson (ASSIS, 2008. Introdução e notas de John Gledson). Em outra obra, Gledson (2006, p. 19) explica-nos que é preciso um exame dos trabalhos "supostamente menores de Machado de Assis", para se ter uma "visão mais abrangente e profunda" da obra desse grande escritor. Em seguida, acrescenta: "especialmente, as crônicas têm histórias interessantes para contar". Por fim, numa terceira obra, diz o crítico inglês:

Posso dizer que aprendi história do Brasil com Machado de Assis. Claro que Machado nunca escreveu um livro, um artigo que fosse, de “pura” história, mas nas suas obras de ficção, e nas suas crônicas, há uma profusão de referências à história brasileira que nos dão acesso a um pensamento complexo, sutil, notável, e que sabia acomodar dúvidas e ironias (GLEDSON, 2003, p. 293).

Segundo Pina (2008), no estudo das relações entre história e ficção machadianas, essas relações expressam a criatividade do autor no modo diversificado de provocar os leitores da *Gazeta*, facultando-lhes escapar dos meios de "educação" tradicional, expressos pela literatura e artigos jornalísticos vigentes. Desse modo, inova quando, de forma sutil, oportuniza-lhes formas criativas próprias de "apropriação da crônica e de seu suporte, o jornal".

Como exemplo do afirmado acima, citamos a crônica de 19 de abril de 1888¹ da série *Bons dias!*, publicada na *Gazeta de Notícias*, cujo início é precedido de reticências, como se o assunto já houvera começado e o autor refletisse em voz alta: "...E nada; nem palavra, nada. Ninguém me responde; todos estão com os olhos na eleição do 1º distrito". Após alguns comentários sobre o modo educado do povo da roça, em contraste com o "malcriado", dos políticos da cidade, entra a falar sobre as eleições do 1º distrito e faz críticas ao Governo e aos seus políticos demagogos, como é o caso do Sr. José Luís Fernandes Vilela em sua declaração sobre a não existência de escravos sem que tenha consultado os milhares deles que, em carta ao narrador, afirmam ainda estarem sob o regime da escravidão. Por fim, reflete filosoficamente: "As palavras do Sr. Fernandes Vilela podem ser entendidas de dois modos, conforme o ouvinte ou o leitor trouxer uma enxada às costas, ou um guarda-chuva debaixo do braço. Vendo as coisas, de guarda-chuva, fica-se com uma impressão; de enxada, a impressão é diferente". A conclusão, retomando os conchavos políticos, é irônica:

Adeus. Já sabem que o Coronel Almeida, deputado provincial pelo 14º distrito da Bahia, tendo sido acusado de traição ao Dr. César Zama, declarou na assembleia que abandonava o seu partido. Exemplo austero e digno de imitação! Dada uma acusação dessas, botemos o nosso partido fora, como um simples colete de seda enlameado. Mas os princípios que nos ligavam ao partido? Perdão, mas os botões, que nos abotoavam o colete?

Esta proposta visa a atender os objetivos nela expostos, cuja relevância é a de motivar professores, alunos e leitores a observar o modo criativo de se utilizar acontecimentos do dia-a-dia de um período sociocultural na literatura. Para isso, após uma apreciação crítica sobre a influência da servidão, no Brasil, acrescida de considerações sobre Machado de Assis, os fatos marcantes de sua época, presentes em sua produção cronista, e o que dizem sobre esse autor alguns dos seus críticos, passaremos a analisar quatro crônicas machadianas com a abordagem do tema escravidão selecionadas de um total de onze crônicas elaboradas pelo

¹ Esta crônica não consta da obra de COUTINHO, Afrânio (org.). *Machado de Assis: obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973, vol. III, entretanto foi inserida por GLEDSON, John em *Bons dias!* 3. ed. São Paulo: Unicamp, 2008, p. 91 - 94.

autor na série *Bons dias!* sobre o tema. Temos o principal propósito de comentar o modo dissimulado e satírico de abordar os fatos ligados à escravidão, nas crônicas escritas por Machado, com vistas voltadas à transdisciplinaridade e à interdisciplinaridade entre os cursos de Letras, Jornalismo e História do Brasil no ensino-aprendizagem da Literatura Brasileira.

No contexto das crônicas analisadas, desejamos alcançar, secundariamente, os seguintes objetivos: comentar os aspectos narrativos peculiares do autor, construídos como produto ficcional representativo da sociedade da época; analisar a forma de o autor retratar, com sutileza, ironia, bom-humor e oportunismo, os acontecimentos sociais, políticos e os costumes do século em que nasceu, presentes na história de nosso País; constatar, nas análises de cada crônica, as seguintes dimensões propostas por Bosi (2010): mimética, expressiva, construtiva e dialógica.

Podemos observar, nos relatos irônicos de Machado de Assis, a narração satírica sobre os fatos históricos que marcaram sua época. Como base teórica de nossa monografia, encontramos na obra de Gledson (2003, 2006) e Assis (2008, introdução e notas de John Gledson) excelente material para idealização e construção deste trabalho. Segundo esse pesquisador e crítico inglês, ainda há muito o que se estudar em Machado de Assis. Já de acordo com Bosi (2007, p. 10), é necessário entender "o olhar machadiano, o que é um modo existencial de lidar com a perspectiva, a visão do narrador, o ponto de vista, ou, mais tecnicamente, com o foco narrativo". Se isso se aplica aos romances, também às crônicas machadianas é perfeitamente aplicável. Essa característica da sua obra, em geral, tem seu exercício nas crônicas que ele escreveu, ao longo de mais de quarenta anos.

Será feita a análise do modo de produção machadiana nas crônicas lidas, assim como, observada a forma de construção literária de seus trabalhos com enfoques, diretos ou indiretos, à história do seu tempo, em especial, à questão da escravidão. Complementar-se-ão as pesquisas do tema em análise com críticos da obra machadiana como Gledson (In: ASSIS, 2008. Introdução e notas), Betella (2006), Bosi (2007), Candido (1985 e 2006), Rego (1989), Brayner (1979), Süssekind (2006) e outras publicações em livros, sites atuais ou em monografias acessadas ao longo da pesquisa. Os demais críticos contribuirão, especificamente, como subsídios à teoria de Gledson (2003) sobre o vasto conhecimento histórico machadiano.

Fizemos a leitura analítica das crônicas selecionadas, com vistas a observar, num primeiro momento, sua forma elementar, o plano geral de elaboração de seus textos que apresentem, de modo direto ou indireto, abordagem baseada em acontecimento histórico, segundo a estrutura exposta por Gledson na obra machadiana *Bons dias!* Em seguida, observamos como a ironia e o humor são expressos na narrativa das crônicas, com fulcro nos

conhecimentos sociopolítico-culturais da época, e de que modo esses aspectos podem ser analisados.

Mais adiante, no capítulo cinco, analisamos quatro dessas crônicas com base nos critérios propostos por Bosi²: expressivo, construtivo, mimético e dialógico, com o objetivo de comentar essas dimensões identificadas em cada crônica. As obras selecionadas para análise, nesse capítulo, versam, direta ou indiretamente sobre o tema escravidão. Os procedimentos adotados servirão como exemplos práticos aos estudiosos das crônicas machadianas nas práticas de leitura inter e transdisciplinarmente.

Em face do exposto, esperamos contribuir com a fortuna crítica machadiana, a partir da análise das obras selecionadas, escritas pelo “Bruxo do Cosme Velho”, com ênfase no seu modo peculiar de observar aspectos sociopolítico-históricos de seu século e de retratá-los de forma satírica e irônica em seus escritos.

² Na verdade, Bosi (2010) propusera três dimensões para a análise, que retificou para quatro, com base na proposta de Hélio de Seixas Guimarães, e denominou a quarta de dialógica. A *representativa ou mimética* "tem a ver com o objeto mesmo da crônica que sempre remete a um acontecimento ou a uma personagem real ou supostamente real"; a *expressiva ou existencial*, na "qual os sentimentos do autor se projetam e perpassam pela sua escrita"; a *construtiva ou formal*, que nos reporta à estrutura mesma do gênero “crônica” e aos dispositivos de linguagem que a sua forma aciona; enfim, a *dialógica*, que contempla a frequente interlocução do cronista com seus leitores. Essa dimensão "tem a ver com a fortuna crítica ou a recepção da obra junto aos leitores. Digamos, uma dimensão *transitiva* ou *relacional*".

CAPÍTULO 1

AS MARCAS DA ESCRAVIDÃO E A LITERATURA

Na literatura, a narração pelos grandes escritores dos fatos representativos de sua sociedade pode ser vista, quase sempre, com novos olhares, adaptados a seu tempo e a épocas futuras, por sua originalidade, que sempre lhes dá um aspecto de evento atual. Um exemplo disto é a crônica *O punhal de Martinha* (Anexo H), escrita por Machado de Assis no século XIX e que representa a versão, em seu tempo, da narrativa de Tito Lívio sobre o suicídio de Lucrecia, personagem romana estuprada por Sexto Tarquínio (ASSIS, 1973, v. 3, p. 615). No relato de Lívio, Lucrecia, ultrajada por Tarquínio, ignora os conselhos do marido e do pai, que lhe dizem não haver crime onde não houve aquiescência, e se mata com um punhal, após pedir vingança do ultraje sofrido. Já na versão tupiniquim, é Martinha, uma baiana que apunhalou e matou um desafeto, chamado João Limeira, que a agredira dias antes, “irritado com seus desdêns”. No primeiro caso, a desonra fora consumada; no segundo, houve apenas a intenção do agressor em nova investida, que ignorou o aviso de Martinha para não se aproximar, e acabou sendo morto.

Temos, na citação acima, por seu lado, o narrador do século XIX, de uma nação de literatura periférica, dependente dos relatos europeus, e, do lado oposto, a literatura universal. O que o cronista brasileiro deseja mostrar, entretanto, com a comparação entre ambos os casos, é que também podemos ter o nosso espaço na literatura, pois os dramas populares, ainda que não tenham o destaque dos ligados aos nobres da literatura mundial, também causam indignação, comovem, atraem e, se não fazem parte da história, nem por isto deixam de ter a sua beleza literária e de representar a realidade de nosso povo.

1.1 Influência da cor, condição orgânica e social em Machado de Assis

A julgar pelo que relata Candido (1995), baseado em estudos de Jean-Michel Massa, quase nenhuma influência exerce a raça, a tão decantada epilepsia, a gaguez e mesmo a condição social sobre a personalidade e obra machadianas. Sua ascensão social foi rápida. "Tipógrafo, jornalista, funcionário modesto, finalmente alto funcionário, a sua carreira foi plácida". Por outro lado, diz Candido, não se deve tentar, de modo excessivo, como o fizeram Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer e Mário Matos, interpretar a obra de Machado com base em sua vida ou vice-versa, haja vista sua imparcialidade na produção literária.

Mas, como diz Magalhães Júnior (2008), em suas produções poéticas da juventude, em especial, vê-se o quanto os primeiros anos de vida machadiana foram marcados pelo sentimento de perda da mãe, pela vida humilde que, de futuro, fez questão de não expressar em seus trabalhos literários, senão de modo muito bem disfarçado pelo distanciamento do narrador. Conforme afirma Magalhães Júnior (2008, p. 19) nada se sabe, ao certo, do que ocorreu na vida do jovem poeta no período que vai dos seus dez anos, quando ficou órfão de mãe, até seus quinze anos de idade. Nessa idade, com publicações literárias ainda pouco expressivas, como a do poema Ela, na *Marmota Fluminense*, e ainda grande insipiência literária, chamou a atenção de algumas pessoas, as quais o incentivaram a continuar sua produção textual. Associou-se, também, a grupos literários, como a "Sociedade Petalógica", e, em contato com poetas, também jovens, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, foi estimulado a produzir obras que, com o passar do tempo e a leitura intensa, foram consolidando seu estilo e inspiração incomuns. Segundo Magalhães Júnior (2008, p. 68), na crônica de 11 de setembro de 1864, "Machado de Assis recordou esse período de sua mocidade". Ao passar do gênero poético para a prosa, em especial após os anos 1880, quando o escritor entra na maturidade da vida, seu estilo satírico consolida-se. As torpezas sociais, os tormentos psicológicos são, na técnica machadiana, sugeridas candidamente, ironicamente, como se o autor e o narrador nada tivessem a ver com o que é narrado.

1.2 Negritude, escravidão e literatura: Castro Alves, Cruz e Sousa e Machado de Assis

Pode-se dizer que, mesmo quando sob o aspecto da ambiguidade e do desafio ao leitor, numa espécie do "decifra-me ou devoro-te", da esfinge grega, os temas sociopolíticos na obra machadiana são marcados pelo absenteísmo, ou seja, é como se autor e narrador não se imiscuissem diretamente com o que é relatado na obra literária. Quem tem que julgar as intenções, pelo escrito, é o leitor. Há, entretanto, em nossa história, fatos marcantes, que enlameiam o progresso de nossa sociedade e nos deixam com uma dívida de difícil quitação. Esse é o caso do "período negro", literalmente falando, de nossa história e as marcas que deixou, até os nossos dias, nos cidadãos afro-descendentes. Já no Brasil colonial, a classe dominante era a de proprietários de terras e de escravos, segundo Alencar et al (1979, p. 22). A sociedade brasileira viria a formar-se de "senhores brancos e muitos trabalhadores, na sua maioria negros e escravos" (Id., p. 23). A força do trabalho escravo, submetido ao trabalho duro nos canaviais, de início, com o tempo especializou-se e sofisticou-se, dando origem ao tráfico negreiro, de dolorosas marcas tão decantadas, em especial no poema de Castro Alves,

O navio negreiro, em 18 de abril de 1868, cujas estrofes mais pungentes, reproduzimos abaixo:

Terceira Parte

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

Quarta Parte

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

Quinta Parte

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 De teu manto este borrão?...
 Astros! Noites! Tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
 Que não encontram em vós
 Mais que o rir calmo da turba
 Que excita a fúria do algoz?
 Quem são? Se a estrela se cala,
 Se a vaga à pressa resvala
 Como um cúmplice fugaz,
 Perante a noite confusa...
 Dize-o tu, severa Musa,
 Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde vive em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão.
 Ontem simples, fortes, bravos.
 Hoje míseros escravos,
 Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
 Como Agar o foi também.
 Que sedentas, alquebradas,
 De longe... bem longe vêm...
 Trazendo com túbios passos,
 Filhos e algemas nos braços,
 N'alma lágrimas e fel...
 Como Agar sofrendo tanto,
 Que nem o leite de pranto
 Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram crianças lindas,
 Viveram moças gentis...
 Passa um dia a caravana,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus...
 ...Adeus, ó choça do monte,
 ...Adeus, palmeiras da fonte!...
 ...Adeus, amores... adeus!...
 (...). Apud Moura, 2010, p. 61- 64.

O poema é longo, belo e verossímil. Seus versos dão-nos a exata dimensão do que foi o sofrimento do negro vendido por seu próprio irmão, transportado a uma pátria distante, humilhado, maltratado e, por fim, escravizado. Diz Alencar et al (1980) que, ao longo do tempo, o tráfico negreiro, como atividade mercantilista de alto lucro, seduziu os chefes dos

grupos tribais que vendiam pacificamente seus irmãos de raça, "corrompidos pelos mercadores europeus, que lhes ofereciam tecidos, joias, metais preciosos como o ouro e o cobre, armas, tabaco, algodão, cachaça e até búzios" em troca dos negros apreendidos para o vil comércio da servidão humana. E continua esse historiador seu relato sobre a triste sina da raça negra:

A valorização mercantilista do homem negro, fonte de riqueza para quem traficava e para quem utilizava sua forma de trabalho, custou muito caro: 'Em quatro séculos, do XV ao XIX, a África perdeu, entre escravizados e mortos, 65 a 75 milhões de pessoas, e estas constituíam uma parte selecionada da população, uma vez que ninguém, normalmente, escraviza os velhos, os aleijados, os doentes.' (APTHEKER apud ALENCAR et al, 1980, p. 27). Segundo estimativas de Afonso Taunay, entraram no Brasil, nos séculos XVI, XVII e XVIII, respectivamente, 100.000, 600.000 e 1.300.000 negros escravizados. Arrancados de sua terra de origem, uma vida amarga e penosa esperava esses homens na Colônia. Trabalho de sol a sol nas grandes fazendas de açúcar. Tanto esforço que um africano aqui chegado durava, em média, de 7 a 10 anos! E desembarcar no Brasil já era prova de muita resistência. 40% dos negros malungos (aprisionados e transportados) pereciam durante a viagem, nos tumbeiros - os navios negreiros. Já se disse que os escravos faziam de tudo, eram mãos e pés do senhor do engenho. A riqueza produzida no Brasil dependia desse trabalhador (...). Em troca do seu trabalho os escravos recebiam três pês: pau, pano e pão. E reagiam a tantos tormentos se suicidando, evitando a reprodução, assassinando feitores, capitães-do-mato, proprietários (ALENCAR et al, 1980, p. 27- 28).

Cruz e Sousa, no ensaio intitulado *Emparedado*, expressa seu sentimento de revolta contra a discriminação de cor. Para o Cisne Negro, nas nações novas, sem uma etnia definida, o sentimento artístico era inviabilizado pelo meio, em virtude de se pertencer ou proceder de uma raça considerada inferior por uma simples questão "da química biológica do pigmento". Para ele, porém, nada disso importava, pois o sentir, os gritos, os sonhos, os desejos e a febre não têm cores. E prossegue, adiante com o brado revoltado que só os oprimidos e discriminados, como ele o foi, ou os poetas compreendem plenamente:

Artista! Pode lá isso ser se tu és d'África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuando de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia! A África arrebatada nos ciclones torvelinhantes das Impiedades supremas, das Blasfêmias absolutas, gemendo, rugindo, bramando no caos feroz, hórrido, das profundas selvas brutas, a sua formidável Dilaceração humana! A África laocoôntica, alma de trevas e de chamas, fecundada no Sol e na Noite, errantemente tempestuosa como a alma espiritualizada e tantálica da Rússia, gerada no Degredo e na Neve — polo branco e polo negro da Dor! Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá do fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebeldes, dessa flagelada África, grotesca e triste, melancólica, gênese assombrosa de gemidos, tetricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa África dos Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas! A África virgem, inviolada no Sentimento, avalanche humana amassada com argilas funestas e secretas para fundir a Epopeia suprema da Dor do Futuro, para fecundar talvez os grandes tercetos tremendos de algum novo e majestoso Dante negro! Dessa África que parece gerada para os divinos cinzéis das colossais e prodigiosas esculturas, para as largas e

fantásticas Inspirações convulsas de Doré - inspirações inflamadas, soberbas, choradas, soluçadas, bebidas nos Infernos e nos Céus profundos do Sentimento humano. Dessa África cheia de solidões maravilhosas, de virgindades animais instintivas, de curiosos fenômenos de esquisita Originalidade, de espasmos de Desespero, gigantescamente medonha, absurdamente ululante — pesadelo de sombras macabras — visão valpurgiana de terríveis e convulsos soluços noturnos circulando na Terra e formando, com as seculares, despedaçadas agonias da sua alma renegada, uma auréola sinistra, de lágrimas e sangue, toda em torno da Terra... Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do Mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando, acumulando pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça. Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, broncamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim, para trás, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo — horrível! — parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num frio espasmo de terror absoluto...E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, — longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho... (SOUSA, 2010).

Sobre o poema cruzeirosiano *Litania dos pobres*, informa-nos Silveira (1982, p. 59) que apenas nos poemas de Castro Alves é possível "encontrar ressonância tão funda quanto a que vibra nesse poema" que, se analisarmos com rigor, perceberemos que esses pobres citados por Cruz e Sousa são, principalmente, os negros escravizados no Brasil. E, dessa época há apenas alguns anos, haviam sido libertados sem qualquer compensação que se possa considerar justa até os dias atuais. São os nossos descamisados, os sem terra, sem água, sem pão dos nossos dias, em sua maioria negros e mulatos. O poema é também muito longo e belo, mas transcrevemos apenas as primeiras estrofes que, de certa forma, se repetem centopeicamente, como que a bradar contra a opressão dos escravos e assemelhados, em especial em função da raça.

Litania dos pobres (Cruz e Sousa)

Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
Cegos, a tatear nas portas.

Procurando o céu, aflitos
E varando o céu de gritos.

Faróis à noite apagados
Por ventos desesperados.

Inúteis, cansados braços
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Ofício
Condena a feroz suplício.
(...)

Ó pobres! Soluços feitos
Dos pecados imperfeitos!

Arrancadas amarguras
Do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios.
Imponderáveis mistérios.

Bandeiras rotas, sem nome,
Das Barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas
Das sangrentas barricadas.

Fantasmas vãos, sibilinos
Da caverna dos Destinos!

Ó pobres! O vosso bando
É tremendo, é formidando!
(...)

Ó Pobres de ocultas chagas
Lá das mais longínquas plagas!
(...)

Machado não chegou a tanto na poesia. Seu estilo é bem outro, pois, embora tenha composto uma dúzia de belos poemas, entre os quais se encontram seis traduzidos, cedo descobriu que seu verdadeiro talento estava na prosa. Foi o que Manuel Bandeira afirmou no prefácio da obra publicada pela Editora José Aguilar: "Machado de Assis poeta tornou-se uma vítima de Machado de Assis prosador. Certamente a obra do romancista e do cronista distancia enormemente a do poeta" (BANDEIRA In: ASSIS, 1973, v. 3). Diz Bandeira (id., *ibid.*), que já se prenunciava, em alguns desses poemas, em especial no intitulado *Uma Criatura*, "o pessimismo irônico e o estilo nu e seco, toda a filosofia e toda a técnica da segunda fase do escritor".

UMA CRIATURA

Sei de uma CRIATURA antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.

Habita juntamente os vales e as montanhas;
E no mar, que se rasga, à maneira de abismo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo;
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de egoísmo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
Gosta de colibri, como gosta de verme,
E cinge ao coração o belo e o monstruoso.

Para ela o chacal é, como a rola, inerme;
E caminha na terra imperturbável, como
Pelo vasto areal um vasto paquiderme.

Na árvore que rebenta o seu primeiro gomo
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,
Depois a flor, depois o suspirado pomo.

Pois essa criatura está em toda a obra:
Cresta o seio da flor e corrompe-lhe o fruto;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o poluto e o impoluto;
Começa e recomeça uma perpétua lida,
E sorrindo obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a morte; eu direi que é a vida.
(ASSIS, 1973, v. 3, p. 151.)

Duarte (In: ASSIS, 2007, p. 9) esclarece que biógrafos machadianos do passado, como Mário Mattos (1930), Lúcia-Miguel Pereira (1936) e Augusto Meyer (1952) apresentaram-nos um perfil machadiano de omissão “perante os problemas de seu tempo”. Tais opiniões levaram outros intelectuais, como Ironides Rodrigues, a descrever Machado como um escritor desinteressado das questões sociais de sua época, em especial no que tange à escravidão.

Rodrigues sintetiza a opinião equivocada que, ao longo do tempo, cristalizou a imagem do cidadão omissivo e do homem de letras denegador de suas origens nas atitudes, na escrita e no pensamento. Contudo, leituras mais rigorosas, como as de Magalhães Júnior, Roberto Schwarz, John Gledson, Sidney Chalhoub, entre outros, vêm sendo feitas e polemizam com o suposto “alheamento” ou “absenteísmo” da obra machadiana (...) (DUARTE. In: ASSIS, 2007, p. 9).

Isto é o que procuramos demonstrar nesta pesquisa: Machado não se omitiu na questão da escravidão. Em primeiro lugar, como o autor da citação acima, situamos o funcionário Machado de Assis, chefe da Segunda Seção do Ministério da Agricultura encarregado de acompanhar a execução da aplicação da Lei do Ventre Livre. Nessa função, o

trabalho machadiano e de sua equipe resultou em benefício de milhares de escravos. Chalhoub realça os pareceres e réplicas produzidos pelo Bruxo do Cosme Velho em suas funções de chefia nos altos postos da burocracia imperial e, segundo Duarte (In: ASSIS, 2007, p. 10), "ressalta seu papel de cidadão empenhado em fazer cumprir o preceito que libertava os filhos de escravos nascidos depois do 28 de setembro de 1871".

Desse modo, mesmo não assumindo “uma militância abolicionista explícita, a exemplo dos líderes do movimento”, foi também como articulista de crônicas irônicas e satíricas que Machado contribuiu com a abolição da escravidão no Brasil. A obra básica para a análise das crônicas é *Bons dias!*, introdução e notas de John Gledson, por se tratar da produção do “Bruxo do Cosme Velho” no ano em que foi decretada a abolição da escravidão no Brasil. Nesse livro, de modo direto ou indireto, das quarenta e nove crônicas elencadas, onze delas abordam o assunto escravidão. Para melhor entendimento de como Machado de Assis explorou o tema, esquematizamos abaixo sua produção, na obra citada, por ordem cronológica e tipo de abordagem predominantemente direta ou indireta:

Data	Tipo de Abordagem Predominante	
	Direta	Indireta
5 de abril de 1888	Não	Sim
19 de abril de 1888	Não	Sim
27 de abril de 1888	Sim	Não
4 de maio de 1888	Não	Sim
11 de maio de 1888	Sim	Não
19 de maio de 1888	Sim	Não
20-21 de maio de 1888	Não	Sim
27 de maio de 1888	Não	Sim
1º de junho de 1888	Não	Sim
26 de junho de 1888	Sim	Não
13 de fevereiro de 1889	Não	Sim

Tabela das crônicas machadianas com referências à escravidão em *Bons dias!*

Com base na tabela acima, verifica-se que a maioria das crônicas dessa série, com abordagem sobre a escravidão, foram escritas em 1888. Apenas uma foi escrita em 1889, com referência indireta ao assunto. Quanto às produzidas em 1888, em número de dez, quatro delas fazem referência direta às questões envolvendo a escravidão, e seis referem-se indiretamente ao assunto, o que, entretanto, na análise desses textos, não diminui a

importância das menções, cuja verdadeira intenção foi a de chamar a atenção do leitor sobre o drama dos escravos e a luta dos que defendiam seu direito de liberdade com ou sem indenização ao senhor ou ao seu servo.

1.3 As marcas do negro e a literatura

Modernamente, nada melhor do que o relato do próprio negro, sobre sua luta em ocupar seu espaço na sociedade, para ilustrar o drama de uma raça ainda hoje olhada com desdém, vista como de segunda categoria por muitos, discriminada socialmente e que luta ainda, e muito, para libertar-se da escravidão, tanto física quanto mental, como ainda ocorre nos canaviais, nos empregos como boias-frias, no interior do Brasil, e mesmo nas grandes capitais. Um exemplo de escravidão mental: no prólogo do seu livro, Silva (2010) dá-nos uma noção bastante real do que seja a convivência com a discriminação em relação à negritude em nosso país. O autor, negro, encontrou muita dificuldade para defender sua tese de doutorado, que atribuiu à repulsa de professores ao teor proposto em seu trabalho. Faz duras críticas aos doutos professores da Instituição de Ensino Superior, onde se pós-graduou, por considerar ter havido muita má-vontade dos professores procurados para orientá-lo na análise literária pretendida por ele. Percebem-se as marcas psicológicas da discriminação sofrida por Silva já no primeiro parágrafo de seu prólogo:

Num certo sentido, este livro começou a ser “escrito” no dia em que eu, pela primeira vez na vida, saí de casa caminhando com meus próprios pés, e fui à rua brincar com companheiros de infância, todos eles de idades tão tenras quanto a minha. É a partir de contatos dessa natureza, que todos nós, negros, crianças ainda, começamos a descobrir como somos, e começamos a dimensionar com exatidão o significado de uma condição que nos acompanhará para todo o sempre, em vista da realidade crucial de termos que conviver sob circunstâncias impostas por um mundo que não é, mas parece ser propriedade dos homens brancos (SILVA, 2010, p. 9).

O relato do autor faz-nos lembrar, por nossa vez, os primeiros contatos, na infância, com um coleguinha de raça negra e os golpes impressos em seu estado psicológico em função de algumas “inocentes” observações que nós, seus amiguinhos “brancos”, lhe fazíamos em torno da cor de sua pele. Ser "negro" era ser diferente, em nosso entendimento infantil. Podemos, pois, como Amauri, assegurar que, na condição de "branco", desde os seis ou sete anos de idade, percebemos o quanto estávamos ferindo, com sentimentos de vergonha, humilhação e mesmo ódio essas outras crianças, não menos humanas e boas que nós, com nossas “ingênuas” observações sobre sua diferente cor de pele. Como observou Silva, nossos pais, sejam eles negros ou brancos, não nos educaram sobre a conduta respeitosa que devemos ter com as demais pessoas, independentemente da cor da epiderme. As pessoas, diria Bakhtin

(1992), não são coisas, são indivíduos singulares, únicos, que precisam ser tratadas, antes de mais nada, com amor. Ao contrário disso, o que se observa em algumas famílias “brancas” são piadinhas do tipo “só podia ser negro”, “preto quando não suja na entrada, suja na saída”.

Assim conclui Silva o prólogo do seu livro:

A Literatura, sempre tão compromissada, tão imparcial e tão polissêmica no trato com as coisas dos homens e do mundo, mas, que, ao contemplar a presença do negro, rompe com princípios básicos que norteiam o fazer literário, e, agindo assim, contribui com a manutenção do *establishment*, ecoando discursos consagrados, e preservando interesses dominantes (SILVA, 2010, p. 13).

É um trabalho interessante, mas embora trate com bastante realismo a questão da escravidão do negro no Brasil e autores consagrados, como Cruz e Sousa, com destaque para sua obra “O emparedado”, na qual denuncia o tratamento desumano dado pela sociedade brasileira ao negro, quase nada fala de Machado de Assis, mulato neto de escravos, cuja obra é considerada por críticos, como o inglês John Gledson e o americano Harold Bloom, como nosso maior escritor.

Para não ser injusto com Silva, este faz referências, em seu livro, a alguns trechos machadianos sobre a escravidão, em obras como *Memórias póstumas de Braz Cubas* e *Esauí e Jacó*, como esta citação, em que diz ter Machado observado, nessa última obra, que “a abolição é uma aurora da liberdade: esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco” (Apud SILVA, 2010, p. 181). Essa seria, segundo Silva, “uma abolição que não priorize apenas o corpo físico de quem quer que seja, mas que, acima de tudo, demonstre um poder de atuação, que além de incidir sobre o físico, incida também sobre mentalidades”.

Também nas páginas 164 e 165 de seu livro, Silva faz uma crítica a Brookshaw, por sua afirmação de que Cruz e Sousa, Tobias Barreto e Machado de Assis teriam tentado ocultar “suas origens humildes escrevendo uma poesia de extrema habilidade técnica e sensibilidade”. Disso discorda ao afirmar que esses autores “apresentam conteúdos e significações que estão muito além de motivações pessoais”. O interesse da obra de Silva está na crítica que faz à sociedade branca, pelo tratamento discriminatório ao negro e ao pouco caso de nossos teóricos literários com a questão mal resolvida da escravidão no Brasil.

De fato, esclarece Marques (2010, p. 16- 17) que, no Brasil imperial, as liberdades se caracterizavam pela desigualdade demarcada pela posse das grandes propriedades. A sociedade brasileira constituía-se de uma minoria branca, chamada “boa sociedade”, e uma maioria parcialmente mestiça, “livre”, e os negros. Quem detinha o poder de decisão política era a chamada “boa sociedade”; os demais cidadãos eram mantidos “à margem das instâncias decisórias”. A condição de pretensa liberdade, na prática, não passava de uma dependência

dos favores da classe dominante, que independentemente dos partidos conservador ou liberal, vigentes à época, desejava manter “o caráter colonial e escravista da sociedade brasileira”.

Essa “boa sociedade”, baseada na ideia de que o poder econômico estava atrelado ao poderio político, mantinha sob controle o grosso da sociedade e nela vigorava, então, como ainda ocorre em nossos dias, o clientelismo e o favorecimento aos amigos e parentes dos poderosos. Isso implicava, igualmente, a perseguição aos inimigos. Em consequência disso, diz Marques, Sérgio Buarque de Holanda afirmou que, no Brasil, a democracia é “um lamentável mal entendido”. Machado de Assis soube representar essa sociedade baseada no clientelismo em suas crônicas, contos e romances.

Informa Camargo (1987, p. 54) que o editor Paula Brito publicou, na *Marmota Fluminense*, o poema “Ela”, de Machado de Assis, quando este ainda tinha 15 anos de idade, e, no ano seguinte, conseguiu um emprego para o então jovem poeta na Tipografia Nacional, cuja direção era de Manuel Antônio de Almeida. Um “detalhe”, Paula Brito era negro. Em apressada avaliação, Camargo diz que Machado “só poderia chegar ao escritor que foi, e com tal matiz, não sendo negro (...). Não precisou ou não quis revelar-se negro”.

Se houvesse feito uma leitura atenta das crônicas machadianas, em especial, nove das dez primeiras publicadas por esse autor na série *Bons dias!*, se tivesse se detido em uma pesquisa minuciosa sobre a atuação machadiana em prol da causa escrava, quando este trabalhou no Ministério da Agricultura, onde foi encarregado de emitir parecer sobre consultas envolvendo questões relacionadas a escravos, em nosso país, não teria Camargo, assim como outros críticos da literatura machadiana, sido tão conservadores no sentido de julgá-lo alheio à causa escrava e avesso à defesa de seus irmãos de raça.

Sayers, crítico norte-americano citado por Camargo (1987, p. 56), diz que até os seus vinte anos, Machado de Assis recebeu das pessoas de sua raça todas as oportunidades que teve para se tornar o grande escritor que foi. “Era de se esperar que em troca emprestasse seu talento à causa do negro, à luta contra a escravidão (...)”. Mas, embora exponha a opinião de críticos que defendem a ideia de um Machado de Assis omissivo em relação à escravidão, no Brasil, Sayers justifica tal conduta pelo fato de que seus modelos “não lidam com o proletariado nos seus romances de vida urbana, e, em segundo lugar, mesmo o negro livre não estava em condições de mover-se pela vida sem peias”. Assim, diz Sayers que “a questão aqui não é a do preconceito ou da ausência do preconceito dos brasileiros para com a gente de cor”. Por fim, conclui esse crítico que “O negro não podia servir como assunto para a ironia de Machado de Assis, porque o negro não podia determinar sua própria conduta ou fixar sua própria posição na sociedade; não era um agente livre, e, por conseguinte, não podia ser

objeto de sua sátira” (SAYERS, 1958, p. 392). Em seguida (p. 393), esse autor defende a opinião de que “Machado de Assis tem mais caracteres negros do que qualquer escritor da vida urbana, e à galeria dos tipos negros encontrados na literatura brasileira ele acrescenta outros que são mais completos e satisfatórios que quaisquer anteriores”. Como exemplo do que afirma, o crítico norte-americano cita as diversas obras, em especial as crônicas, nas quais os negros e seus problemas são tratados com simpatia, por Machado, além da utilização do humor e da sátira objetivando criticar os defensores da escravidão no Brasil.

Segundo Silva Júnior (2010), após cinco anos de sancionada a Lei Áurea no Brasil pela Princesa Isabel, um "caramujo" nobre publicou em sua crônica de 14 de maio de 1893 a seguinte frase:

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto (ASSIS, 1973, v. 3, p. 583).

Se considerarmos, como Gledson, que o narrador e Machado, em suas crônicas, são uma só pessoa, temos que concordar com a opinião de Silva Júnior: o “Bruxo do Cosme Velho” ficou eufórico com a abolição da escravidão no dia 13 de maio de 1888.

Silva Júnior (2010) cita Eduardo de Assis Duarte, que esclarece haver aspectos pouco explorados sobre o tema escravidão nos romances machadianos, como *Helena*, *Memorial de Aires* e, principalmente, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Nessas obras, os senhores de escravos "morrem ao longo do enredo". Já em *Dom Casmurro*, a narrativa tem início com a morte do senhor dos escravos. Como se por influência de uma lei suprema, as viúvas e herdeiros desses senhores, em geral, não conseguissem prosperar com o capital proveniente do trabalho escravo. O narrador mostra ao leitor que a decadência dessas famílias é decorrente da falência da riqueza provinda do sistema escravista brasileiro.

CAPÍTULO 2

O *KHRÓNOS*, O *TÓPOS*, O *FACTUM* E O CRONISTA MACHADO

Süssekind (1990) expõe-nos informações pertinentes ao surgimento, entre nós, e transformação da crônica, inicialmente, narração de fatos históricos decorrentes de impressões de viagens, mais tarde tornada gênero literário que se consolidou em nosso país a partir das produções altamente criativas de Machado de Assis. Em seguida, entra em cena o relato sobre a produção cronista do Bruxo do Cosme Velho com seu estilo, que tanto influenciou a nossa e a literatura mundial até os dias atuais. Betella (2006, p. 12) cita Benjamin, que, por sua vez, destaca o trabalho do cronista e sua imbricação com a história nos seguintes termos:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Em suas considerações sobre o conteúdo supracitado, deduz Betella (2006, p. 30) que o gênero crônica está comprometido, como registro do real, com a verdade histórica por si mesma. Mas *o que é a verdade?* Para a literatura, ela não é senão as impressões humanas e, conseqüentemente, as aquisições de saberes temporais que cada um de nós adquire sem, todavia, ser a mesma para cada ser. Pois até mesmo “a verdade científica” é mutável com o passar dos evos e acréscimos de novas “descobertas” até então ignoradas. Surge, então, na literatura, um paradoxo: a ficção, por vezes, torna-se verdade, e a verdade passa a ser ficção ou, se o quisermos, mentira. Cremos que é aqui que o gênio machadiano se sobressai, ao fazer de fatos banais do cotidiano acontecimentos que não somente divirtam o leitor como também o fazem refletir, indignar-se, ou simplesmente rir.

Segundo Arrigucci Jr. (1987, p. 51),

Esse gênero de literatura ligado ao jornal está entre nós há mais de um século e se aclimatou com tal naturalidade, que parece nosso. Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro.

Por que isso ocorre? Porque o cronista, desde tempos antigos, é e precisa ser (se não, perde o emprego no periódico em que escreve) "hábil artesão da experiência, transformador da matéria-prima do vivido em narração, mestre na arte de contar história"

(ARRIGUCCI JR., 1987, p. 52). Isso porque, a crônica literária surgiu, no Brasil, na segunda metade do século XIX, quando tratava de diversos temas sociopolíticos e históricos.

Acresce Arrigucci Jr. que

O cronista é primeiro folhetinista, como o Alencar de *Ao correr da pena*, colaborador do *Correio Mercantil do Rio*, em 1854 e 1855 (...). Outros autores românticos aproveitaram a mesma deixa, como Joaquim Manuel de Macedo e França Jr., este capaz de trazer qualquer assunto, pelo reforço do lastro de humor, para mais perto do chão, munido que estava de um senso agudo de observação de nossos costumes, qualidade que não passou despercebida dos modernistas, como se nota, pelo que disseram dele Pedro Dantas e Manuel Bandeira (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 57).

Foi então, esclarece-nos esse autor, que Machado de Assis percebeu a leveza da crônica como forma de relato do "útil e do fútil" e, de modo refinado, alusivo, irresistível, entra a relatar as "miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia" (ARRIGUCCI JR., p. 59). O estilo irônico, divertido e criativo de Machado consolida-se no exercício, muitas vezes semanal, de relato dos acontecimentos sociais e políticos de sua época. Mas, além disso, presta-se a fazer refletir a sociedade de seu tempo sobre os graves problemas de então, em especial o regime político e a abolição da escravidão no Brasil.

2.1 A crônica no século XIX

Segundo Sússekind (1990, p. 7), o narrador ficcional, na prosa brasileira, iniciou-se nos anos 30 e 40 do século XIX, com ênfase na literatura fundamentada nas viagens relatadas por seus narradores. As narrativas da primeira metade do século XIX, no Brasil, baseavam-se em "impressões de viagens", "anotações pessoais". As notas informativas sobre a "paisagem nacional", a "descrição do território" era o que predominava. A partir da segunda metade desse século, tanto os gêneros literários se multiplicaram em contos, romances, relatos e crônicas, entre outros, como os próprios textos ficcionais. Dessa época em diante, as narrativas detalhadas de aventuras são substituídas pelas "impressões", ou seja, notas breves sobre o que foi visto (SÜSSEKIND, 1990, p 158- 159). Tais relatos poderiam ser reais ou imaginários. Daí surgirem as crônicas, mistura de ficção e realidade tão bem exploradas por Machado com seu estilo satírico e irônico.

As "crônicas da época", no século XIX, davam uma ideia dos eventos mais produtivos em seus comentários do "fato em si", sem exageros. Elas permitiam ao leitor ter a perspectiva momentânea do historiador (SÜSSEKIND, 1990, p. 194). Essa autora informa-

nos que José de Alencar inspirava-se nas crônicas de sua época, ou datas anteriores, para compor seus relatos históricos em seus romances. Um exemplo é o da narração, nos últimos capítulos de *O guarani*, em que Peri era acompanhado da índia designada como sua esposa, a qual se apaixonou por ele e acabou sendo morta em virtude desse ato. Alencar conhecia o costume índio de dar uma esposa, escolhida entre as mais belas da tribo, para cuidar do seu prisioneiro durante alguns meses. Depois disso, faziam uma festa, matavam e comiam a carne do "hóspede". Se a índia o deixasse fugir, quem morria era ela (op. cit., p. 195).

As crônicas eram, pois, tomadas como representação de fatos verídicos que se prestavam a explorações literárias de todo tipo. A realidade dos relatos confiáveis dos cronistas da época associava-se à imaginação do escritor, que transformava prédios velhos em castelos, formigueiros em torres, paisagens naturais em estátuas (op. cit., p. 200). O diálogo com o leitor, interrompendo a narrativa, era muito comumente utilizado por cronistas do passado. Temos um exemplo em Joaquim Felício de Souza: "Quer o leitor saber quem garimpava, ou acompanhava os garimpeiros?" (op. cit., p. 213). Disso Machado de Assis soube, como ninguém, apropriar-se e aperfeiçoar em toda a sua obra. Vejamos, por exemplo, como o autor usa tal recurso nas crônicas de 5 de abril e 4 de maio de 1888 que compõem a série *Bons dias!*:

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora (...). Mas, não senhor; chego à porta e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma cousa, em resposta, é porque é um grande malcriado (...) (ASSIS, 1973, v. 3, p. 485, parênteses meus).

... Desculpem, se lhes não tiro o chapéu; estou muito constipado. Vejam; mal posso respirar. Passo as noutes de boca aberta. Creio até, que estou abatido e magro. Não? Estou; olhem como fungo (ASSIS, 1973, v. 3, p. 486).

Citamos apenas esses dois exemplos, mas em cada crônica dessa e de outras séries machadianas podemos encontrar, abundantemente, esse recurso caracterizador de um verdadeiro estilo do autor, não somente em suas crônicas como em toda a sua obra: contos, romances e até na poesia, como no exemplo abaixo:

Tu foges à cidade?
Feliz amigo! Vão
Contigo a liberdade
A vida e o coração (ASSIS, 1973, v. 3, p. 217. A um legista).

Segundo Vargas (2009), a crônica nada mais é do que impressões ou fatos vistos, lembrados e narrados sequencialmente. Ao que podemos acrescentar os fatos imaginados. Por isso, pode ou não ser classificada, assim como o conto, como escrito fictício, possível de ocorrer, ou acontecido de fato. Conforme Süsskind (1990, p. 247), os mais variados

acontecimentos relacionados aos costumes da época podiam ser explorados em crônicas: fofocas, política, fatos históricos de menor a maior relevância. Consoante a autora citada (1990, p. 222), os relatos dos fatos banais cotidianos, baseados nos costumes da época, somente a partir da segunda metade do século XVIII ocorrem com mais frequência. É então que as crônicas e charges se expandem e ocupam espaço nos jornais e revistas ilustradas. A ideia do “cronista viajante” tornou-se comum, como os “três relatos de viagem”, de Joaquim Manuel de Macedo: “A carteira do meu tio”, escrito em 1855; “Um passeio pela cidade”, publicado em 1862, e “Memórias da rua do ouvidor”, exposto em 1868.

Sob o título "Crônica, um gênero brasileiro", em 8 de outubro de 2007, José Castello publicou, pela internet, artigo que nos dá uma ideia sobre a representatividade da crônica, no Brasil, a partir do século XIX. A crônica, diz Castello (2007), reside nessas distantes fronteiras literárias onde os cânones se tornam pó e as convicções se enfraquecem. Poucos escritores ousam ensaiá-la, e os que a tentam escrever são submetidos a uma crítica por vezes implacável. Alguns teóricos literários a consideram um "gênero menor", outros nem mesmo a consideram literatura e, sim, documentário ou jornalismo. Para outros, ela é um gênero de ocasião sem maior expressão e efêmero.

Consulta-se o *Houaiss* e, entre outras definições, encontra-se a seguinte: “texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida; e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato”³. Damo-nos por satisfeitos, pois constatamos que a crônica assume sua posição fronteira entre a grandiosidade histórica e as amenidades da vida cotidiana. Espaço de quem opta pela aventura arriscada, a crônica é a mais democrática expressão da literatura, ocupa as lacunas que lhe permitem: jornal, televisão, revista, gazetas escolares e até livros. O cronista pode dizer a verdade, ou não. Sua narração em primeira pessoa passa a noção de confiança. Ainda mais real parece quando o retrato autêntico de sua autoria vem impresso ao lado da crônica. Então, se seu autor disser que está narrando um fato ocorrido quando ele esteve a caminho do supermercado, de uma festa, teatro ou cinema, o leitor não duvida de que esteja lendo um fato verdadeiro (ainda que o não seja).

Essa suposição do real narrado vem da época das navegações exploratórias, quando os cronistas relatavam a seus reis o mundo novo descoberto. Os cronistas eram, pois, missivistas empenhados em dizer a verdade e seu relato não podia ser tido por mentiroso. Vem dos textos bíblicos em que os grandes feitos hebraicos e a sua genealogia são narrados e dos quais não se podia duvidar. A partir do século XIX, principalmente, diz-nos "Houaiss", a

³ Texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

crônica ocupa definitivamente seu espaço como gênero literário. Ela pode ter de tudo um pouco: história, religião, ficção, poesia, crítica, ensaio ou teoria. Em grande parte, ao antigo registro dos fatos históricos somou-se, com a expansão da imprensa, após esse século, a crônica literária. Para isso contribuíram, entre outros, José de Alencar e Machado de Assis. Eles descobriram na crônica o frescor do impreciso, o valor do transitório e a praticaram com a originalidade própria dos grandes escritores.

Em vista do gigantesco trabalho desses dois autores, em especial, é que, no século XX, a crônica se tornou um gênero bem brasileiro, *nas mãos de cronistas geniais como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Oliveira, Sérgio Porto, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Henrique Pongetti e Clarice Lispector*. Ou, melhor falando, foi então que ela se adaptou e expandiu no cenário da literatura brasileira. Tornou-se um espaço de liberdade muito bem explorado por Rubem Braga, que nela apostou como um gênero capaz de jogar de volta a literatura no mundo. Essa é a grande novidade em que se consolidou, do século XIX aos nossos dias, a crônica brasileira: sua liberdade radical. Ela pode ser impressa nos jornais, nas revistas, pode ser transmitida pela televisão, internet e não se compromete nem com a verdade dos fatos, nem com o predomínio da ficção. Ela surge do improviso, atrai pelo brilho da narrativa simples e agradável, exige, apenas, a leveza da escrita.

As crônicas são antiquíssimas. Relatam, na Bíblia, os grandes feitos dos hebreus e sua genealogia. Na história mundial, servem para narrar os feitos das viagens dos navegadores: perigos enfrentados, continentes e povos descobertos, lutas de conquistas, catequeses. A literatura apropriou-se da crônica e fez dela um gênero literário expressivo, como no exemplo abaixo, em que seu surgimento em tempos remotos é informado:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica, mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjecturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol, é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra. Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: – Que calor! que sol! é de rachar passarinho! é de fazer um homem doido! Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço.

O sol das onze horas batia de chapa em todos nós, mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos; lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia? (ASSIS, 1973, v. 3, p. 369).

O cronista explica que a crônica surgiu de conversas triviais, como as das vizinhas que comentam o calor do dia, e utilizam-se desse mote para comentar suas impressões sobre o trabalho de alguns coveiros em dia ensolarado. Assim é a crônica, desde sua antiga gênese, passa de um a outro assunto naturalmente, como se conversasse sobre trivialidades. Essa característica, entretanto, não dispensa a seriedade dos relatos históricos das antigas crônicas, como também, modernamente, em especial com os relatos machadianos, não fica só nisso. Critica os costumes da época, relata eventos marcantes, envereda pela ficção e torna-se um gênero literário dos mais interessantes, em especial por sua curta extensão e em virtude da originalidade do narrador.

Esclarece-nos, ainda, Sússekind (1990, p. 222) que o relato dos fatos banais cotidianos, baseados nos costumes da época, somente tem início a partir da segunda metade do século XIX. É então que as crônicas e charges se expandem e ocupam espaço nos jornais e revistas ilustradas. Ela servia a seus autores como exercícios de preparação para a escrita de seus romances e contos. Os mais variados acontecimentos relacionados aos costumes da época podiam ser explorados em crônicas: fofocas, política, fatos históricos de menor a maior relevância (1990, p. 247). A crônica foi, pois, um gênero bastante explorado por diversos escritores no Brasil no século XIX. Havia os cronistas históricos e os literários. Destes, os principais foram José de Alencar, Joaquim Manuel Macedo e, por fim, Machado de Assis, que a consagrou como gênero literário e, ao estudá-lo, John Gledson deu à crônica, com a publicação de seus comentários e análises sobre a obra *Bons dias!*, um relevo de que antes ela não desfrutava" (BOSI, 2010). Creio não ser exagero dizer que, ainda nesse século, Olavo Bilac e Raul Pompeia muito aprenderam com a técnica machadiana.

Olavo Bilac substituiu Machado de Assis como cronista da Gazeta de Notícias, no crepúsculo do século XIX, e, como seu continuador, presta a este sua homenagem na seguinte citação de Dácia Ibiapina da Silva:

Na 'Crônica', neste aposento reservado em que se apura a resenha semanal dos casos, vivo há pouco tempo. Já moraram aqui vários espíritos formosos: um deles, que me precedeu, foi o espírito de Machado de Assis, um nababo egoísta, que, um belo dia, ali por volta de 1897, meteu dentro de um saco as luzes e os perfumes, as estrelas e as rosas que costumava espalhar por esta seção, e levantou acampamento,

obrigando o leitor, habituado ao licor precioso do seu estilo, a contentar-se com a água chilra do meu (apud ALMEIDA; ZILLY; LIMA, 2001, p. 144).

Realmente, os estilos são diversos, mas é inegável a influência do Bruxo do Cosme Velho sobre Bilac, como se verifica na leitura de seu comentário. Este possui uma forma bastante explícita de expor seu ponto de vista sobre os acontecimentos de sua época, enquanto aquele sempre adotava uma linha ambígua e predominantemente irônica no que escrevia.

Creemos que, após Machado de Assis, um dos primeiros escritores a dar relevo à crônica literária, no Brasil, foi justamente Olavo Bilac quando, em 13 de janeiro de 1901, escreveu, na Gazeta, o seguinte comentário:

Qual de vós, irmãos, não escreve todos os dias quatro ou cinco tolices, que desejariam ver apagadas ou extintas? Mas, ai! De todos nós! Não há morte para as nossas tolices! Nas bibliotecas e nos escritórios dos jornais, elas ficam, as pérfidas! Catalogadas; e lá vem um dia em que um perverso qualquer, abrindo um daqueles abomináveis cartapácios, exuma as malditas e arroja-as à face apalermada de quem as escreveu... (Id., loc. cit.).

Tal observação mostra-nos o "Príncipe dos Poetas" como pioneiro intérprete da crônica literária como gênero que leva o leitor a confundir realidade e ficção. Vai além de Machado de Assis, que considerava a crônica um texto sem "pretensão de durar, uma vez que é folha de jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa" (Id., loc.cit.). Ignorava o "Bruxo do Cosme Velho" o quanto suas centenas de crônicas, no futuro, seriam estudadas e imitadas.

2.2 O cronista Machado de Assis

Machado iniciou sua carreira de cronista aos 22 anos de idade, em outubro de 1861, na coluna "Comentários da Semana", do Diário do Rio de Janeiro. O autor não revelava seu nome e utilizava alguns pseudônimos como As., M. – as, M. de A., Dr. Semana, Gil, M., Sileno, Job, J. J., Victor de Paulo, Platão, Y, Lara, Manassés, Lelio, João das Regras, Malvolio, Bons Dias e Boas Noites. Provavelmente haja muitos outros, pois sendo uma espécie de laboratório inicial das produções machadianas era-lhe de bom alvitre não se identificar, o que se torna compreensível.

O cronista Machado de Assis tornou-se, com suas centenas de crônicas sobre os mais variados assuntos, um modelo exemplar e, até certo ponto, pioneiro. Com base no real, no lido, no visto, transitava entre a ficção e a realidade. Promoveu dois roteiros: o primeiro, da realidade à ficção; o segundo, da ficção à realidade. Parecia prever, como em tantas

ocasiões nas quais se antecipou ao futuro, que chegaria o dia no qual a velocidade da informática, o avanço da ciência, as mudanças bruscas de paradigmas da sociedade quase não mais permitiriam longos relatos romanceados, como em seu tempo, e sim narrativas curtas, em que o modo de dizer, mais do que qualquer outra coisa, é o que atrairia o interesse do leitor.

Antonio Candido, Arrigucci Júnior, Betella, Enylton de Sá Rego, Flora Süssekind, Sonia Brayner, Gabriela Kvacek Betella, Gustavo Corção, Roberto Schwarz, Raimundo Faoro, e muitos outros, como Marcus Vinícius de Freitas e Hélio de Seixas Guimarães, Alfredo Bosi e John Gledson, são, entre inumeráveis pesquisadores, autores da vasta fortuna crítica sobre as crônicas machadianas.

Arrigucci Júnior (1987, p. 58) comenta que, também no material folhetinesco, Machado penetrou fundo, com sua graça e ironia. "Machado se afina pelo tom menor que será, daí para a frente, o da crônica brasileira, voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia (...)". Mais adiante, esse crítico exalta o trabalho de Gledson sobre a obra machadiana *Bons dias!*, publicada na Gazeta de Notícias, entre 1888 e 1889. Deduz Arrigucci Júnior (1987, p. 60) que Gledson "rastrea minuciosamente, com perícia de detetive, os traços da posição machadiana diante de fatos históricos decisivos como a Abolição". Além dos aspectos históricos e políticos, aduz que, no âmago da obra de Machado, o gênero crônica se liga aos seus romances "por vários lados, e provavelmente também como os contos, fazem parte de um projeto literário e histórico, mais vasto e coerente, que Machado teria concebido, levado pela intenção realista de retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia" (ARRIGUCCI JÚNIOR, loc. cit.). Um exemplo citado por esse crítico é o caso da relação das crônicas com a obra *Quincas Borba*, na qual o narrador se caracteriza por uma "agressividade com o leitor, conjugada ao tom brincalhão e zombeteiro, bem como ao distanciamento olímpico em relação à história narrada" (id., p. 61). Conclui esse teórico que não somente pela matéria tratada, mas também pela arte do tratamento, a crônica machadiana se avulta e, pois, requer mais estudos.

Betella se enquadra entre os teóricos atuais que vêm aceitando esse desafio e aprofundando estudos sobre o trabalho cronístico machadiano. Diz essa pesquisadora que

É consenso na fortuna crítica machadiana que a materialização dessa relação entre ficção e realidade aparece na prosa do escritor de modo cada vez mais ousado a partir de 1880. A forma crônica, gênero marcado pela incompletude, pela informalidade e pelo jocoso, se adequa oportunamente à regência das superficialidades, frustrações e narcisismos de uma época: a narrativa passa em revista uma tendência histórica, em suma (BETELLA, 2004, p. 11).

Esclarece essa autora que *Bons dias!* expressa uma "luta pela validade da crítica sem ardores, sem declarada oposição ou adesão às novas feições político-econômicas (...), uma consciência do caráter cíclico e repetitivo da história". Conclui, então, que "visualizar esse movimento embutido no texto é estabelecer o ponto de partida para a composição do perfil do narrador da crônica, como também é definir as origens dos condutores das obras machadianas de fundo memorialístico" (BETELLA, 2004, p. 22- 23).

No capítulo “Literatura de dois gumes”, do livro *A educação pela noite e outros mistérios*, esclarece-nos Antonio Candido que

A literatura desempenhou papel saliente nesse processo de imposição cultural, bastando lembrar que os cronistas, historiadores, oradores e poetas dos primeiros séculos eram quase todos sacerdotes, juristas, funcionários, militares, senhores de terras (...), mas mesmo quando desprovida de aspecto ideológico ostensivo, seria uma forma de disciplina mental da Europa, que deveria ser aplicada ao meio rústico a modo de instrução e defesa da civilização (CANDIDO, 2000. p. 142).

Candido (2000) informa-nos ainda que nossa ligação com a literatura europeia deve ser considerada “um fato quase natural”. Nossas formas estéticas, como a do “Parnasianismo” e “Simbolismo”, provêm das escolas francesas. Mais adiante, diz que superamos, entretanto, essa dependência com a produção de obras de “primeira ordem”. E, nesse sentido, temos em Machado um ícone também da produção cronista.

O processo de descrever a vida nas grandes cidades brasileiras teve início na década de 1840, principalmente, no Rio de Janeiro. E isso teria permitido a "imitação mecânica da Europa", mas também contribuiu para proporcionar ao país uma "linguagem que procura dar conta dos problemas que são de todos os homens, em todos os quadrantes, na moldura dos costumes da civilização dominante" (CANDIDO, 2006- B, p. 245). O clímax desse avanço literário, deduz, está em Machado de Assis, que eleva ao "primeiro plano o homem existente no substrato dos homens de cada país, região, povoado".

Segundo Rego (1989, p. 8), a partir da década de 1880, Machado de Assis inicia seus trabalhos com base na tradição da sátira menipeia. Essa forma estilística surge, em seus romances, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra marco da produção romanceada da segunda fase do escritor. Gênero “cômico-fantástico”, segundo José Guilherme Merquior (apud Rego, 1989, p. 16). Ressalte-se aqui o comentário abaixo sobre algo que também já havíamos constatado nas onze páginas da obra de Brayner (1979, p. 55 - 65), que tratam sobre o “laboratório ficcional” de Machado de Assis:

Sônia Brayner, num estudo dedicado às relações entre as crônicas de Machado e a segunda fase de sua obra romanesca, mostra que a produção de “crônicas” e de folhetins é o “laboratório ficcional” da inovação machadiana, estando na origem do caráter “híbrido” do seu “novo enunciado romanesco” (REGO, 1989, p. 17).

Efetivamente, Brayner (1979, p. 55) deduz que a “crônica jornalística forneceu a Machado de Assis o desembaraço preparatório para as experiências de um novo enunciado romanesco”. Isso decorre, de acordo com a autora, da relação do escritor, diária e progressista, com o leitor, ao longo de quarenta anos de produção cronista. Esclarece essa autora que a crônica brasileira teve sua gênese no século XIX, quando ocupava, nos diários, a “seção denominada *folhetim*”, que publicava conto, crônica, romance e mesmo poemas. A crônica, a partir de então, passa a ser considerada gênero literário e a conquistar seu espaço definitivo na literatura.

O chamado estilo fragmentário de Machado de Assis foi identificado, em seus romances, por autores como Sílvio Romero, Afrânio Peixoto e Lúcia Miguel Pereira. Mas essa característica também está presente em suas crônicas. Machado transitava, conforme esses autores, de um a outro assunto naturalmente, como se estivesse em conversa de botequim com o leitor, a quem se dirige diversas vezes. A inclusão do leitor é uma característica marcante do estilo machadiano.

Brayner esclarece-nos que “as crônicas servem de domínio preferido para o ensaio de uma nova linguagem, de caracterização dialógica, campo experimental para um tipo de narrador, não convencional” (1979, p. 58). Como exemplo, cita um trecho de crônica machadiana de 1877, na qual ele diz que existe um modo certo de iniciar uma crônica por uma trivialidade, falando-se do clima, em seguida, “dos fenômenos atmosféricos” e outros assuntos, como “a febre amarela”, e retomando-se o assunto do clima, com a citação do “suspiro a Petrópolis”, onde a temperatura é agradável. Conclui essa autora que “a fragmentação propositada e requerida pela rapidez dos flagrantes da crônica serão levadas para o espaço romanesco”. Essa “aparente desordem textual”, explica Brayner, “nada mais é do que uma nova estratégia narrativa, agora centrada em um narrador consciente, que intervém com frequência”.

Em suas crônicas, Machado utiliza-se da ironia para criticar os descabros sociais de sua época, como também elogiar tudo aquilo que considera digno. Utiliza-se da retórica para o “ensaio de uma nova linguagem de caracterização dialógica”, como diz Brayner (1979, p. 58). Assim é que se utiliza da sátira e da paródia para, com ironia, de modo bivocal, comentar os costumes de seu tempo. Machado é o primeiro grande inovador brasileiro da crônica como gênero literário. Ela lhe permite o diversificado e diário exercício da exposição da narrativa baseada na perspectiva própria do autor. Também inova com a criação do multilinguismo, da paródia e da ironia, que, muitas vezes, permite-nos a leitura de uma crítica sociopolítica disfarçada pelo humor.

É esse estilo que, atualmente, alguns críticos brasileiros e americanos associam à sátira menipeia, o uso do riso e da ironia, do dialogismo e da bivocalidade que, para Rego (1989, p. 21), enquadra a obra machadiana como de uso proposital da “tradição luciânica”. A ideia da construção da obra machadiana com base no lucianismo tem, igualmente, a contribuição de Guimarães, que informa sobre a filiação machadiana à tradição ficcional da sátira menipeia, segundo proposto inicialmente por José Guilherme Merquior, no início da década de 1970 (In: SECCHIN; BASTOS; JOBIM. Organizadores. 2008, p. 42).

Com Machado, na segunda metade do século XIX, o “narrador viajante”, que serviu de base aos escritos literários na primeira metade daquele século, com suas cartas geográficas, descrições de costumes, paisagens naturais, tudo isso é, em grande parte, substituído pelos relatos críticos, reflexivos e satíricos. Para Sússekind (2006, p. 262), não é "bem a 'aventura', a 'maravilha', o 'mistério' ou a viagem propriamente dita “o alvo do desarme machadiano” e, sim, "o apequenamento propositado da intriga, a exibição da mediania dos personagens". Segundo essa autora, Machado, que nunca fez longas viagens, a não ser nas proximidades do Rio de Janeiro, não compunha suas obras com base nas narrativas de viagens, muito comuns no passado, mas sim, tendo por fulcro de seus relatos "o tempo, o ridículo, a mobilidade interna" (p. 265). Mais adiante, completa: "Nem aventura, nem expedição científica, nem regresso à origem, a viagem do narrador machadiano é ao redor de si mesmo, das dicções narrativas, dos casos diminutos e posições ideológicas do seu tempo" (p. 275).

Em toda a obra de Machado podemos observar essa característica psicológica citada por Sússekind e também por Corção, que, além de citar outros aspectos, expressa o que sente ao reler as crônicas machadianas:

(...) mistura de contentamento e de nostalgia, de admiração e de perplexidade. Ninguém mais, neste século, e principalmente neste país, é capaz de escrever com aquela graça dançarina; ninguém mais é bastante sábio e bastante livre para começar sua crônica pelas rosas e borboletas do jardim para emendá-las, com a lógica suprema do delírio, numa intimação da intendência municipal; e ninguém mais sabe compor aquela salada, a que se referia Montaigne, onde entram Voltaire, a instituição do júri, a carta que o grão-turco escreveu do próprio punho no jubileu do Papa, as saudades de Granada, algumas reflexões sobre o Corão, aplicadas logo após as eleições de ubá, tudo isto envolto nos melhores molhos da língua e enfeitado com o creme destas considerações finais sobre um parecer dos síndicos da Geral (CORÇÃO in ASSIS, 1973, vol. III, p. 325).

Com relação à técnica de composição escrita de Machado de Assis, Corção (op. cit., p. 327) esclarece que, por sua maior liberdade, é nas crônicas que a tendência machadiana para a gozação, para a brincadeira é melhor observada. "Vai de uma coisa aqui para outra

acolá, passa do particular para o geral, volta do abstrato ao concreto, desliza do atual para o clássico, galga do pequeno para o grandioso e volta do vultoso para o microscópico, passa do real para o imaginário, e do imaginário para o onírico". A técnica de Machado se baseia na provocação do riso, ainda mesmo que ele esteja tratando de assuntos da mais alta seriedade. Corção, em seus comentários das crônicas de "A semana", após dizer que não sabe se o melhor delas está no início, no meio ou no fim, demonstra o modo peculiar de o cronista submeter-se aos fatos de sua época com narrações historicistas e, por outro lado, escrever crônicas que se baseavam nos fatos para excedê-los com divagações e atividades tipicamente literárias fora da ordem do seu tempo. Essa segunda característica predomina nas crônicas machadianas, o que lhes dá um aspecto perene; os fatos, por si mesmos, não têm tanta importância quanto o modo de narrá-los. Vê-se, pois, nesses trabalhos jornalísticos de Machado, tanto o caráter reflexivo e crítico, quanto os aspectos imagísticos, aparentemente indiferentes ao que, com sua percepção aprofundada, deixava ao leitor depreender de seus textos irônicos e humorísticos.

O modo de Machado iniciar cada crônica é, segundo Corção, de alta criatividade. Não é o simples registro histórico que interessa ao redator, seu interesse pelos relatos semanais do jornal sobre tudo o que ocorre no Brasil e no mundo é o de um olhar crítico, mas também o de um analista da alma humana e de seu modo de agir e reagir socialmente em relação aos acontecimentos de sua época. Procura explorar, em suas reflexões, os efeitos desses fatos sobre a opinião pública com base em seus comentários satíricos e zombeteiros. Trata, segundo Corção, de maneira leve as coisas graves e de maneira grave as coisas leves.

Dir-se ia que o autor não leva a sério os acontecimentos que têm dimensões nacionais ou universais, e que não faz outra coisa, em suas páginas da semana, senão brincar, ou molhar a pena da galhofa na tinta da melancolia. Tudo é riso, discreto e talvez amargo riso, nessas páginas em que o autor entra em contato com os episódios para provar que não se prende demais a eles (CORÇÃO, 1973, vol. III, p. 329).

A atualidade machadiana, conclui Corção, está nesse interesse associado a um desapego nos fatos que, mesmo sendo graves, não precisam ser expressos com mau-humor. O narrador é completamente distinto do autor, "homem que levou profundamente a sério seus diversos deveres", o que diverge de Gledson que, conforme vimos atrás (p. 24), considera que o narrador e o autor, em alguns casos, são a mesma pessoa. Mas essa obra aparentemente descuidada, voltada para o riso e a ironia, também apresenta sua beleza estilística, o imenso cuidado formal, a capacidade dialógica com o leitor, interação essa que tanta influência exerceu e ainda exerce na produção literária pós-machadiana.

De acordo com Soares (2010), Machado de Assis é, antes de tudo, um cronista que deu início a essas produções já na década de 1850. Pelas décadas seguintes, o Bruxo do Cosme Velho continuou elaborando suas crônicas até 1900 quando, segundo Gledson, publicou duas delas avulsas na *Gazeta de Notícias*. A ocupação do jornalista Machado teve início, efetivamente, a partir de 1860, no *Diário do Rio de Janeiro*, mas foi a partir de 1861 que ele iniciou, de fato, a publicação de suas crônicas, na série intitulada *Comentários da Semana*, nas quais destacava as ocorrências semanais importantes, eventos políticos, sociais, teatrais ou literários. Desde o início de suas atividades jornalísticas, percebe-se nelas um tom polêmico, irônico, satírico e crítico. A ironia torna-se definitivamente marca do seu estilo.

Pina (2008, p. 213) comenta que a crônica machadiana goza de "certa ubiquidade autoral", ou seja, o escritor se faz representar por seu narrador em táticas nas quais o jogo autoritário da época é camuflado. Em seu texto, Pina se propõe a estudar as relações entre fatos históricos e ficcionais em algumas crônicas escolhidas por ela. Inicia afirmando que, aos vinte anos de idade, Machado de Assis tinha verdadeira paixão pelo jornalismo. Para um país recém-saído da situação colonial, em que a tradição oral imperava, o jornal foi a possibilidade de inclusão, de forma rápida e eficiente, da cultura letrada. Seu transporte era fácil, sua leitura atraía grande interesse de muitos cidadãos e o preço era bastante acessível às classes sociais mais baixas. A ideia de criar o hábito de leitura fez com que os periódicos apresentassem formas atraentes de exposição dos assuntos. Assim, investiu-se na diagramação das páginas, em que os textos eram ilustrados, as seções de literatura, variedades e tudo o que fosse do interesse do maior número de leitores era exposto nos cadernos dos jornais.

A crônica, desse modo, conquista seu espaço como texto interessante, voltado para o imediatismo da vida, para os fatos cotidianos, pois o gosto do trivial, o prazer da intromissão na vida alheia sempre fez parte da humanidade. Pina acredita que, "na crônica machadiana, o Brasil se escreve e se inscreve, pois o Rio de Janeiro foi Corte e foi Capital interina da República", ou seja, o povo e a vida carioca representavam, no século XIX, o próprio Brasil. É interessante a conclusão dessa crítica sobre a crônica machadiana como portadora, não da história como verdade, mas, sim, como apropriação do escritor fluminense, que trabalhava com os fatos "miúdos" do cotidiano, aparentemente sem a preocupação com a elevação dos grandes eventos da época. Diz ela que

(...) o cronista machadiano pôde se utilizar das próprias características da crônica para maquiagem seu olhar crítico, reflexivo, irônico sobre o Brasil da época, escapando às censuras das "opiniões" e, exatamente por esse intrincado jogo de esconde-esconde com editores e leitores, pôde criar uma complexa rede de estratégias de

provocação a seus interlocutores e de formação de hábitos de leitura e paradigmas de gosto para o consumo de bens culturais impressos (PINA, 2008, p. 232).

Assim, o leitor do seu tempo, muito mais do que se preocupar com a memorização dos feitos destacados daquele século, era seduzido por um misto de verdade e ficção provenientes da incomparável capacidade criativa de Machado de Assis. Mas, esclarece Pina, os leitores machadianos deveriam ser aqueles "interlocutores capazes de entrar no jogo da crônica e atravessar os saberes e as práticas instituídas e esvaziadas pela repetição inconsciente" (id., *ibidem*). Talvez nem todos percebessem esse jogo, mas certamente numa época em que as pessoas dispunham de mais tempo para ler, a literatura do "Bruxo do Cosme Velho" fazia rir e, do riso, refletir, avaliar e indignar. Daí para o engajamento na luta contra a opressão e pela liberdade, em especial a dos escravos, era apenas mais um passo.

Segundo Schwarz (apud BASTOS, 2006), "a literatura brasileira procurou se apropriar dos modelos realistas europeus e pela procura de entendimento e conceituação da diferença entre os significados que as formas literárias têm no centro e na periferia". Entretanto, foi necessária uma adaptação dos modelos importados da Europa à matéria local. Mais adiante, somos informados por esse autor que somente algo organizado permite a imitação, como ocorre com a "teoria enfática do realismo literário e da realidade social". Deduz-se daí que a "realidade representada" é que dá originalidade nacional à obra. Nesse sentido, Machado de Assis é um dos nossos melhores representantes da realidade. Soube o autor apropriar-se do modelo europeu para adaptá-lo à nossa sociedade e dela fazer uma obra de cunho universal. Isso se evidencia, nas crônicas, no modo ficcional machadiano de abordagem burlesca e irônica, como veremos nas crônicas a serem analisadas.

Brayner (1979, p. 55) afirma ter sido "o campo da crônica jornalística que forneceu a Machado de Assis o desembaraço preparatório para as experiências de um novo enunciado romanesco". O contato diário com seus leitores, o trabalho da oralidade relativa ao gênero fornecem-lhe as bases para a produção de sua obra. Essa escritora faz o levantamento dos nomes dos principais periódicos que publicaram a produção cronista de Machado ao longo de quarenta anos. Foram eles o *Diário do Rio de Janeiro* e *Semana Ilustrada* (1860-75), *O Futuro* (1862), *Ilustração brasileira* (1876-78), *O Cruzeiro* (1878) e *Gazeta de Notícias* (de 1881 a 1900). Há, no livro de Brayner, *Labirinto do espaço romanesco*, p. 55-65, um espaço destinado aos comentários sobre "O Laboratório Ficcional" de Machado de Assis. Ali encontramos a informação de que o exercício da crônica permitiu a Machado desenvolver seu vasto campo de pesquisa para a produção de outras obras, em especial dos romances. Em seguida, a escritora faz um levantamento de diversos trechos de crônicas

voltadas para o relato das ações cotidianas da cidade, o que pressupõe um "narrador presente e estimulante, capaz de avaliá-las" e, como bom observador, transformar esse material em obra de ficção com o estilo e a graça próprios do seu gênio criador.

A autora vai além, cita trechos de crônicas que foram mais tarde aproveitados pelo escritor em seus contos e romances. Deduz assim que

A crônica serve-lhe para o teste de um verdadeiro arsenal poético, de que lança mão com a eficiência consumada de bom conhecedor dos efeitos da retórica sobre o interesse do leitor. Adjetivação insólita, deslocação de predicados, citações eruditas, metáforas ousadas e coloridas de ironia, formas paradoxais e paródias de escrituras alheias vão estimular uma tarefa cujo material volátil e díspar torna bem difícil (BRAYNER, 1979, p. 63- 64).

Nos parágrafos seguintes, explica o modo de o escritor proceder, em seus contos e romances, de forma semelhante à utilizada nas crônicas, que também lhe servem de teste para produções mais extensas:

A paródia passa a ser uma forma preferida, vestida em um "capote axiomático" com que explora a crônica convencional. Estilizando com ironia ou parodiando abertamente, Machado assume de maneira oposta o estilo épico, epistolar, forense, burocrático, teórico e tantos outros. E esta preferência estará sempre presente em seus contos e romances. O dialogismo contraditório e antitético da paródia liberta para Machado de Assis a perspectiva do duplo, a óptica do fantasma, em que se instala (idem, ibidem).

Brayner conclui, em seus comentários sobre o assunto, que é por meio dessa constante dialogização textual que Machado "ilustra o debate de questões e suposições, na tendência bem própria de sua percepção artística de apreender os movimentos do pensar como atitude global do ser". E, assim, desde seus trabalhos elaborados como cronista, procura descrever os entrecosques conscienciais nos contatos ideológicos que observa e representa como manifestos nas atitudes humanas.

Essa autora acredita que o início do trabalho de cronista foi decisivo na elaboração de uma nova "atitude estética", pautada no princípio de "relativização textual", que teria contribuído para a mudança que se operou no romance machadiano a partir de 1880. Indagando a respeito da mesma mudança, Marlyse Meyer chama a atenção para a presença de elementos estilísticos da crônica nos romances da segunda fase, mais especificamente o "tom leve, chistoso e descompromissado" (apud VELLOSO, 2010).

Segundo Guimarães (2009), "Para Gledson, nesses textos semijornalísticos, o acesso ao pensamento do escritor seria substancialmente mais direto que nos contos e romances, em que o contato com a matéria narrada vem refratado - ou deformado - por narradores tendenciosos, não confiáveis, enganosos, etc.". De fato, conclui o crítico inglês que "é na crônica que podemos flagrar melhor as opiniões e posições do escritor diante do

mundo". No entanto, isso não significa que podemos tomar ao "pé da letra" tudo o que o narrador escreve, pois é preciso saber ler, nas entrelinhas, o que ele quer dizer para podermos penetrar o "espírito" de suas letras. Serão analisadas quatro dessas crônicas com base nos critérios propostos por Bosi e citados abaixo. O número reduzido de crônicas para análise objetiva explorar com alguma profundidade as dimensões identificadas em cada texto, como se verá no lugar apropriado e também tendo em vista o aspecto da objetividade adotado nesta dissertação.

Alfredo Bosi destaca a importância do trabalho de Gledson, nos últimos vinte anos, para que a crônica desfrute a importância que não possuía antes e, em seguida, propõe uma "análise interna de cada crônica" de Machado de Assis para observar suas "quatro dimensões": "representativa", "expressiva", "construtiva" e "dialógica". A representativa ou mimética refere-se ao objeto da crônica, relacionado a um fato ou personagem ou suposto personagem. A expressiva ou existencial se relaciona com as emoções do autor refletidas em sua escrita. A construtiva ou formal volta-se para a estrutura textual em si, no gênero crônica e aspectos linguísticos explorados pelo narrador. A dialógica envolve o processo interlocutório frequente entre autor e leitor. Como nem sempre essas dimensões surgem com evidência análoga, o que se destaca, na atualidade, é o caráter mimético ou representativo dos textos, sua ligação com a sociedade carioca e, num aspecto mais amplo, o dialogismo machadiano com o povo brasileiro do Segundo Império. Ressaltem-se aí os aspectos escravistas, senhoriais, todavia já manifestando "aspirações e comportamentos burgueses que o capitalismo internacional estimulava".

Opina Bosi que "a crônica precisa dar algum traço característico às suas figuras, o que leva facilmente ao estereótipo, à caricatura direta ou mascarada de ironia e jocosidade". Isso decorre do seu estilo breve, que somente permite ao escritor abordar rapidamente o "pitoresco, caricato", sem possibilidades de "escavamento em profundidade e em densidade de seus figurantes". Essa característica de brevidade textual justificaria, no entender de Bosi, as notas e comentários referenciais e também didáticos, como o fazem os professores Lúcia Granja, destacada escritora crítico-literária da obra de Machado, e Jefferson Cano. Naquilo que for útil aos objetivos desta dissertação, os comentários gledsonianos da obra supracitada serão inseridos, direta ou indiretamente, quando forem analisadas as crônicas machadianas escolhidas.

CAPÍTULO 3

AS CRÔNICAS E OS EVENTOS SOCIOPOLÍTICOS DO SÉCULO XIX

Se, em nossos dias, a crônica literária tornou-se um gênero consagrado por grandes escritores, foi com o gênio machadiano que ela ganhou cidadania nas letras brasileiras. Atualmente, encontramos facilmente⁴ toda a produção do cronista Machado de Assis, dividida em séries: *Comentários da semana* (1861- 1863); *Crônicas do Dr. Semana* (1861- 1864); *Crônicas- O futuro* (1862- 1863); *Ao acaso* (1864- 1865); *Cartas fluminenses* (1867); *Badaladas* (1871- 1873); *História de 15 dias* (1876- 1877); *História dos trinta dias* (1878); *Notas semanais* (1878); *Balas de estalo* (1883- 1886); *Bons dias!* (1888- 1889); *A semana* (1892- 1900)⁵. Em seguida, encontra-se a relação das crônicas dispersas em ordem cronológica: *O jornal e o livro* (1859); *A reforma pelo jornal* (1859); *Aquarelas* (1859); *O Visconde de Castilho* (1875); *Cherchez la femme* (1881); *José de Alencar* (1883), *Joaquim Serra* (1888); *O futuro dos argentinos* 1888.

Esta última crônica, anexo G, foi publicada, originalmente, na *Gazeta de Notícias*. Ela parece ter sido escrita como um exemplo de como, no porvir, deveriam comportar-se, constitucionalmente, os militares na manutenção de um Estado de direito democrático para não sobrevirem as consequências nefastas da ditadura em países sul-americanos. No momento histórico vivido por Machado, o novo governo militar argentino assegurou, em seu país, não a ditadura, mas a democracia. Ao se concluir o restabelecimento da ordem constitucional, o general devolve pacificamente o governo a um cidadão civil eleito pelo povo. O cronista, atento ao que ocorria, também em nações sul-americanas, fez questão de elogiar a conduta democrática das Forças Armadas argentinas. Ainda temos as seguintes crônicas avulsas elencadas no site supracitado: *Henrique Chavez* (1893); *Henrique Lombaertz* (1897); *O velho Senado* (1898). Em todas, destacam-se os eventos sociopolíticos do século XIX, no Brasil e no exterior, sobre os quais Machado estava sempre bem informado.

Segundo Moura (2007), Machado de Assis, quando elabora sua paródia do Evangelho da missa campal realizada em homenagem à Abolição da Escravatura, no Campo de São Cristóvão, demonstra, como sempre, sua capacidade incomparável no relato do cotidiano carioca de seu tempo. Intertextualiza o texto evangélico, que parafraseia e adapta, mantendo a forma e, principalmente, o aspecto de paródia com base em sua versão estruturada

⁴ No site <http://www.dominiopublico.gov.br>, está disponível toda a produção do cronista Machado de Assis (consulta realizada no dia 23.08.2010).

⁵ Aqui a informação estava incorreta, pois constava no site que a série A Semana tivera início em 1892 e que seu fim foi em 1800, quando, na realidade, seu encerramento foi em 1897, segundo ASSIS, 1973, v. III, p. 533- 775.

em versículos. Essa autora concorda com Gledson em que a "reconstrução do texto religioso, na criação machadiana, resulta numa aula de História do Brasil, na qual são retratados os protagonistas políticos que decidiram a questão da Abolição da Escravatura no Brasil". Esclarece ainda que "o texto adquire um novo significado quando agregamos informações adicionais sobre eventos, locais e a importância de cada integrante envolvido na questão dos escravos, fosse o integrante abolicionista ou antiabolicionista" (MOURA, 2007, p. 69).

Prosseguindo seus argumentos, explica-nos que "outra característica a destacar é que Machado enquanto narrador já nos sinaliza que sua crônica foi dedicada para quem não tem nada a fazer. Contudo, a leitura do texto e a reflexão sobre o mesmo acontecem através de uma ação, uma atividade". A verdade, entretanto, é outra: o narrador deseja expressar, por meio de sua criatividade exemplar, os conflitos do ser humano que, pregando o respeito e o amor à Divindade, agem como feras a se devorarem e tentarem prevalecer umas contra as outras numa sociedade que não respeita os direitos humanos. Machado, diz Moura, reconhece a "glória e amargura" que a libertação dos cativos trará para os seus defensores, os quais todavia sofrerão profundas críticas dos escravocratas. Ao se sentirem prejudicados economicamente, estes não pouparão aqueles de suas críticas e represálias.

Machado, no exercício regular de crônicas, obteve excelentes fontes de ideias para a construção de seus romances. Essa influência pode ser observada nos comentários abaixo, de John Gledson, em outra de suas obras:

Mas se endossarmos a crença de que as crônicas não têm importância, sendo apenas uma tarefa de rotina com o objetivo de garantir a subsistência de um homem que trabalhava com jornalismo desde a juventude, correremos o risco de deixar de perceber a importância da série que Machado publicou entre 5 de abril de 1888 e 28 de agosto de 1889, intitulada (ou começando com as palavras) "Bons dias!" e terminando com "Boas noites!". Para começar, vale a pena destacar uma coincidência sugestiva: a publicação de *Quincas Borba* parou em 31 de julho de 1889 (só recomeçando em novembro) e a última anotação datada no (ficcional) *Memorial de Aires* é de 31 de agosto, ainda no mesmo ano (GLEDSON, 2003, p. 135).

Podemos, pois, deduzir que, tanto num quanto noutro dos dois romances supracitados, os acontecimentos históricos de sua época foram vividos intensamente por Machado de Assis que, à época, era um respeitável funcionário do Ministério da Agricultura, pasta do Governo Monárquico diretamente ligada às questões da escravidão no País. E essa experiência foi relatada com fina ironia em suas crônicas, além de servir como base para a elaboração heurística machadiana nos citados romances.

Logo na primeira página do romance *Quincas Borba*, encontramos uma informação do autor relacionada à decisão de Rubião de contratar um criado espanhol, em

lugar dos “crioulos de Minas”, aos quais estava o protagonista acostumado. Cristiano Palha demonstrara ao amigo a necessidade de contratar “criados brancos”. Aqui já podemos perceber a influência da luta pela emancipação do negro, até então realizando predominantemente tais atividades servis.

No capítulo XXI dessa obra encontramos a seguinte narração:

Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria? (ASSIS, 1971, v. I, p. 658).

Constata-se, portanto, que o exercício de suas crônicas relacionadas à escravidão e, em especial, à abolição da escravatura, como na citação acima, permeia os escritos desse gênio da literatura em seus romances. Por outro lado, Machado foi escritor profícuo, não só de crônicas, como também de crítica literária em diversos jornais e revistas de sua época, o que também se reflete na narrativa do citado romance, como se segue:

Fundou ali um jornal; mas, sendo a política local menos abstrata, Camacho aparou as asas e desceu às nomeações de delegados, às obras provinciais, às gratificações, à luta com a folha adversa, e aos nomes próprios e impróprios (ASSIS, 1971, v. I, p. 690).

Por fim, observamos na obra enfocada acima os reflexos do relacionamento político machadiano: “Rubião entrou, estendeu-lhes a mão (...) e acabou noticiando a queda do ministério” (ASSIS, 1971, v. I, p. 786). Essa passagem, do capítulo CLXXI do romance em foco, representa o início de toda uma exploração de relatos ligados a nomeações reais ou imaginárias de cargos políticos, incluindo os devaneios da alienação de Rubião, que culminam com sua internação em sanatório e epílogo fatal.

Memorial de Aires, último romance do escritor em tela, acrescenta à questão do negro, já no início do século XX, o profundo desencanto machadiano com relação ao que se fez com os “libertos” após a sanção da Lei Áurea. O narrador, aqui, de modo sutil, faz a sua denúncia sobre a condição de vida subumana da maioria dos ex-escravos. Mesmo publicada duas décadas após a abolição, essa é outra obra em que podemos encontrar várias referências a fatos envolvendo essa questão. O romance traz as datas de 1888 e 1889, por ser intenção do autor abordar, justamente, as lutas emancipatórias dos negros e seu destino após a abolição da escravidão. Encontramos, assim, referências à situação dos escravos em diversas passagens. Os boatos sobre sua emancipação, citados em 27 de março de 1888; a possibilidade de alforriar os escravos, narrada em 10, 13 e 19 de abril desse mesmo ano; a apresentação, pelo ministério, do projeto de abolição, em 7 de maio de 1888 e, por fim, a Lei Áurea promulgada

em 13 de maio de 1888. Os reflexos, na vida dos personagens, da nova situação dos negros libertos são citados, ainda, em diversas outras datas do memorial: 14 de maio, 9 e 16 de junho, 2 de julho, 10 de agosto.

As últimas referências à nova situação dos escravos libertos podem ser encontradas nas “memórias” dos dias 15, 19 e 28 de abril de 1889. Nelas, o personagem-narrador, Aires, relata a nobre intenção do casal Tristão e D. Carmo em doar a fazenda Santa-Pia aos libertos. Em 28 de abril, Aires escreve apenas esta frase: “Lá se foi Santa-Pia para os libertos, que a receberão provavelmente com danças e com lágrimas (...)”. Não se concretizou o sonho de, junto com a liberdade, surgir uma vida digna para os ex-escravos, entregues à própria sorte. Até hoje, o braço negro, associado ao dos imigrantes pobres, são submetidos às várias formas de trabalho semiforçado e recebem salários ultrajantes. A distribuição de riquezas é absurdamente desproporcional à produção da mão de obra no Brasil e desmente a tal liberdade como base de equidade neste País continental, de imensos latifúndios cercados por pobres e miseráveis revoltados, compostos, em sua maioria, por negros.

3.1 As crônicas como exercício estilístico semanal de Machado

As crônicas foram um excelente exercício para a produção de suas obras, especialmente, de seus romances da chamada segunda fase. Segundo posfácio escrito por Roberto Schwarz (2003), Gledson apresenta excelentes contribuições na releitura da obra machadiana. Uma delas é a do “detalhamento das relações, muito mencionadas, mas pouco estudadas, entre os trabalhos do cronista e do romancista”. Comenta Schwarz (op. cit.) que “a intenção de criar enredos que digam respeito não só à problemática social do país, mas também a sua história política, parece bem consubstanciada” em Machado.

Após diversas referências na obra sobre a situação dos escravos, o narrador de *Memorial de Aires* sai-se com esta:

Fidélia chega da Paraíba do Sul no dia 15 ou 16. Parece que os libertos vão ficar tristes; sabendo que ela transfere a fazenda pediram-lhe que não, que a não vendesse, ou que os trouxesse a todos consigo. Eis aí o que é ser formosa e ter o dom de cativar. Desse outro cativo não há cartas nem leis que libertem; são vínculos perpétuos e divinos. Tinha graça vê-la chegar à Corte com os libertos atrás de si, e para que, e como sustentá-los? Custou-lhe muito fazer entender aos pobres sujeitos que eles precisam trabalhar, e aqui não teria onde os empregar logo. Prometeu-lhes, sim, não os esquecer, e, caso não torne à roça, recomendá-los ao novo dono da propriedade (ASSIS, 1971, v. I, p. 1.138).

Percebe-se, na narrativa acima, uma luta de classes: de um lado, Fidélia, que desejava desfazer-se de uma situação incômoda, na qual, após a Lei Áurea, os escravos estariam livres e, conseqüentemente, sua proprietária não sabia o que fazer com eles; do outro, os libertos, acostumados ao regime de servidão improdutiva, desejosos de continuar tendo uma "protetora" a assegurar sua subsistência. Vender a fazenda seria uma forma prática de livrar-se de um problema e transferi-lo para o novo proprietário, a quem caberia a sorte dos libertos. Com um pouco de sorte, o futuro desses negros seria semelhante ao de Pancrácio, o escravo alforriado por seu proprietário, cujo relato encontra-se adiante.

Em diversas crônicas sobre a questão dos escravos, Machado expõe, com ironia, a hipocrisia das autoridades da época no reconhecimento da liberdade dos africanos trazidos para o Brasil como mão de obra de baixo valor, à custa do jugo cruel da escravidão. É o que lemos na crônica de 19 de maio de 1888 da obra *Bons dias!* quando o narrador afirma ter concedido liberdade a seu escravo, Pancrácio, dias antes do 13 de maio e, no entanto, o mantinha a seu serviço, com baixo salário, sob petelecos, pontapés, puxões de orelhas e ofensas morais.

Abaixo, transcrevo o diálogo travado entre o narrador e seu agora supostamente liberto, no dia seguinte a um jantar, em sua homenagem, no qual compareceram cinco convidados, embora tenha sido anunciado, pela imprensa, trinta e três:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! Meu senhô! Fico.

— ...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por não me escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu bem o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

Na crônica citada acima, o escravo permanece a serviço do seu agora patrão, que o continua humilhando e pagando um salário vil. No romance, os libertos são praticamente entregues à própria sorte, pois sua ex-patroa apenas promete recomendá-los ao novo proprietário de sua fazenda. Vemos, pois, do exposto, que o que o autor narra é absolutamente verossímil e retrata com clareza as origens das injustiças sociais com reflexos nos nossos dias.

Era a hipocrisia dissimulada em bondade, o que não difere da atitude de Fidélia no *Memorial de Aires*. O narrador finge ajudar o escravo, mas este continua servindo a seu senhor, que lhe paga um ordenado vil e ainda se julga no direito de continuar humilhando-o. Ao "liberto" não resta alternativa: ou aceita a nova situação, ou morre de fome, pois não sabe fazer outra coisa a não ser a atividade para a qual foi forçado a realizar, desde seu nascimento: limpar as botas do seu senhor e realizar outros serviços domésticos. O sarcasmo do narrador chega ao ponto de comparar o suposto liberto a uma galinha, e a este nada mais resta a não ser continuar submisso, ao menos enquanto a revolta não o leve a revidar com sangue, se puder, a vida de humilhação e maus tratos que teve.

Se os primeiros escritores da literatura brasileira baseavam suas obras nas observações que faziam em suas viagens, na obra machadiana, o narrador viajante é substituído pelo crítico, burlesco e irônico. Surge o observador atento do comportamento humano, dos costumes de sua época. Aparece o leitor reflexivo, estudioso das várias línguas, da mitologia grega, dos fatos históricos que, com extraordinário senso estético e criatividade ímpar, transforma os eventos mais simples em fatos curiosos, de leitura agradável, exercitados, entre outros trabalhos, como os de críticas, em suas crônicas. Fatos verídicos da história brasileira são retratados, em especial, nas suas crônicas, e introduzidos sutilmente na construção de suas narrativas.

No caso do autor brasileiro, o que o destaca como fonte de informação mesclada do deleite literário é a sua extraordinária capacidade de narrar. Em seu ofício, os conhecimentos históricos se mesclam aos fatos imaginados, decorrentes de seu relacionamento sociopolítico. Além disso, na construção do romance, seu senso de humor e de observador do comportamento humano proporciona-nos uma leitura agradável e, com sutileza, transmite aos leitores informações seguras, entre outras, sobre eventos históricos importantes do Século XIX, ocorridos no Brasil, muitas vezes trabalhados em suas crônicas.

3.2 A crônica, a paródia e a ironia

Segundo Hutcheon (1985), a paródia foi largamente utilizada na literatura do século XX e as obras do passado servem como modelos estéticos para as produções contemporâneas, cuja reescrita possui, muitas vezes, um fim satírico (p. 22). A paródia, que se utiliza predominantemente da ironia, para Hutcheon, não se limita à imitação ridicularizadora. Pode ser uma ironia bem-humorada, depreciativa, criticamente construtiva ou destrutiva. O alvo parodiado pode não ser o texto parodiado, que também pode adotar o aspecto cômico ou crítico. Como forma crítica, pode ser não somente uma recriação como também criação. A preferência da paródia, todavia, é pelo aspecto irônico, ainda que o cômico esteja associado à "estratégia retórica" da ironia.

Na leitura do texto parodiado, Hutcheon (1985, p. 119) defende a presença de uma competência tripla da ironia: linguística, retórica ou genérica e ideológica. É preciso que o leitor entenda o conteúdo implícito da ironia no texto e o que é afirmado de fato. A competência retórica do leitor requer igualmente capacidade de reconhecer o desvio das normas canônicas, "institucionalizadas" linguística e literariamente. O mais complexo tipo de competência, diz por fim Hutcheon (p. 120), é o ideológico. Isso significa reconhecer a "voz dupla" da paródia. É o que constatamos na análise das crônicas machadianas. Sua leitura deve ater-se, cuidadosamente, aos fatos sociais e políticos presentes em sua época com base no seu dialogismo que explora com maestria. Sua influência, portanto, foi da mais alta importância no reconhecimento da crônica como um gênero literário relevante e cultivado por muitos escritores dos séculos XX e atual.

Em recente artigo, o jornalista Cláudio de Moura Castro apresenta algumas reflexões sobre a grande dificuldade na compreensão de textos devido à pouca leitura dos nossos estudantes. Castro (2010) narra-nos a história de um pai judeu que chega em casa e derrama uma sacola cheia de livros sobre a mesa da sala e entrega a seu filho um cronograma de leitura e de avaliação. Isso, diz o autor do artigo, é um costume judeu milenar. Em seguida, esclarece sobre as vantagens acadêmicas futuras decorrentes de leituras, nas férias, propostas aos jovens que cursaram até a nona série do ensino fundamental.

Somos informados pelo autor do artigo de que, no Brasil, as bibliotecas públicas fecham às 18h, diariamente, e somente 20% delas abrem aos sábados; aos domingos, uma em cada cem fica aberta no País. Não deveria ser assim, pois nos fins de semana e feriados é que a maioria dos pais pode conduzir seus filhos para uma atividade de leitura nas bibliotecas públicas. Mas também não basta abrir a biblioteca nesses dias, é necessário criar propostas de

estímulo à leitura, como concursos literários, cursos de férias, visitas, propostas de pesquisas e elaboração de fichas de leituras no local e assim por diante. A leitura deve igualmente ser estimulada com base no interesse da criança e do jovem. Nada impor, antes esclarecer. Ainda mesmo aos jovens acadêmicos devem ser estimuladas leituras de textos criativos e não muito longos, como as das crônicas, poemas, contos.

Mas há também romances extensos de grande beleza que valem a pena ser lidos. A leitura é tão importante, em nossas vidas, que contribui até para a cura da depressão. Há um artigo intitulado "Fuja da depressão sem remédios", publicado na revista *Seleções*, do mês de agosto de 2010, que nos dá a informação de Jane Davis, professora de inglês e literatura na Universidade de Liverpool e fundadora do *Get into Reading*, sobre sua descoberta do poder curador da leitura dos bons livros, associado à rede de apoio do grupo comunitário onde também atuava. Atuação teatral, exercícios físicos, canto, boa alimentação e muita leitura são dicas muito importantes a serem passadas a quem deseja ter uma vida mental sadia.

Como exemplo de que esse é um problema crônico (já fazendo trocadilho com crônica), no Brasil, cito a crônica de Machado de Assis, datada de 15 de agosto de 1876, sobre o analfabetismo brasileiro. Ali, o "Bruxo do Cosme Velho", em linguagem figurada, diz que "A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância". O analfabetismo cultural, o analfabetismo político, o analfabetismo funcional, ou seja, a ignorância do nosso povo é ainda, infelizmente, quase tão acentuada como na época machadiana.

As crônicas machadianas estão relacionadas às instituições, às questões sociopolíticas, ideológicas e aos costumes de sua época, tão bem conhecidos por esse escritor, que inclui nelas o incentivo à leitura. Sua matéria prima é, pois, baseada em suas pesquisas do noticiário local, convivência com os cidadãos da alta sociedade de seu tempo e nas incansáveis leituras, que o colocavam a par do que acontecia no mundo, sua história e sua política. Mas cremos ser polêmica a opinião de John Gledson, que identifica, na narrativa das crônicas, a voz do próprio Machado de Assis. As coincidências podem existir, porém a forma dissimulada, irônica e satírica do escritor expor os fatos não nos permite assegurar que o narrador e o escritor sejam sempre a mesma pessoa.

Eugênio Gomes (In: ASSIS, 1973, v. 3, p 1.099) é da seguinte opinião: "A ironia de Machado de Assis desaconselha, porém, qualquer afirmativa antecipada e concludente em torno de suas intenções, sobretudo quando a religião esteja em causa (...)". Na mesma página, esse crítico comenta sobre o uso dos textos bíblicos nas obras machadianas e salienta a intenção meramente literária do autor. O mesmo se pode dizer de todas as abordagens de

cunho ideológico e moral, o narrador sempre buscou refletir o pensamento de parte ou da maioria da sociedade de seu tempo, o que vale para os dias de hoje.

No primeiro caso, o da crítica sociopolítica, podemos citar a crônica datada de 20-21 de maio de 1888, publicada na Imprensa Fluminense. Essa crônica começa com uma paráfrase do primeiro versículo do evangelista João. Nela, a expressão "era o Verbo", "o Verbo estava com Deus" e "e o Verbo era Deus" foi substituída por: "No princípio era Cotejipe, e Cotejipe estava com a Regente e Cotejipe era a Regente". Essa é uma crônica altamente criativa, que vale a pena ser lida na íntegra (Anexo D), por seu caráter irônico e arranjo altamente expressivo, o que demonstra o conhecimento bíblico do seu autor.

O narrador demonstra seus conhecimentos bíblicos, quando parodia os textos das Escrituras Sagradas de modo a ironizar as manobras políticas das autoridades monárquicas de seu tempo. No texto, com o formato semelhante ao bíblico, Machado enumera suas frases como se fossem versículos, além de imitar o modo de expor do evangelista João. Apenas para maior clareza, compare-se o primeiro versículo bíblico com o do cronista:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (JOÃO).

"No princípio era Cotejipe, e Cotejipe estava com a Regente, e Cotejipe era a Regente" (ASSIS).

A partir desse versículo, o narrador faz inúmeros trocadilhos, ironizando o modo supostamente superior da Regente, princesa Izabel, decretar livres os escravos sem qualquer providência que lhes assegurasse a subsistência futura. O final da crônica é melancólico em seu versículo 28, como se vê abaixo:

Vendo isto, disse um sisudo de Babilônia, por outro nome Carioca: Ah! Se estivessem no Maranhão alguns ex-escravos daqui, que depois de livres, compraram também escravos, quão menor seria a melancolia desses que são agora duas coisas ao mesmo tempo, ex-escravos e ex-senhores. Bem diz o Eclesiastes: Algumas vezes tem o homem domínio sobre outro homem para desgraça sua. O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo.

Para o narrador, a verdadeira liberdade é aquela em que o liberto não dependa de mais ninguém a não ser de si próprio, ou seja, ter possuído domínio sobre outra pessoa após ter sido propriedade de outrem não lhe garante, agora que todos estão supostamente livres, o meio de subsistência, uma vez que nem ao menos o direito de indenização pelo comércio de seus iguais lhe é assegurado. Ser ex-escravo e ex-senhor ainda é mais doloroso para quem fazia do comércio humano uma fonte de renda. Por isso, só é feliz quem possui "a si mesmo", ou seja, se é capaz de trabalhar e produzir o suficiente para não depender de mais ninguém.

Essa seria a liberdade real que os ex-escravos não alcançaram, que lhes foi vedada pelo regime injusto da época. Os reflexos dessa condição subumana de subsistência refletem-se, nos dias atuais, em que o Brasil registra um dos maiores níveis de desigualdade social do mundo. Machado já percebera, claramente, em seu tempo, que a sociedade se dividia, à parte a monarquia, em três segmentos básicos: o da burguesia, o do proletariado e o da escravidão. Sua obra visa, em especial, retratar a hipocrisia burguesa, sua manipulação do *status quo* que lhes favorecia e um esforço em se manter no domínio da situação. A arma machadiana era a da ironia e da sátira, que exercitava, sobretudo, em suas crônicas.

CAPÍTULO 4

A CRÔNICA MACHADIANA E A ESCRAVIDÃO

A produção de Machado de Assis a respeito da escravidão é intensa. Somente na obra *Bons dias!* enfatizada nesta pesquisa, em várias crônicas dessa série, há referência ao tema, direta ou indiretamente. É o que ocorre em nove das dez primeiras crônicas, publicadas nos meses de abril e maio de 1988. Em seguida, somente nas crônicas nº 13, de 26 de junho e 17, de 29 de julho, desse ano, retoma o assunto. Por fim, vê-se na crônica 35, de 13 de fevereiro de 1889, uma divertida conversa entre o cronista e um interlocutor. Nela, de modo figurado e picaresco, é feita uma crítica sobre o modo pelo qual os libertos foram tratados no Brasil, ou seja, como animais largados à própria sorte (Anexo I). Vejamos como o narrador representa, metaforicamente, nessa crônica, a omissão de uma pessoa esclarecida sobre a condição dos escravos, que nem ao menos foi lembrada ao se conversar sobre a "proteção dos animais":

— Bem; se a Sociedade Protetora dos Animais não protege o cão nem o burro, o que é que protege?

— Então não há outros animais? A girafa não é animal? A girafa, o elefante, o hipopótamo, o camelo, o crocodilo, a águia. O próprio cavalo de Tróia, apesar de ser feito de madeira, como levava gente na barriga, podemos considerá-lo bicho. A Sociedade não há de fazer tudo ao mesmo tempo. Por ora o hipopótamo, depois virá o cão.

— Mas é que o...

— Homem, vá ver o cometa; morro do Neco, à esquerda.

— Às três horas?

— Da madrugada.

Enquanto nos países europeus já não mais havia escravos, aqui ainda se pensava na forma gradual e segura de estender a proteção a alguns animais, principalmente aos considerados mais inteligentes, como o burro "imagem quadrúpede do homem", ("só no burro achamos filosofia") e o cão, símbolo da amizade. Para este último, havia até três projetos ou planos destinados a exterminá-lo, como se pode ler, na íntegra, na crônica anexa. O escravo estaria numa situação tão inferior à dos animais que nem ao menos foi citado na conversa.

4.1 O machado abolicionista na visão dos seus críticos

Admira-se Gledson (2003, p. 136): "é espantoso como se tem estudado pouco, de maneira mais séria, o jornalismo de Machado". Em seguida, explica esse teórico, profundo

conhecedor da obra machadiana, que a solução ideal para um maior conhecimento do conteúdo e forma da crônica seria a edição de crônicas "fartamente anotadas". Somente a crônica acima citada já conteria elementos suficientes para uma aprofundada análise, em vista do modo picaresco e figurado de o narrador expor o drama da escravidão, sem que se cite uma só palavra em referência à triste sorte dos negros, no Brasil. Comenta Gledson (2003, p. 138), que somente quando José Galante de Sousa descobriu a prova do autor da série *Bons dias!* numa coleção que identificava os autores por seus pseudônimos, na Biblioteca Nacional, soube-se que essas crônicas foram escritas por Machado de Assis. E a razão era simples: seus textos de contundente sarcasmo e "visão pessimista" sobre a abolição mostravam uma posição de quem tinha "algo a dizer" sobre esse delicado assunto.

Schwarz (2003), em seus comentários finais sobre a obra de Gledson, afirma que "a Abolição, numa autêntica traição histórica, abandonava [os escravos] à sua sorte". Assim, Machado de Assis, inspirado nas ideias de seu "laboratório ficcional", explora em seus romances os fatos históricos marcantes de sua época, como o da República e o da Lei Áurea, para deixar impressas, na memória do leitor, as contradições morais do ser humano. Nesse laboratório, encontram-se ensaios, críticas, peças teatrais e, como não podia deixar de ser, as suas crônicas semanais.

O jornal eletrônico da Unicamp, de 8 a 14 set. 2008, publica um texto de Trípoli (2010) no qual essa autora lamenta ainda haver quem repita a infeliz afirmativa de Hemérito dos Santos sobre o não envolvimento machadiano com a causa da servidão negra no Brasil. Em seu livro *Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis*, a esclarecida autora busca demonstrar, com base em ampla pesquisa, a imensa contribuição machadiana na causa do escravismo, não somente literariamente como também em sua intransigente luta, como alto funcionário do Ministério da Agricultura, em favor dos seus sofridos conterrâneos africanos e descendentes.

Segundo Faoro (1988, p. 316), juntam-se aos escravos pessoas de diferentes profissões, ligadas ao trabalho braçal, tais como criados, cocheiros, costureiras, assim como os desempregados, como Cândido Neves, personagem da obra *Pai contra mãe*. Este cidadão, responsável pela captura de escravos como meio de subsistência, não sabia fazer outra coisa a não ser perseguir, levar presos e receber do proprietário uma recompensa quando da entrega do(a) fugitivo(a). O que salta aos olhos, nessa história, é a denúncia camuflada no relato puro e simples de um homem quase miserável que, para prover ao sustento de sua família, composta de mulher e filho pequeno, sai à caça de uma escrava fugitiva grávida, que, em vista

das agressões sofridas, vem a perder o filho. A situação quase trágica de um acarreta a tragédia da outra, mas aquele, para justificar-se perante a própria consciência, regozija-se por ter conseguido, mais uma vez, levar para casa o dinheiro necessário ao pagamento de suas dívidas e ao sustento da família, em especial, do filho recém-nascido. Quanto ao aborto da infeliz escrava, o narrador conclui: “Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava o aborto. – Nem todas as crianças vingam, bateu- lhe o coração” (FAORO, 1988, p. 319). Mas ainda temos a avaliação da tia, agregada em seu pobre domicílio, que censurou a atitude da escrava e “perdoou a volta do filho, deixado, provisoriamente, por Neves na Roda dos enjeitados”, espécie de orfanato da época que recebia os filhos das famílias pobres e, após algum tempo, se não fossem procuradas as crianças, davam-nas para adoção.

Machado era mestre em apresentar ao leitor a realidade “nua e crua” do absurdo que era a escravidão, no seu tempo e em sua pátria. Tocando-lhe os sentimentos, deixava ao seu público refletir a respeito das condições de miserabilidade vigente no Brasil, sobre as desigualdades sociais que, muitas vezes, endurecia os corações e atirava os miseráveis uns contra os outros. Tal foi a proposta da narrativa em *Pai contra mãe* como em várias outras de suas obras. Como se estava em 1906, e a escravidão já fora abolida, observa-se no relato machadiano que sua preocupação, agora, é mais ampla, é a da denúncia da desigualdade social que transforma em vítimas todas as etnias e torna desumanas as sociedades de todos os tempos. A abolição da escravatura foi incapaz de atender ao fim colimado de proporcionar a liberdade a todos os seres humanos, como procura demonstrar o autor de “Pai contra mãe”. É o que autores como Faoro, Gledson e Schwarz viram claramente e expuseram em suas obras resultantes de exaustivas pesquisas.

4.2 Atuação machadiana em prol da proteção do escravo e da abolição

Machado ocupou, no Ministério da Agricultura, cargos que lhe permitiram acompanhar de perto os eventos sociopolíticos de seu tempo, em especial os relacionados à escravidão, por cuja abolição trabalhava discretamente, em seu gabinete. Seu interesse pelos eventos políticos e pelos acontecimentos miúdos, do dia a dia, proporcionaram-lhe amplo material para a exploração de seu humor crítico, carregado de ambiguidade, em defesa da liberdade dos negros e de uma compensação justa à opressão sofrida por estes ao longo dos séculos. Em crônica da série “A Semana”, de 11 de novembro de 1897, diz o autor: “Eu gosto

de catar o mínimo, o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto” (ASSIS, 1973, v. 3, p. 772).

O “pessimismo” machadiano já fora comentado pelos críticos brasileiros do século XIX. Essa atitude proviria da descrença do autor nos políticos de sua época, que promoveram mudanças sociais como a da passagem do regime monárquico para o republicano, além do tratamento de indiferença para com a sorte dos ex-escravos, cuja liberdade fora mais ilusória que real, pois ficaram entregues à própria sorte em sua maioria. Com a releitura da obra machadiana, pela crítica internacional e brasileira, modernamente, “o pessimismo da segunda fase da obra de Machado de Assis passa a ser explicado não mais por razões biopsicológicas, mas sim por razões socioeconômicas, como por exemplo, a ‘posição de classe’ que determina o ponto de vista do narrador” (REGO, 1989, p. 20).

Essa era a realidade sociopolítica conflituosa da época. A Machado, como defensor discreto, todavia implacável, dos direitos humanos relacionados à liberdade total e irrestrita, restava a arma da pena sarcástica. Não poupa nem mesmo a Regente, Princesa Isabel, que critica por ter mantido no poder o Barão de Cotegipe, substituído, somente após cerca de dois anos, em virtude de suas opiniões escravocratas, por Antônio da Silva Prado. Atualmente, as divergências sobre o posicionamento político de Machado de Assis, que alguns consideravam neutro na causa abolicionista, estão totalmente superadas. Em favor de nossa afirmação encontramos a informação de Moura (2007) sobre a constatação de Brayner de que "o questionamento proposto por Machado nos anos 80 foi muito mais profundo que uma reformulação de modelos literários".

Faoro (1976, p. 172) observa que a ideia de progresso - o mito do progresso - penetra na ficção de Machado de Assis por meio de uma inovação particular, que o simboliza e o expressa. Não o sensibiliza, senão incidentalmente, o industrialismo, ou a revolução industrial. Ou seja, as crônicas machadianas representam o choque de ideias sociopolíticas de sua época, em especial com relação ao tratamento dado aos escravos e sua luta abolicionista. Como dissemos, o modo de manifestar-se de Machado é irônico e satírico. Sai em defesa do negro e, na ambivalência do seu texto, conclama os cidadãos de bem a lutar por uma sociedade justa.

Em 28 de setembro de 1871, após muitas discussões, foi sancionada a Lei do Ventre Livre no Brasil, cujo primeiro desafio consistia na realização da matrícula de todos os escravos do Império, pré-requisito básico para aplicar-se o fundo de emancipação e outros dispositivos legais. Nesse trabalho de execução, foi incansável a atuação do funcionário

Machado de Assis no Ministério da Agricultura. A história é longa e contada em detalhes por Sidney Chalhoub (2003, p. 203- 216). Nela, é destacada a atuação de Machado que, por meio de parecer favorável aos escravos, fez com que o governo ampliasse “as possibilidades de recurso ao Judiciário para garantir a liberdade de escravos” (CHALHOUB, 2003, p. 216).

Chalhoub (2003) cita diversas situações em que, em suas atividades diárias, o dedicado funcionário Machado de Assis se depara e, sempre preocupado com a defesa dos interesses justos dos negros, esforça-se para encontrar brechas na lei e seus regulamentos que sejam favoráveis a esses. Inspirava-se nesses casos para elaborar seus comentários irônicos e burlescos das crônicas que publicava em periódicos, sob pseudônimo. Um deles foi o do fazendeiro José Miguel de Siqueira, residente na paróquia do Mello, município de Barbacena. O proprietário de um escravo Bento, inconformado com o provável desfecho da ação de liberdade do escravo, favorável a este, escreve longa carta, direcionada a Machado de Assis, então exercendo o cargo de chefe da 2ª seção do Ministério da Agricultura, queixando-se do juiz que determinara a alforria por indenização de preço de seu escravo no valor de 200 mil-réis, correspondente a um terço do que dizia valer Bento. Entre outras coisas, dizia o fazendeiro ter enviado "cartas oficiais respeitadas logo desde o começo desta questão [nas quais] dizia ao Sr Dr. Juiz de Órfãos que me dava por intimado, e que compareceria quando pudesse, pois eu vivo muito ocupado com minha lavoura". Em seguida, o fazendeiro acusa o juiz de tê-lo sempre tratado

como se eu fora seu pupilo ou um mentecapto ou um servo sem dignidade e honra e sem direitos a serem respeitados, mandava-me imperiosamente (e esta é a raiz da questão) e por último como se eu fora um devedor rebelde sobre quem pusesse (sic?) uma execução sequestrou o meu escravo e lá está ele em Barbacena!! (CHALHOUB, 2003, p. 257).

Como se pode ver, não dá para não deixar de rir. E o cronista Machado, que então adotara o pseudônimo de Manassés, ironiza e achincalha os senhores inconformados com a mudança dos tempos e ressentidos da nova situação política favorável aos escravos. O fazendeiro julga-se mais autoridade que o juiz e com o direito de mandar que este aguardasse o dia em que aquele pudesse comparecer à audiência. Quando advertido por seu desrespeito à Justiça, considera-se ofendido pelo juiz.

Após citar outros casos de atuação destacada de Machado de Assis em prol da liberdade dos escravos, diz Chalhoub (2003, p. 289) que, embora a Lei do Ventre Livre tenha sido bastante relevante para a emancipação dos escravos e, em consequência, para o bom conceito de nossa sociedade, não era ainda o bastante. Fazia-se mister ir à frente, em novos combates políticos e literários em prol da extinção completa do escravagismo no Brasil, pois a

lei de 28 de setembro de 1871 era insuficiente para acabar com a resistência dos grandes fazendeiros cuja maior riqueza eram seus escravos. A arma machadiana, então, consolidou-se como sua pena burlesca e irônica, tão bem comentada por Gledson (2008) na obra *Bons dias!* onde encontramos o registro de onze crônicas nas quais, direta ou indiretamente, no ano de 1888, o “Bruxo do Cosme Velho” combate, metaforicamente, por essa causa humanitária: a luta contra a escravidão que tanta vergonha trouxe ao Brasil.

4.3 As crônicas machadianas sobre a escravidão

Duarte (2007) apresenta-nos uma seleção das mais conhecidas crônicas machadianas sobre o tema escravidão. A primeira delas foi publicada, no *Diário do Rio de Janeiro*, quando Machado ainda tinha 25 anos. A crônica não trazia assinatura do autor, mas Magalhães Júnior a atribuiu a Machado em sua obra *Machado de Assis desconhecido* (Apud DUARTE, 2007, p. 27). Também não trazia título e seu assunto é a compra de uma negrinha por um cidadão generoso, cujo único objetivo fora dar a liberdade à menina. O narrador diz que o preço pedido "pela desgraçadinha era fabuloso" e, portanto, só um sentimento humanitário elevado justificaria tal atitude filantrópica.

A segunda crônica, publicada no ano seguinte, no mesmo periódico acima citado (2007, p. 28), trata sobre uma dura crítica machadiana à convivência da Igreja com a manutenção da escravidão no país. O narrador propõe mesmo a extinção das instituições monásticas, em vista da inutilidade de sua atuação social em nosso país.

Na terceira crônica sobre escravidão, o narrador termina com "Um bravo ao nosso denodado colega.", referente aos artigos do Dr. Peçanha, publicados no *Jornal do Comércio*, nos quais se denunciava a indução forçada das escravas à prostituição e se exigia a "punição pública dos traficantes". Essa crônica foi publicada em 1871, pelo periódico *Semana Ilustrada*, sob o pseudônimo machadiano de Dr. Semana.

Como se vê, antes de a campanha abolicionista ganhar força, Machado já abordava os problemas inerentes à escravidão e se colocava ao lado dos que a combatiam. As observações acima, publicadas, no início de 1871 (Magalhães Júnior, 1957: 161), demonstram a coerência de seus posicionamentos de cidadão, jornalista e escritor (DUARTE, 2007, p. 31).

O tema escravidão era comum em suas crônicas. Na série intitulada *História de quinze dias*, encontramos, sobre o assunto, duas crônicas; em *Notas Semanais*, uma; em *Balas de estalo*, outras duas; na *Gazeta de Holanda*, publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* sob o pseudônimo de Malvólio, temos outras duas crônicas em forma de rimas em redondilha

maior (sete sílabas métricas), nas quais conversa com o leitor sobre o modo como o tema escravidão era tratado em nosso país. Transcreveremos, da primeira das duas crônicas, apenas as estrofes em que o assunto é abordado mais enfaticamente e os comentários de Duarte (2007), acrescidos dos nossos. Em *Gazeta de Holanda* nº 25, lemos:

(...)
 Não entendo patavina,
 Eu, que entendo a lei mosaica,
 Humana, embora divina,
 Límpida, conquanto athaica.

Duarte (2007, p. 41) faz o seguinte comentário sobre essa e outras estrofes que a seguem:

Machado faz referência ao profeta e legislador bíblico, e compara os procedimentos para a elaboração da "lei mosaica" [de Moisés] marcada pela imposição de preceitos morais e religiosos, com os que ocorriam nos embates políticos de seu tempo, em especial naqueles voltados para a difícil eliminação do regime escravista, tarefa dificultada a todo instante pela força política da classe senhorial.

O autor estaria utilizando-se de paradoxos nos quais ironiza a ideia de que a lei de Moisés, considerada divina, nada mais é do que uma concepção humana ateia, que, para rimar com moisaica, chama de "athaica". As rimas agrupadas em estrofes de quatro versos prosseguem sua crítica:

(...)
 Mas por que é que tanta gente,
 Reunida numa sala,
 Examina a lei pendente
 Escuta, cogita e fala?

E por que vota? Pergunto...
 Nisto abro uma folha, e leio
 Bem explicado este assunto:
 Era um discurso alto e cheio.

O orador, um deputado
 Do Ceará, respondia
 A um que o tinha acusado
 De manter a escravaria.

Defendia-se, mostrando
 Que, desde anos longos, fora
 Dos que viveram chamando
 A aurora libertadora.

Que a obra da liberdade
 Era também obra sua,
 Fê-la com alacridade,
 Sem proclamá-lo na rua.

Votou, é certo, em contrário
 Ao projeto com que o Dantas
 Criou o sexagenário
 E umas outras coisas tantas.

Mas não foi porque o julgasse
 Oposto ao que entende justo,
 Nem porque ele lhe vibrasse
 Qualquer sensação de susto.

Foi só porque o gabinete
 Para o Ceará mandara
 Um presidente e um cacete
 Ambos de muito má cara.
 (...)

Esclarece-nos Duarte (2007, p. 42):

Manoel Pinto de Sousa Dantas, membro do Partido Liberal - e também conhecido como Senador Dantas ou Conselheiro Dantas, pois foi presidente do Conselho de Ministros, ou seja, chefe de governo -, propôs em 1887 um projeto de lei abolicionista mais favorável aos escravos do que o que acabou implantado sob o nome de Lei Áurea. O projeto previa um embrião de reforma agrária, com assentamento dos libertos em terras próximas às estradas, mas não obteve aprovação. No ano seguinte, o governo formado pelo Partido Conservador fez valer sua força e instituiu a lei assinada em 13 de maio.

Duarte (2007, p. 43) conclui seus comentários sobre a crônica em versos esclarecendo-nos que, sob a proteção do pseudônimo "Malvólio", Machado participa do "esforço que a imprensa abolicionista empreendia a favor da aprovação do fim do regime escravista".

Na segunda crônica sobre a política da época em relação à abolição, Machado satiriza os que defendiam a manutenção disfarçada do regime escravocrata. Na crônica, é feita referência "aos debates acalorados" de advogados, que se dividiam entre abolicionistas e escravistas que, sob o pretexto de defenderem a legalidade procuravam manter o *status quo* vigente.

De *Bons dias!*, foram citadas por Duarte seis crônicas: as quatro primeiras publicadas em maio de 1888 e as duas últimas em junho desse ano. Podemos acrescentar, porém, a essas seis, outras cinco crônicas que, mesmo indiretamente, abordam o tema nessa série, que durou de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889. Temos, pois, as seguintes crônicas relacionadas à escravidão por ordem cronológica de publicação em 1888: crônicas de 5, 19 e 27 de abril; 4, 11, 19, 20/21 e 27 de maio; 1º e 26 de junho. Acresce-se a essas a crônica de 13 de fevereiro de 1889. Por fim, são citadas as cinco crônicas da série *A semana*, publicadas em 1892, 1893 e a última em 1897 na *Gazeta de notícias*.

Do exposto, verifica-se que, somente em sua produção cronística intitulada *Bons dias!* Machado de Assis produziu, com fina ironia e de modo satírico, um trabalho do mais alto nível na denúncia aos maus tratos e na defesa dos seus irmãos de raça submetidos ao jugo da escravidão no Brasil.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DE CRÔNICAS MACHADIANAS SOBRE A ESCRAVIDÃO

A seguir, serão analisadas quatro crônicas machadianas, da série *Bons dias!*, com ênfase nas implicações escravagistas. As quatro dimensões propostas por Bosi (2010), tais como a construtiva ou estrutural, a mimética ou representativa, a expressiva ou existencial e a dialógica ou de interlocução entre autor e leitor serão aplicadas na análise, acrescidas de comentários do escritor inglês, que tomamos como nosso referencial. Ainda que tenha selecionado apenas o *corpus* citado, para estudo nesta dissertação, observei que algumas crônicas da obra de Gledson não constam na edição da José Aguilar (ASSIS, 1973, vol. III). Duas delas são justamente a publicada em 19 de abril de 1888 (Anexo B) e a terceira, que consta de nosso trabalho, saiu na Imprensa Fluminense em 20/21 de maio de 1888 (Anexo D).

Nessas crônicas, como lembra Gledson (In: ASSIS, 2008, p. 17) já nos cumprimentos iniciais, é de praxe o narrador começar com uma polidez agressiva ou, diríamos, uma agressão polida ao leitor, que se disfarça em uma ironia que oculta a verdadeira intenção do autor. A agressão, explica Gledson, estaria no desafio ao leitor de encontrar parte da verdade oculta pelo narrador, que "percebia cada vez mais a distância entre ele e os seus leitores. Também essa distância tinha, cada vez mais, um ingrediente histórico". É que Machado percebia que "sua compreensão da história, ou do fluxo dos acontecimentos era mais aguda que a dos seus leitores" (Id, *ibid.*).

Esta é uma característica definidora do estilo machadiano em toda a sua obra: desafiar o leitor, por meio da ironia, a desvencilhar o oculto e a captar sua verdadeira intenção. E, do ponto de vista de Gledson, com o qual concorda Arrigucci (1987, p. 60), as crônicas machadianas não somente se prestam à análise das "efemérides da história política". Ligam-se também, em vários pontos, com os seus romances e, "provavelmente também como os contos", participam de um vasto e coerente projeto idealizado por Machado com a intenção satírica de o autor "retratar a natureza e a sociedade em que vivia" (Id., *ibid.*).

Machado percebeu a relatividade da abolição e, de modo cômico, retrata a condição do negro, antes e depois de liberto, como será visto na análise das crônicas selecionadas abaixo. Sua percepção é carregada de pessimismo quanto ao sistema abolicionista, em vista da saída de um "sistema opressivo e degradante" para a entrada em outro de atividades "livres", mas sob condições de vida não menos humilhantes, em vista dos vis salários e da continuação dos maus tratos e discriminações aos quais teriam de submeter-

se os negros em nosso país. Esse tom agressivo e, simultaneamente, zombeteiro, brincalhão, acrescido de um aparente alheamento crítico, é encontrado também nos romances machadianos, em especial *Quincas Borba* e *Esaú e Jacó*, constata Gledson. E isso ocorre nos aspectos da matéria trabalhada e em seu "tratamento artístico" (apud ARRIGUCCI JÚNIOR, p. 61). Passemos, então, à análise das crônicas relacionadas à escravidão no Brasil.

Nestas análises, por vezes, faremos menção ao próprio Machado de Assis, embora não concordemos totalmente com Gledson, quando diz que é exagero falar de 'narrador' na crônica no mesmo nível do de romances e contos, uma "distorção da verdade e uma complicação inútil". Este procedimento tem por base nossa constatação de uma característica predominante nesses trabalhos machadianos, embora não se identifique nas crônicas e chegue mesmo a referir-se a um pseudo nome do narrador como Policarpo, sua intenção é, como autor, ainda que misture ficção à realidade, denunciar satiricamente, ironicamente, os desmandos políticos e as injustiças sociais de seu tempo.

5.1 Crônica de 5 de abril de 1888 (Anexo A)

Essa crônica aborda o conhecimento do narrador sobre o anúncio do fim da escravidão no Brasil, que já era sabida, mas precisava de prudência, antes de sua divulgação. Tem como assunto central essa questão e, com base em um objetivo político com intenção de alcançar apenas as pessoas mais bem informadas, relata o discurso feito no Clube Beethoven pelo Ministro Ferreira Viana sobre a abolição. Como o modo em que esta ocorreria não fora expresso por Viana, o narrador propõe cautela ao seu leitor, para que este não criasse falsas expectativas sobre o assunto.

De acordo com Gledson (2008, p. 20), Machado de Assis desejava iniciar sua nova série de crônicas cuidadosamente, após ter encerrado uma série anterior na *Gazeta de Holanda*, em 04 de fevereiro de 1888. Desse modo, dado à possibilidade de represália das autoridades criticadas, o escritor ocultava-se por trás de pseudônimos e, com sua técnica de escrita apurada, não somente provocava o riso como também a indignação. Precisava escrever críticas contundentes, sob o disfarce do ridículo, mas não convinha expor-se e se deixar conhecer pelos cidadãos criticados para não ser severamente punido. Conclui Gledson que tudo indica ter funcionado perfeitamente o disfarce, pois só a partir da década de 1950 tornaram-se conhecidas essas crônicas como de Machado de Assis.

1. Dimensão construtiva ou formal

Aqui temos, pois, um aspecto importante na **dimensão construtiva** da crônica: o uso do pseudônimo para, com graça e ironia, denunciar os desmandos sociopolíticos de sua época.

Outros aspectos da construção do cronista referem-se às formas de introdução, desenvolvimento e fecho do trabalho, que, em geral, expressam a criatividade do autor. Nessa crônica, a introdução decorre do diálogo do narrador com seu leitor e instruções, em primeira pessoa, sobre boas maneiras: "Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse (...). Mas não, senhor, chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias". O texto machadiano é escrito em linguagem bastante coloquial. No entanto, não se pode considerá-lo popular. O que significa isso? Sem entrar em julgamento linguístico quanto ao nível da fala do autor, podemos considerá-lo muito próximo da oralidade, sem, contudo abandonar os cuidados próprios das normas gramaticais padronizadas.

No desenvolvimento, muda de assunto como se estivesse em conversa informal com alguém sem, todavia, descer a uma linguagem popular que, se precisasse utilizar, o fazia sob o predomínio geral da norma padrão. Exemplo: Após dizer que não tinha programa, escreve o seguinte: "aqui virei uma vez por semana", ou seja, semanalmente, seria publicada a crônica *Bons dias!* do anônimo autor que, em seguida, fala sobre o "discurso proferido no Beethoven", sobre o fim da escravidão, que não expressa na crônica. E após ironizar o imperador, comparando-o com o príncipe Bismarck, um ditador alemão, diz ser "um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, [descreu] do ofício". A conclusão é irônica, diz ter falado do diabo três vezes e, mais aquela, quatro, "é demais". Deduz-se do exposto que estamos diante de um narrador que se propõe a escrever sobre trivialidades da sociedade de sua época em estilo bastante informal, irônico e burlesco, o que caracteriza bem o gênero crônica.

O vocabulário empregado, embora o estilo coloquial da linguagem, é bastante rico. Nele, encontramos palavras e expressões cujo significado, por vezes, precisamos buscar no dicionário, como:

1. "grosseirão de borla e capelo", linha 5 (l. 5): grosseirão com grau de doutor;
2. Beethoven (l. 9): clube destinado a concertos musicais e conferências literárias, fundado em 1882, que tinha como diretor da biblioteca Machado de Assis;
3. "pour étonner de bourgeois" (l. 13- 14): expressão francesa que significa "para satisfação do burguês";

4. "gaforinha" (l. 23): cabeleira longa e desgrenhada (regionalismo: o diabo);
5. não ter "papas na língua" (l. 28- 29): falar francamente, sem rodeios;
6. encasacado (l. 37): vestido com casaco (figuradamente: protegido do frio ou do mal tempo);
7. ir à fava (l. 41): ir embora, cair fora;
8. alvitre (l. 42): proposta, vontade;
9. vexa (l. 42): envergonha, humilha;
10. chegada do Bendegó (l. 43): chegada de um meteorito que caíra na Bahia e há meses esperava-se seu transporte para o Rio de Janeiro, segundo Gledson (2008).

Desse modo, podemos observar a dimensão construtiva do gênero crônica: relato de fatos cotidianos de modo criativo e baseados nos costumes de uma época. Devemos acrescentar que, em Machado de Assis, a imaginação o faz construir sua narrativa de modo a transcender sua época e servir de inspiração aos escritores que o sucederam. Com ele, a estrutura do gênero crônica se consolida literariamente, tendo em vista os recursos de seu estilo altamente original, humorístico e irônico. Seu vocabulário é riquíssimo e é sempre um desafio à capacidade do leitor de, no contexto, entender o significado das palavras, com a ajuda de um bom dicionário, não somente da língua portuguesa, como também de outros idiomas, em especial, nessa crônica, o francês.

2. Dimensão mimética ou representativa

A **mimésis** também é uma característica típica do estilo machadiano. O narrador inicia com um comentário sobre atitudes que demonstram sua criação educada. Ao chegar no lugar hipotético, seu primeiro cuidado é o de cumprimentar as pessoas. Por isso, exige que lhe correspondam às suas saudações. Em seguida, aconselha cautela sobre o que se deve falar, em especial, em um discurso, pois a palestra ouvida no Beethoven serviu-lhe de alerta. Segundo Gledson (2008, p. 81), Machado teria ouvido no clube citado o discurso do Ministro Ferreira Viana sobre a abolição da escravatura. A cautela sugerida por Machado foi inspirada no próprio silêncio do Ministro, que se calou sobre como ocorreria a abolição, se completa ou com prestação de serviços em período estipulado, se com indenização a fazendeiros proprietários e se com previsão sobre o futuro dos prováveis ex-escravos. Verificamos, no narrador, um modo fingido, imitativo de boas maneiras, mas com o propósito básico de, ironicamente, prevenir os interessados sobre os fatos reais, sobre a verdadeira intenção do

governo monárquico que nada mais era do que poupar o capital brasileiro com a indigesta situação da inexorável necessidade de abolir a escravidão no Brasil.

Nessa crônica, o narrador compara o príncipe alemão Bismarck, político todo poderoso da época, em seu país, e antidemocrata (ditador), com o Regente brasileiro, com evidente intenção de ironizar a conduta de D. Pedro II, que escondia sua verdadeira intenção sobre a questão da escravidão, à época, um grande incômodo para a Monarquia do Brasil. Em seguida, após anunciar que semanalmente escreverá sua crônica, diz-se ser um pobre relojoeiro descrente do ofício, por observar que sempre há diferença de horas nos relógios deste mundo. A representação aqui é metafórica, e refere-se às diferentes opiniões sobre a questão envolvendo os escravos. Para uns, a escravidão deveria ser extinta com indenização aos fazendeiros, para outros, quem deveriam ser indenizados eram os escravos. O Governo fazia conta dos gastos astronômicos e de sua impossibilidade de arcar com tão altos custos, se quisesse ser justo a uns e outros considerados prejudicados. Enfim, ninguém se entendia, como se fossem relógios desajustados, a maioria, sempre atrasados, o que justificava o adágio popular de duplo sentido: "Relógio que atrasa não adianta".

Machado fingia não dar muita importância ao que escrevia, mas se apropriava, também, de textos da literatura mundial, bíblicos e os modificava sutilmente, tendo em vista seu propósito de sátira, como neste caso: "(E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida, etc. *Gênesis*, I, 26)", que, embora cite a Bíblia, modifica propositalmente seu versículo que não contém a expressão "para que presida", com relação a outros seres humanos. O versículo bíblico, se citado sem segunda intenção permite outra leitura: "26 Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem (sic) sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra" (BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3. reimp. São Paulo: Paulus, 2004). Ou seja, o homem foi criado por Deus para dominar sobre os animais e não sobre seus semelhantes, em especial de modo tirânico, escravagista, como expressa, satiricamente Machado na **representação** (ou *mimésis*) do versículo citado.

3. Dimensão expressiva, existencial ou emotiva

A **dimensão expressiva** ou existencial é também chamada emotiva. Essa crônica, como ocorre em qualquer outra, de Machado, caracteriza-se por sua ironia, que disfarça a indignação do cronista em relação ao comportamento das autoridades e homens públicos de sua época, no que se refere ao tratamento dos escravos. O uso da primeira pessoa, da metáfora

e de expressões de emoção contida são comuns na fala do narrador. A intenção predominante é a de ridicularizar o modo como ocorreria a abolição da escravatura e o destino futuro a ser dado às vítimas da servidão.

Vejam os como Gledson (2008) relata a ironia do autor. Sabedor de que, ante a expectativa abolicionista da escravidão, muitos escravocratas reagiriam negativamente, diz o cronista que "o melhor é fazer calado". Elemento **expressivo (existencial ou emotivo)** em que narrador e autor se confundem num mesmo sentimento de cautela ante a possibilidade de reações negativas dos escravocratas que poderiam exigir uma compensação financeira em decorrência da emancipação dos seus servos. O príncipe de Bismarck a que se refere nada mais era que o perfil disfarçado do imperador, que é introduzido entre parênteses no texto, ironicamente, quando o narrador se refere à suposta semelhança física de ambos. A opinião do escritor inglês é a de que o imperador, ao expor suas ideias sobre o que fazer para abolir a escravidão, demonstrou não saber exatamente como fazê-lo.

Também utiliza a dimensão expressiva ao afirmar:

Portanto, bico calado. No mais é o que se está vendo; cá virei uma vez por semana, com o meu chapéu na mão, e os *bons dias* na boca. Se lhes disser desde já, que não tenho papas na língua, não me tomem por homem despachado, que vem dizer coisas amargas aos outros. Não, senhor; não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. Se as tivesse, engolia-as e estava acabado. Mas aqui está o que é; eu sou um pobre relojoeiro, que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício.

O narrador promete publicar uma crônica semanalmente. No início, realmente, as crônicas foram publicadas com intervalo semanal, mas, após a crônica de 16 de setembro de 1888 (crônica 21), somente em 22 de outubro desse ano foi publicada a crônica seguinte (crônica 22), porém, em seguida, Gledson enumera a crônica 23 com data anterior, ou seja, 21 de outubro de 1888. Nem sempre, portanto, há a regularidade de uma semana entre uma e outra publicação do cronista. Diz que não tem papas na língua, mas antes conclui: "Portanto, bico calado". Advertência para si próprio e não para o leitor, embora este, se quisesse, poderia também aplicá-la a si, em relação à delicada situação da abolição dos escravos. Essa falta de seriedade no que afirma, movida pela emoção, é característica dessa dimensão.

Finalmente, afirma-se um pobre relojoeiro descrente do ofício, que Gledson (2008, p. 25) comenta ser uma referência machadiana ao curso da história, em especial, referindo-se ao período imperial e sua indecisão quanto ao tratamento dado à questão da abolição da escravidão naquele momento. Falava-se em indenização dos grandes proprietários pelo Governo da época, o que acabou não ocorrendo. Ante a indecisão da época, Machado se

diz pessimista, porque qualquer que fosse o partido político que assumisse, fosse ele conservador ou liberal, a abolição era já considerada certa. Entretanto, como ficariam os libertos? Conseguiriam manter seus meios de subsistência, incultos como eram? Os libertos e seus filhos teriam acesso à educação, à formação profissional adequada aos novos tempos, à qualificação de mão-de-obra e à preparação para o trabalho produtivo? Os salários contemplariam suas reais necessidades? Seu esforço físico seria devidamente recompensado? Essas eram algumas das questões que não tinham respostas.

Nesse trecho, encontramos, pois, vários elementos caracterizadores da expressividade ou emoção: uso da primeira pessoa, cumprimento ao leitor, informação de não ter "papas na língua" e figura de linguagem no emprego da metáfora, ao afirmar-se "um pobre relojoeiro" que descreu da profissão por observar a falta de sincronia ente os relógios no registo das horas. Concordamos com Gledson, quando diz que, na verdade, o que o autor queria dizer é que as autoridades da época não se entendiam quando se propunham a resolver questões políticas relevantes, principalmente, em torno da servidão, que não se resolveria simplesmente com a abolição da escravidão no País. Muitos interesses estavam em jogo, o principal deles, porém, aqui, era o dos cativos prestes a serem "libertados".

4. Dimensão dialógica

Segundo Ribeiro e Sacramento (2010, p. 12),

Os abusos das noções de dialogismo e de polifonia são, sem dúvida, os mais evidentes resultados desse processo de apropriação, muitas vezes, impreciso e superficial. Não raro, quando há pesquisas com o objetivo de identificar "vozes em diálogo" em fenômenos linguístico-comunicacionais, já se pressupõe estar utilizando conceitos de polifonia e dialogismo. Certamente, não se trata *apenas* disso (destaque nosso).

Esses autores lembram que é necessário observar aspectos como "a imiscibilidade e a equipolência entre vozes, bem como a orquestração delas". Também não se pode deixar de observar, nesses "fenômenos, o social, o contextual, em favor de um novo aprisionamento ao texto - de um novo formalismo, portanto" (Id., *ibid.*).

Enfim, ao entender a linguagem como comunicação, Bakhtin percebeu os sentidos como um território comum, socialmente produzido, seja coercitivamente (pela palavra autoritária) seja consensualmente (pela palavra hegemônica), seja carnavalizadamente (pela palavra comunitária, compartilhada de forma assimétrica) (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 15).

Na avaliação desta dimensão, é preciso deixar claro que o aspecto dialógico poderá, também, ser avaliado no sentido *lato* da palavra. Isso quer dizer que, embora possamos utilizar conceitos bakhtinianos (BAKHTIN, 2010) para a análise, o conceito comum de diálogo, com base nas definições dicionarizadas, também estará presente nos comentários abaixo. Tal procedimento significa dar-se atenção aos dois aspectos bakhtinianos, ou seja, o "de interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso" (BARROS; FIORIN, 1994, p. 2).

Já no início dessa crônica, ocorre o diálogo do narrador com seu leitor e instruções sobre boas maneiras em primeira pessoa: "Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse (...). Mas não, senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias". O narrador inicia com um comentário sobre atitudes que demonstram sua criação educada. Ao chegar no lugar hipotético, seu primeiro cuidado é o de cumprimentar as pessoas. Por isso, exige que lhe correspondam às suas saudações. Em seguida, aconselha cautela sobre o que se deve falar, em especial, em um discurso, pois a palestra ouvida no Beethoven⁶ serviu-lhe de alerta.

Comenta Gledson (2008) que o modo educado, mas também dissimulado, de o narrador se dirigir ao leitor é uma forma de aquele demonstrar sua superioridade estratégica sobre este. É o aspecto social coercitivo, da palavra autoritária, que deverá, em seguida tornar-se consensual. Primeiramente, o autor não se expõe, esconde-se sob um pseudônimo ou, no caso, sem outra identificação senão a dos cumprimentos: "Bons dias!" e "Boas noites!", no início e fim, respectivamente, da crônica. Em segundo lugar, fingindo que não se refere a quem lê, por quem também simula respeito, mas ao "vizinho" do leitor. O autor tinha, portanto, plena consciência da importância do seu anonimato e do uso de uma linguagem burlesca para levar o leitor ao verdadeiro sentido de suas palavras. Buscou, pois, a concordância, uma das formas de relação dialógica mais importantes, segundo Bakhtin (1992, p. 354).

Um exemplo claro da importância do anonimato do narrador é a passagem já citada: "Depois de um recente discurso proferido no Beethoven, acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer; o melhor é fazer calado". Gledson (2008) comenta o referido discurso, ao qual Machado provavelmente assistiu no Clube Beethoven, do qual era membro assíduo. O ministro Ferreira Viana anunciara que a escravidão seria abolida, não se sabendo se de modo completo ou com imposição, por certo período, de

⁶ Clube destinado a concertos musicais e conferências literárias, fundado em 1882, que tinha como diretor da biblioteca Machado de Assis. Disponível em <<http://blog.chorodas3.com.br>>. Acesso em 19 ago. 2010.

serviços. Vê-se, assim, nas palavras machadianas, a intenção de apenas veladamente tratar, nessa crônica, o tema liberdade para os escravos, para não se comprometer pela palavra, ele que tanto contribuiria, quase anonimamente, nessa causa, em especial com despachos de seu gabinete, no Ministério da Agricultura, sempre favoráveis aos cativos. Aqui a interlocução dá-se no sentido político, em sua menção às palavras de outrem, ou seja, do ministro Ferreira Viana. A cautela sugerida por Machado foi inspirada no próprio silêncio do ministro, que se calou sobre como ocorreria a abolição, se completa ou com prestação de serviço em período estipulado, se com indenização a fazendeiros proprietários e se com previsão sobre o futuro dos prováveis ex-escravos.

Quanto ao final da crônica, Policarpo, pseudônimo adotado pelo autor das crônicas, só revelado na crônica número 5, de 1º de jun. de 1888, diz aos seus leitores o seguinte: "Aqui me terão, portanto, com certeza, até a chegada do Bendegó (...)". Refere-se a um meteorito caído no sertão da Bahia e que seria levado, após muitos contratempos, para o Rio de Janeiro. Na época, o fato originou muitas piadas e comentários irônicos, como o do narrador.

Granja (2010) explica-nos que, na crônica machadiana, o dialogismo deste com o leitor se faz de duas formas: a) o leitor é nomeado no texto e chamado a posicionar-se; e b) o leitor é chamado a participar do texto. O primeiro caso fica explícito logo no início da crônica, quando o leitor é convidado a "reconhecer" que o cronista "é bem criado". O segundo também está expresso ainda no primeiro parágrafo: "Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa, em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo (...)". Em seguida, como que prevendo uma reação indignada do leitor, o cronista procura isentá-lo da acusação: "(...) ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando-me com tão nobre franqueza, não me refiro ao leitor, que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho." Por fim, lê-se a exclamação: "Ora bem!" inserida ali como se fora a resposta esperada do próprio leitor.

A leitura de crônicas como essa e muitas outras, de Machado de Assis, levou outros escritores a imitar-lhe o estilo em suas características de conversa com o leitor, bivocalidade e concisão na produção do texto. O narrador busca relacionar-se com o leitor de um modo disfarçadamente irônico, mas sua intenção é levá-lo à compreensão, interagir com o leitor, desafiando este a encontrar, entre possíveis sentidos, o sentido real do que deseja expor sem se expor, pela possibilidade de múltiplos sentidos a serem descobertos em seu texto.

5.2 Crônica de 19 de abril de 1888⁷ (Anexo B)

Essa crônica é a terceira da série. Aborda, primeiramente, a facilidade que o governo tem de obter empréstimos, e menciona, em seguida, o "regímen lácteo" da Armada, cujas tabelas inspiram-lhe dois versos. Após isso, refere-se à hipoteca dos escravos no Banco Predial, à mensagem recebida dos cativos, confirmando sua condição de ainda serem escravos, aos quais se solidariza e, por fim, faz um comentário irônico sobre um acontecimento político pouco ético.

Não há contradição nos atos sociopolíticos de sua época, viu bem Machado, então, como diria Moliere: *ridendo castigat mores* (rindo se castigam os costumes). A esperteza, o oportunismo, os interesses pessoais sempre estiveram acima das necessidades de satisfazer o bem-estar comum em todas as sociedades, na brasileira nunca foi diferente. Vejamos como as quatro dimensões propostas por Bosi são trabalhadas na atual crônica, da qual reproduzimos o trecho abaixo⁸:

...E nada; nem palavra, nada. Ninguém me responde; todos estão com os olhos na eleição do 1º distrito. Mas, com seiscentas cédulas! também eu, acabando, lá irei dar o meu recado, por sinal que já o trago de cor; mas cada coisa tem o seu lugar. Quando um homem chega e cumprimenta, parece que os cumprimentados o menos que podem fazer é retribuir o cumprimento; acho que não custa muito. Calaram-se, a pretexto de que vão votar, será político, mas não é político; não sei se me entendem. Enfim, por essas e outras é que eu gosto mais da roça. Na roça a gente vai andando em cima da mula; a dez passos já as pessoas bem educadas estão de chapéu na mão:

— Bons dias, Sr. Coronel!

— Adeus, José Bernardes.

— Toda a obrigação de V. Ex^a...

— Todos bons, e a tua?

— Louvado seja Deus, vai bem, para servir a V. Ex^a.

Que custa isto? Que custam dois dedos de boa criação? Nada. E note-se que lá fora, mesmo quando há eleição, ninguém se esquece dos seus deveres: às vezes até os cumprem com mais galhardia. Esta corte é uma terra de malcriados.

Pois olhem, quando eu entrei aqui, vinha alegre; tinha lido umas revelações do amigo Dr. Costa Ferraz, que me lavaram a alma das melancolias pecuniárias, únicas que me afligem deveras. As outras não passam de canseiras ridículas. Falta de dinheiro, isso dói; ao menos, para quem não é governo. O governo até parece que quanto mais lhe falta mais lhe dão, e, às vezes, em condições inesperadas, como o caso do nosso recente empréstimo. Quem é que me fia mais, desde outubro do ano passado, um jantazinho assim melhor? Seguramente ninguém; mas ao governo fiam tudo; deve muito e emprestam-lhe mais. Por isso, não admira que tanta gente queira ser governo. Só esse gosto de ver chegar o credor, de chapéu na mão, todo zumbaia, com uma bola debaixo do braço, tratando o devedor por majestade, palavra que dá vontade de pôr a procissão na rua.

⁷ Esta crônica não consta de ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973, vol. III, entretanto foi inserida por GLEDSON, John em *Bons dias!* 3. ed. São Paulo: Unicamp, 2008, p. 91 - 94.

⁸ Para melhor entendimento dos comentários analíticos, disponibilizamos a crônica completa anexa ao final da dissertação.

1. Dimensão construtiva

Iniciemos pela dimensão **construtiva**. O narrador em primeira pessoa, em monólogo sobre a eleição do 1º distrito (sic), reflete sobre a indicação para cargo político de um cidadão não político, do qual o cronista não gosta. Em seguida, esclarece gostar mais da roça, onde as pessoas vivem com mais simplicidade e educação. Passa a refletir sobre as dívidas pessoais e do governo, para quem aquelas doem menos, pois "quanto mais lhe falta, mais lhe dão" e, em seguida, comenta as "diatas da Armada". Abaixo, cita dois versos, ironizando as tabelas do regime da alimentação militar: "Vou com as tabelas, / Vou mais longe que elas", em redondilha menor.

Por que a ironia? Ora, o regime é chamado lácteo, todavia, nele há uma "porção de coisas em que entra algum leite". No parágrafo seguinte, detém-se na análise do *regímen lácteo das tabelas*. Compara-o com um jogo de cartas chamado "do solo". Esse jogo pode ser feito "a dinheiro, que corresponde ao leite de vaca, puro abundante".

Esculhamba com o orçamento, a linguagem dos jogadores e do povo. A "vaca do orçamento", na expressão popular, dá origem ao dito: "o pelintra meteu a boca na teta". O leitor, tanto da época como atual, percebe perfeitamente, nos comentários, a clara intenção de criticar as autoridades que se locupletam com o dinheiro público. É como se diz também: "mamar nas tetas da vaca".

Desde o início da crônica, seu autor conversa com seus leitores. Inicia dizendo que ninguém lhe responde ao cumprimento e, em seguida, passa um sermão às pessoas que se calaram "a pretexto de que vão votar" para eleição num cargo político alguém que não é do ramo. Depois disso, estabelece claramente um "bate-papo" com seus interlocutores, o que fica mais claro após o trecho em que cita os cumprimentos das pessoas da roça. Diz ainda que a boa educação, expressada em "dois dedos de boa criação", nada custa e que a "corte é uma terra de mal criados".

Passa, por fim, ao tema da escravidão. Cita, então, a segunda quadra da oitava do poema camoniano *Os lusíadas*, canto I, estrofe nº 41, em decassílabos heroicos (6ª e 10ª sílabas tônicas), se completarmos o primeiro verso de Camões: "Pelo caminho lácteo glorioso," (CAMÕES, 1983, p. 157).

Pelo caminho lácteo...
Logo cada um dos deuses se partiu
Fazendo seus reais acatamentos
Para os determinados aposentos.

Eis como Machado apropria-se dos versos do grande poeta português, Camões. E, nesse ato, o que para o galego era motivo de exaltação a Portugal, em nosso país nada mais é do que um mote para a denúncia, oculta sob o véu da ironia, sobre os maus tratos e as injustiças cometidas contra os negros africanos escravizados aqui. O elemento representativo ou mimético do narrador, com base na nova ideia decorrente dos versos apropriados obedece, agora, a seus propósitos elevados de mostrar, "a quem tem olhos de ver", como se lê no Evangelho, a crueldade humana.

Retomando o primeiro verso camoniano citado por Machado, verifica-se que o adjetivo "glorioso" é omitido por este. Em seu lugar, são colocadas reticências, certamente, por saber o autor que o "caminho lácteo" a ser percorrido pelos escravos corresponde, agora, o "lácteo", ao "branco". E, para o negro, esse caminho nada tem de "glorioso", é, antes, sofrido, injusto, penoso.

A citação não é completa, pois a finalidade é fazer um paralelo entre os versos do poema épico do poeta português com a questão do negro escravo, ao qual se opõe, desta vez, a palavra "lácteo", ou seja, o branco, ao qual, em nossa pátria, se subjuga o negro escravizado. Apropriou-se, pois, também o cronista, não dos versos camonianos, mas da ideia neles contida de brancura, para ironizar o ato bárbaro dos brancos, que remonta à antiguidade, quando a guerra servia de pretexto para a prática das maiores atrocidades humanas, como a violação de mulheres e crianças, a servidão, o roubo e o crime.

A forma satírica nada mais faz do que ocultar essa denúncia sob o aspecto risonho de o narrador comentar os atos ignominiosos dos escravocratas. Esconde, mesmo, a um leitor que desconheça o autor, suas verdadeiras intenções: denunciar, indignar, provocar reações de revolta, ainda que, já a essa altura dos acontecimentos, se soubesse que novas formas de subjugação do negro surgiriam. Por vezes, a nova espécie de domínio é até mais cruel do que a da própria escravidão, pois se esconde por trás da remuneração dos seus serviços com míseros salários, incapazes de livrar o negro da extrema pobreza, da revolta e da humilhação.

Continuando a crônica, diz o narrador:

Ora, entre os discursos proferidos houve um do digno acionista Sr. José Luís Fernandes Vilela, declarando ser tudo aquilo uma discussão vazia de sentido, porque já não existem escravos.

Confesso que estimei ler tão agradável notícia; mas como não há gosto perfeito nesta vida, recebi daí a pouco uma mensagem assinada por cerca de 600.000 pessoas (ainda não pude acabar a contagem dos nomes) pedindo-me que retifique o discurso do Sr. Fernandes Vilela. Há escravos, eles próprios o são. Estão prontos a jurá-lo e concluem com esta filosofia, que não parece de preto: "As palavras do Sr. Fernandes Vilela podem ser entendidas de dois modos, conforme o ouvinte ou o leitor trouxer uma enxada às costas, ou um guarda-chuva debaixo do braço. Vendo as coisas, de guarda-chuva, fica-se com uma impressão; de enxada, a impressão é diferente".

Nesses dois parágrafos, ironiza a afirmação de um acionista sobre a inexistência de escravos. Diz ter estimado ler a notícia "agradável", porém, acrescenta em seguida ter recebido uma mensagem assinada por 600.000 escravos que criticavam, de modo filosófico, a ambiguidade das palavras daquele cidadão. Quem traz a enxada, por certo, é o trabalhador escravo, ainda sujeito à chuva, ao trabalho duro; o que porta o guarda-chuva nada mais é do que quem, ao abrigo da chuva, lê a informação sobre a inexistência de escravos fingindo acreditar nisso e nada ver, nada ouvir além dos pingos da chuva da qual está ao abrigo.

O cronista encerra sua crônica de um modo totalmente irônico, pois muda repentinamente de assunto e volta a citar as intrigas políticas nada diferentes das atuais. Um deputado é acusado de traição a outro e abandona seu partido. Galhofeiro, o cronista diz ser esse um exemplo digno de imitação e conclui: "botemos o nosso partido fora, como um simples colete de seda enlameado. No final da crônica, despede-se galhofamente dos seus leitores:

Adeus. Já sabem que o Coronel Almeida, deputado provincial pelo 14º distrito da Bahia, tendo sido acusado de traição ao Dr. César Zama, declarou na assembleia que abandonava o seu partido. Exemplo austero e digno de imitação! Dada uma acusação dessas, botemos o nosso partido fora, como um simples colete de seda enlameado. Mas os princípios que nos ligavam ao partido? Perdão, mas os botões, que nos abotoavam o colete?

Percebe-se, então, por parte do narrador, um desejo incontido de demonstrar sua indignação, mal disfarçado por um último desejo: terminar de aprontar-se para sair. Com isso, deixa, nas entrelinhas de sua última frase, um último ato de desprezo pelos conchavos políticos dos quais não deseja participar e, portanto, prefere retirar-se, embora "enlameado" como o colete que diz dever ficar fora como o seu partido. Este nada mais é do que a pessoa do narrador e não um grupo político enlameado, como os citados em sua crônica.

Vocabulário

1. zumbaia: reverência; por ext. mesura, cumprimentos ou polidez exagerada, afetada;
2. *Ce qui est mon opinion*: expressão francesa que significa "o que é minha opinião";
3. jogo do solo: jogo de carta parecido com o "voltarete";
4. meter a boca na teta: tirar proveito de algo;
5. "jogar a leite de pato": jogar por entretenimento, sem intenção de aposta monetária;
6. hipotecados: dados em hipoteca, ou seja, como garantia de empréstimo.

2. Dimensão mimética (representativa)

O uso da primeira pessoa, a expressão irônica de sua linguagem, mesclada por versos próprios e também apropriados, como os de Camões, supracitados, não somente

caracterizam os aspectos construtivos e representativos como a dimensão expressiva do cronista. Exemplo desta: "Vou com as tabelas, vou mais longe que elas", que, conforme exposto acima, satiriza o regime militar e, figuradamente, expressa sua visão mais ampla sobre a forma muitas vezes desonesta de os políticos da época administrarem a economia do Brasil. Exemplo de construção é o modo de apropriação dos versos camonianos e sua representação figurada do significado simbólico das palavras e versos supracitados: o lácteo do leite como o branco e o caminho nada "glorioso" dos escravos subjugados pelos senhores, os "deuses" da estrofe, com "seus reais acatamentos" para seus "determinados aposentos".

3. Dimensão expressiva (emotiva)

Já em sua época, o "Bruxo do Cosme Velho" percebia que o Brasil precisa ser repensado politicamente. Nesse sentido, não há ainda contradição alguma entre o que existia em seu tempo e o que ocorre nos dias atuais. O que fazer, então, senão sorrir e fazer rir para, com o escárnio e a comparação entre nossa cultura e a europeia, da qual se apropria o grande escritor, criar uma literatura própria, engajada sociopoliticamente e muito crítica e criativa?

Adeus. Já sabem que o Coronel Almeida, deputado provincial pelo 14º distrito da Bahia, tendo sido acusado de traição ao Dr. César Zama, declarou na assembleia que abandonava o seu partido. Exemplo austero e digno de imitação! Dada uma acusação dessas, botemos o nosso partido fora, como um simples colete de seda enlameado. Mas os princípios que nos ligavam ao partido? Perdão, mas os botões, que nos abotoavam o colete?

A despedida do cronista é simplesmente irônica. Não podendo modificar o modo hipócrita e desonesto dos políticos que não respeitavam os princípios éticos que os ligavam (ou deveriam ligar) a seu partido, o melhor era calar-se e, no simbolismo da preocupação com os botões que lhe abotoavam o colete, cuidar de sua própria vida, o que não significava indiferença. Que a indignação ficasse por conta do leitor honesto e o riso de mofa com os supostamente espertos de todos os tempos, o que caracteriza, também, uma ambivalência do texto machadiano.

4. Dimensão dialógica

Como é de hábito, o narrador inicia com o "bate-papo". Após referir-se à má educação dos políticos da corte, aparentemente indignado, dirige-se a supostos interlocutores: "Pois olhem, quando eu entrei aqui, vinha alegre". Expõe as misérias da sociedade política em contexto que, lido com outros olhares, percebe-se o desejo de chamar a atenção para as

injustiças sociais do seu tempo, em especial no tratamento dado aos ainda escravos, que se negava estarem então nessa condição, mas que estes mesmos, em mensagem assinada por 600.000 pessoas, confirmavam permanecerem no regime de escravidão. No último parágrafo, a bivocalidade do texto se manifesta pela ironia, disfarçada pela entonação cínica de quem tudo sabe e finge nada saber: "Mas os princípios que nos ligavam ao partido? Perdão, mas os botões que nos abotoavam o colete?".

Características dialógicas presentes nessa crônica são a imiscibilidade da voz do narrador com a dos seus "interlocutores". Isso fica claro na observação de seu estilo propositalmente afetado, em que busca mostrar-se num plano mais elevado que o de seus leitores, desde as desculpas iniciais pela não retirada do chapéu, simplesmente por estar constipado, o que, convenhamos, não é justificativa plausível para uma simples virose. Isso se dá igualmente no final da crônica, quando, após a pseudo conversa com o senador Castro Carreira, diz que tudo fora perdido por causa de uma simples coriza. É outra de suas hilariantes crônicas, que estimula o leitor a divertir-se com os desafios linguísticos do narrador, em busca da equipolência do conteúdo textual.

5.3 Crônica de 4 de maio de 1888 (Anexo C)

O narrador aborda a "abertura das câmaras", quando foi lida, pela princesa Isabel "A Fala do Trono", com o anúncio da abolição a se concretizar em breves dias", e narra um diálogo hipotético entre o cronista e o senador cearense, Castro Carreira, em que o primeiro, questiona o segundo sobre os partidos do Ceará e os princípios que os deviam reger, mal explicados pelo senador, que seria pressionado a explicá-los, se não fosse por uma forte gripe que acometera o narrador e o impedira de fazer a pretensa entrevista. Isso não passara de pretexto para a ironia machadiana a respeito dos últimos acontecimentos políticos, em especial no que se referia à abolição da escravidão.

1. Dimensão construtiva ou formal

O autor inicia com um pedido de desculpas, por não tirar o chapéu aos supostos interlocutores, pois alega estar constipado. Em seguida, diz que precisava estar bem de saúde para apreciar a movimentação dos políticos no Senado e também para criticar a política do Ceará com o senador cearense Castro Carreira, com quem pretendia realizar uma hipotética conversa, que reproduz, de modo muito engraçado, como se houvesse acontecido de fato. O

tom narrativo, irônico e zombeteiro, é bastante explorado nessa crônica. O discurso direto se caracteriza, nela, pelo uso do travessão para indicar a fala dos interlocutores. Predomina o uso da primeira pessoa.

A conversa com o senador é engendrada de forma tão engraçada, que parece ter ocorrido de fato, com um interlocutor procurando a lógica do discurso e o outro "enrolando-o", como procura representar o narrador ser um estilo peculiar aos políticos. Como exemplo, observemos o trecho seguinte:

- De acordo, mas o que é que os separa?
- Os princípios.
- Que princípios?
- Não há outros, os princípios.
- Mas Aquirás é um título, não é um princípio; Ibiapaba também é um título.

Nesse ponto, o senador filosofa com uma paráfrase da frase shakespeariana, atribuída ao personagem Hamlet que adapta ao contexto desta forma: "— Há entre o céu e a terra mais acumulações do que sonha a vossa vã filosofia". A frase de Hamlet, citada por Gledson (2008, p. 102) é a seguinte: "*There are more things in heaven and earth, Horácio, / Than are dreamt of in your philosophy*". A palavra "vã", introduzida por Machado, não se encontra na frase original em inglês.

Na construção do texto das crônicas, é interessante como algumas expressões e palavras ficam impregnadas em nossa memória e se repetem. Tal é o caso da palavra "fico", que, nesta crônica, encontramos na seguinte frase: "o médico não quer, diz-me que, por esses tempos úmidos, é arriscado sair de casa; **fico** (destacamos). Vejamos como esta palavra repete-se, de modo também engraçado, na crônica de 19 de maio de 1888, na resposta do então ex-escravo Pancrácio:

"— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! Meu senhô! **Fico**" (destaque nosso).

Vocabulário

1. **constipado**: resfriado, com infecção das vias aéreas;
2. *ex auctoritate qua fungor*: expressão latina que significa "da autoridade de", segundo Gledson (2008, p. 101), "frase com que se alude à pessoa (o imperador, por exemplo, ou o papa) sob cuja autoridade se publica alguma coisa. "Fungor" é falso latim;

3. **deputações:** plural de deputação, ato ou efeito de deputar, ou seja, enviar alguém em missão ou comissão; delegações de poderes;
4. "**não entendo patavina**": não entendo nada; não entendo coisa alguma;
5. **fastio:** enfado; aborrecimento; tédio;
6. **monco:** muco; humor espesso, segregado pela mucosa do nariz;
7. **pérfido:** desleal; traidor; traiçoeiro.

2. Dimensão representativa

O modo de estruturação da crônica imita o modo educado de introduzir sua conversa com o leitor da crônica anterior: demonstra boas maneiras, ao se desculpar por não tirar o chapéu aos seus leitores, no caso, mais especialmente, às suas leitoras, como era comum ser feito à época. Em seguida, explica que seu primeiro ato, antes de iniciar um assunto, é cumprimentar seus leitores. Depois disso, diverte-se com o leitor, afirmando que este, antes mesmo de anunciado, já sabia o que o narrador iria dizer. Logicamente, isso não ocorre, pois como é que alguém vai saber o que outra pessoa vai dizer, principalmente se não a conhecer, antes mesmo do enunciado da fala?

A mimésis representada pelo pseudo diálogo com o senador cearense é de fazer rir a quem tenha um mínimo de senso de humor. De modo figurado, o narrador já nos apresentava, em sua época, o perfil psicológico de alguns políticos (nem todos) como o de pessoas pouco confiáveis, enroladoras, interesseiras que, para não perderem o apoio popular se fazem passar por defensoras do bem público, dos direitos dos cidadãos. Essa característica individual acaba por impregnar-se nos partidos que, por conveniência própria, muitas vezes se juntam àqueles outros partidos supostamente de oposição. Era o que ocorria com os partidos do Ceará e o senador não queria admitir, chegando ao ponto de tentar desviar a atenção de seu interlocutor, no fim da conversa, e sair "de fininho".

Com o propósito de "atormentar" os políticos, e provocar o riso do leitor, o narrador termina sua crônica informando que, se não fosse a coriza, iria levar as perguntas até as últimas consequências. Em seu comentário final, o cronista não somente diverte, como também representa a pessoa do povo que deseja cobrar as promessas políticas não cumpridas.

3. Dimensão expressiva

A expressividade ou emoção, em todos os textos machadianos, caracteriza-se pelo uso proposital de frases elaboradas com a intenção primeira de fazer rir, depois ironizar e, por fim, indignar. Sua fértil imaginação sempre encontra recursos para expressar e provocar os sentimentos emotivos nos leitores. No caso presente, encontramos essa dimensão trabalhada no pseudo diálogo entre narrador e o senador cearense Castro Ferreira. O diálogo, que se pretendia esclarecedor, deixa ainda mais confuso o narrador, mas para manter as boas aparências este finge ter entendido tudo: — Claríssimo.

No final do texto, verifica-se o nervosismo e a ansiedade do senador, tentando desesperadamente ir embora, mas fingindo-se interessado pelo seu interlocutor "inconveniente": "— Apareça aqui pelo Senado... No Senado, não há dúvidas". Mas as dúvidas permaneceriam; e o narrador, como para se vingar do fato de ter sido "enrolado" pelo senador, afirma que, se não fora a coriza, iria mesmo ao Senado pedir as explicações que não ficaram claras nas respostas do senador.

4. Dimensão dialógica

O trabalho de Machado é voltado para o diálogo com o leitor em quase todas as crônicas selecionadas para análise. O narrador sempre busca interagir com seus leitores. A bivocalidade textual é também uma sua característica. A relação de duas consciências, segundo Bakhtin (1992, p. 343), é uma relação dialógica. Não somente o diálogo é proposto ao leitor, mas os diversos sentidos que apresentam suas frases. Na presente crônica, além da intenção de provocar o riso, de ironizar, existe uma crítica textual subjacente, uma indignação provocada *post* riso, um desmascaramento do jogo de interesses políticos. No final, o leitor inteligente, bem informado, sempre percebe a intenção do autor do texto. E essa compreensão é já um dialogismo, de acordo com Bakhtin (1992, p. 350).

O sentido, entretanto, não é único. Pode também contemplar os interesses dos responsáveis pela manutenção do *status quo*, como o senador citado e outros políticos que, ao lerem o texto, podem perceber, em suas entrelinhas, dicas de como agir espertamente visando confundir o cidadão comum, principalmente o mal informado. Representantes de partidos políticos podem fazer, por sua vez, outra leitura, como a de sempre buscar interesses pessoais, antes que coletivos, nas negociações políticas com partidos supostamente adversários. Assim, simplesmente expondo um diálogo fictício, o autor do texto oferece-nos uma diversidade de

leituras em sua crônica. Porém o que ressalta da narração é a intenção de divertir e ironizar, fazendo da ficção uma espécie de trampolim para suas elucubrações satíricas, antes de quaisquer outras.

5.4 Crônica de 20/21 de maio de 1888 (Imprensa Fluminense)⁹ (Anexo D)

Nesta crônica, correspondente à de número 8 da obra de Gledson (2008), de modo altamente criativo e burlesco, em sua conversa com o leitor, Machado, grande conhecedor da Bíblia, utiliza a intertextualidade entre a Escritura Sagrada e os movimentos políticos de seu tempo para satirizá-los e ironizá-los. É uma crônica¹⁰ riquíssima de elementos hermenêuticos literários, em vista do material linguístico que apresenta. (ASSIS, 1973, vol. III). Em virtude de ser esta uma crônica muito criativa, entrelaçam-se nela as quatro dimensões (construtiva, mimética, expressiva e dialógica), por esse motivo, sua análise não fará a separação por tópico dimensional. À medida que os tópicos surgirem serão comentados.

A crônica possui 28 versículos que, para melhor análise, transcreveremos abaixo em confronto com os do texto bíblico. Nesses versículos, Machado inicia troca de ideias com o leitor de modo humorístico. De início, esclarece que lhe fora solicitado sua "tradução do evangelho que se leu na grande missa campal do dia 17" e que seu texto não aceita tradução, por serem palestras com leitores, em especial os desocupados.

Algumas pessoas pediram-me a tradução do evangelho que se leu na grande missa campal do dia 17. Estes meus escritos não admitem traduções, menos ainda serviços particulares; são palestras com os leitores e especialmente com os leitores que não têm o que fazer. Não obstante, em vista do momento, e por exceção, darei aqui o evangelho que é assim:

Em seguida, mimetiza os versículos do Evangelho do apóstolo João:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus (...). Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele." etc. (João, 1: 1; 6- 7. Bíblia de Jerusalém, 3. Impr. 2004).

Eis a versão do cronista:

1. No princípio era Cotejipe, e Cotejipe estava com a Regente, e Cotejipe era a Regente.
2. Nele estava a vida, com ele viviam a Câmara e o Senado.
3. Houve então um homem de São Paulo, chamado Antônio Prado, o qual veio por testemunha do que tinha de ser enviado no ano seguinte.

⁹ Também esta crônica, assim como a próxima, não são encontradas na obra da editora citada nas notas 1 e 2.

¹⁰ Esta crônica não consta na edição da Aguilar.

Após isso, parodia a passagem em que indagam de João Batista se ele seria o Cristo, e o Batista, após negar ser aquele, no dia seguinte, indica Jesus, que dele se aproximou, como o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João, 1: 20; 29).

4. E disse Antônio Prado: O que há de vir depois de mim é o preferido, porque era antes de mim.
5. E, ouvindo isto, saíram alguns sacerdotes e levitas e perguntaram-lhe: Quem és tu?
6. És tu, Rio Branco? E ele respondeu: Não o sou. És tu profeta? E ele respondeu: Não. Disseram-lhe então: Quem és tu logo, para que possamos dar resposta aos chefes que nos enviaram?
7. Disse-lhes: Eu sou a voz que clama no deserto. Endireitai o caminho do poder, porque aí vem o João Alfredo.
8. Estas coisas passaram-se no Senado, da banda de além do Campo da Aclamação, esquina da Rua do Areal.
9. No dia seguinte, viu Antônio Prado a João Alfredo, que vinha para ele, depois de guardar o chapéu no cabide dos senadores, e disse: Eis aqui o que há de tirar os escravos do mundo. Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim virá um homem que me será preferido, porque era antes de mim.
10. Passados meses, aconteceu que o espírito da Regente veio pairar sobre a cabeça de João Alfredo, e Cotejipe deixou o poder executivo e o poder executivo passou a João Alfredo.

Informa Gledson (2004), que, por meio dessa paródia inicial do citado Evangelho, "Machado insinua a existência de uma identidade pouco lisonjeira entre a Regente e o governo Cotejipe, que lutou para conservar a escravidão, contra a maré crescente do abolicionismo". A Princesa Isabel favorável à abolição acabou derrubando Cotejipe do poder. Em seu lugar, assumiu João Alfredo. Este, levado pela pressão popular e política da época, auxilia a Regente a abolir a escravidão sem qualquer indenização.

Em 11, parodia a frase de Jesus a Pedro, quando lhe diz ser este pedra "e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mateus, 16: 18): "11. E João Alfredo, indo para a Galileia, que é no caminho de Botafogo, mandou dizer a Antônio Prado, que estava perto da Consolação: Vem, que é sobre ti que edificarei a minha igreja".

Prosseguindo sua criativa produção na imitação do Evangelho, diz o narrador:

12. Depois, indo a uma cela de convento, viu lá um homem por nome Ferreira Viana, o qual descansava de uma página de Agostinho, lendo outra de Cícero, e disse-lhe: Deixa esse livro e segue-me, que em breve te farei outro Cícero, não de romanos, mas de uma gente nova; e Ferreira Viana, despindo o hábito e envergando a farda, seguiu a João Alfredo.
13. Em caminho achou João Alfredo a Vieira da Silva, e perguntou-lhe: És tu maçom? E ele respondeu: Sou, mas posso dizer-te, pelo que tenho visto, que maçom e ministro de ordem terceira é a mesma pessoa. Disse-lhe então João Alfredo: Vem comigo; serás ministro da ordem primeira, e trabalharás pelo Céu.
14. Depois, vendo um homem que passava, disse João Alfredo: Vem aqui: não és Rodrigo Silva, que agricultavas a terra no tempo de Cotejipe? E Rodrigo respondeu: Tu o disseste. E tornou João Alfredo; Onde vai agora que parece abandonar-me? Vem comigo, e lavrarás a terra, e tratarás com os gentios, ao mesmo tempo, porque Antônio Prado vai a São Paulo, onde padecerá e donde voltará mais robusto.

15. Depois, vendo Tomás Coelho, homem justo, da tribo de Campos, disse: O Senhor Deus dos Exércitos manda que sejas ministro da Guerra. E descobrindo Costa Pereira: Este é o que esteve comigo em 1871: eu o conheço; vem, serás também meu discípulo.

Nesses "versículos" 12 a 15, há uma intertextualidade parafrástica (dimensão construtiva) que mistura conteúdo do Antigo Testamento (AT) com o do Novo Testamento (NT): o Deus dos Exércitos, citado em 15, é expressão do AT que bem se coaduna com os atos de um deus guerreiro, que escolhe os seus chefes de combate. Já a expressão seguinte é típica de Jesus, quando convida seus discípulos a seu apostolado (Mateus, cap. 4, vers. 18 a 21 etc.). Ocorrem, pois, nesses versículos, apropriação e mimese da pergunta de Jesus aos seus apóstolos quando de seu convite ao apostolado.

Prosseguindo, diz o narrador:

16. Unidos os sete, disse João Alfredo: Sabeis que vim libertar os escravos do mundo, e que esta ação nos há de trazer glória e amargura: estais dispostos a ir comigo?"

17. E respondendo todos que sim, disse um deles por parábola, que no ponto em que estavam as coisas, melhor era cortar a perna que lavar a úlcera, pois a úlcera ia corrompendo o sangue.

Aqui temos uma paródia da frase de Jesus: "Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti: melhor te é entrar na vida coxo ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Mateus, 18: 8)".

Continuando, temos o seguinte:

18. Mas, ficando João Alfredo pensativo, disseram os outros entre si: Que terá ele?

19. Então o mestre, ouvindo a pergunta, disse: Prevejo que há de haver uma consulta de sacerdotes e levitas, para ver se chegam a compor certo unguento, que os levitas aplicarão na úlcera, mas não temais nada, ele não será aplicado.

20. E como perguntassem alguns qual era a composição desse unguento, o discípulo Viana, mui lido nas escrituras, disse:

21. Está escrito no livro de *Elle Haddebarim*, também chamado *Deuteronômio*, que quando o escravo tiver servido seis anos, no sétimo ano o dono o deixe ir livre, e não com as mãos abanando, senão com um alforje de comida e bebida. Este é de certo o unguento lembrado, menos talvez o alforje e os seis anos.

Pilhéria à presentida situação em que ficariam os escravos após a abolição, "sem lenço e sem documento", conforme a letra da canção cantada por Caetano Veloso, ou seja, sem qualquer pagamento aos anos de servidão e sem nenhum reconhecimento aos seus serviços. Realmente, a Lei Sagrada citada (Deuteronômio, 15, 12 - 18) prevê uma compensação, enquanto a lei imperial diria secamente: "Fica extinta a escravidão no Brasil", sem qualquer previsão de provisão para o "liberto". Dimensão expressiva.

Machado se refere, nos números 18 a 21 acima, aos embates de consciência, às inumeráveis queixas de prejuízos de proprietários de terras pela perda de seus escravos sem

qualquer indenização a eles, fazendeiros que, muitas vezes, tinham como maior riqueza uma grande quantidade de homens, mulheres e crianças negros em servidão. Não se pensava, porém, na situação dos escravos que ficariam entregues à própria sorte.

22. E acudiu João Alfredo: Tu o disseste: três anos bastam aos levitas e sacerdotes, mas a úlcera é que não espera.

23. Ora pois vinde e falemos a verdade aos homens.

24. E, tendo a Regente abençoado a João e seus discípulos, foram esses para as câmaras, onde apresentaram o projeto de lei, que, depois de algumas palavras duras e outras cálidas de entusiasmo, foi aprovado no meio de flores e aclamações.

As frases acima (22- 24) lembram a chegada de Jesus a Jerusalém, quando o Mestre é recebido com festa (Mateus, 21: 8 - 9).

Por fim, lemos os últimos "versículos" do cronista, expressando todo o seu desprezo irônico à própria princesa Izabel:

25. A Regente, que esperava a lei nova, assinou com sua mão delicada e superna.

26. E toda a terra onde chegava a palavra da Regente, de João Alfredo e dos seus discípulos, levantou brados de contentamento, e os próprios senhores de escravos a ouviam com obediência.

27. Menos no Bacabal, província do Maranhão, onde alguns homens declararam que a lei não valia nada, e, pegando no azorrague, castigaram os seus escravos cujo crime nessa ocasião era unicamente haver sido votada uma lei, de que eles não sabiam nada; e a própria autoridade se ligou com esses homens rebeldes.

28. Vendo isto, disse um sisudo de Babilônia, por outro nome Carioca: Ah! Se estivessem no Maranhão alguns ex-escravos daqui, que depois de livres, compraram também escravos, quão menor seria a melancolia desses que são agora duas coisas ao mesmo tempo, ex-escravos e ex-senhores. Bem diz o *Eclesiastes*: Algumas vezes tem o homem domínio sobre outro homem para desgraça sua. O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo.

Sim, "diz" Machado, o melhor é não ser escravo, é poder ser livre não somente fisicamente, mas também intelectual e espiritualmente. É poder expressar-se livremente, não se sujeitar ao arbítrio muitas vezes prepotente e egoísta de outrem, é, enfim, desfrutar de uma vida digna a que todo cidadão decente tem direito e o escravo e o ex-escravo não desfrutam disso. Nisso, temos a **dimensão expressiva**, emotiva ou existencial do texto.

CONCLUSÕES

Embora reconheçamos o alto nível cultural dos críticos da obra de Machado, que o veem como um escritor distanciado literariamente dos problemas relacionados aos escravos, outros não menos conhecidos críticos demonstram, em suas pesquisas, justamente o contrário, ou seja, a produção considerável de obras, em especial na série *Bons dias!* como afirma Gledson, por um Machado de Assis solidário aos seus irmãos de raça e sempre disposto a ajudá-los a se livrarem do jugo da escravidão.

Machado teria incorporado ao seu estilo, principalmente após a década de 1870, a sátira menipeia ou tradição luciânica, o que explica o uso da sátira, da paródia e da ironia, em seu “laboratório ficcional”, principalmente, não só na elaboração de crônicas, como também de contos e romances. A análise das crônicas machadianas, com base nas quatro dimensões propostas por Bosí, permite-nos observar inter e transdisciplinarmente, no ensino-aprendizagem dos cursos de Letras, Jornalismo e História, um procedimento útil, na elaboração do conhecimento, sem deixar de realçar a diferença entre ficção e realidade.

Chegamos ao fim com a sensação de que ainda falta muito a dizer sobre o cronista Machado de Assis e os acontecimentos sociopolíticos de sua época, os quais satirizou como ninguém. Mas o leitor há de perdoar, afinal nossa intenção não é a de esgotar um assunto tão vasto quanto profundo e, sim, proporcionar a outros curiosos pela obra singular machadiana um ponto de partida para melhor explorar o que os críticos aqui elencados e muitos outros têm exposto sobre esse grande escritor em relação a seus trabalhos jornalístico-literários.

Machado, de modo burlesco e irônico, permite ao leitor inteligente constatar sua indignação contra os costumes de sua pátria e tempo, sem que se tenha deslocado para distâncias maiores do que muitos de seus personagens: Petrópolis ou Teresópolis. As viagens que fez, por meio de sua imaginação fabulosa, entretanto, percorrendo as páginas tanto de seus coetâneos quanto dos escritores franceses, americanos, em especial, fizeram dele um homem profundamente introspectivo e até mesmo descrente da crença no progresso humano, como era comum acreditar-se em seu século. Conheceu autores como Victor Hugo, Laurence Sterne, de quem afirma Brayner que recebeu profunda influência (apud REGO, 1989, p. 18), conhecia muito bem as Escrituras Sagradas, obras esotéricas e espíritas, todas elas sendo alvo de sua criação literária satírica, dominava os conhecimentos da literatura greco-romana como poucos e, principalmente, tinha um excelente relacionamento social com as figuras literárias e políticas do seu século.

Com a imaginação fértil que possuía, não era preciso viajar, senão em espírito, para expressar com riqueza suas ideias no que escrevia. Ver o que, num país periférico, dependente das nações prósperas da Europa e dos Estados Unidos? Ver a miséria de muitos e a opulência de poucos, o liberalismo político conivente com a escravidão dos seus irmãos de raça? Sim, Machado viu bem, sem precisar, para isso, realizar longas viagens a terras distantes: era preciso comparar as coisas miúdas do seu tempo com as magnificências dos países colonialistas prósperos. Fazia-se imperioso, nesta nação incipiente, o uso da ironia e do burlesco para que a meia dezena de seus leitores sagazes intelectualmente, do século XIX, enxergasse a ubiquidade de suas narrativas e projetasse, no futuro, o real entendimento do que jazia semioculto entre o riso e a mofa, a ironia e a revolta. E isso ele soube fazer como poucos.

A propósito do que foi dito antes, veja-se o prólogo de seu personagem Brás Cubas ao leitor, do qual transcrevemos as suas primeiras frases:

QUE STENDHAL confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco (ASSIS, 1971, v. 1, p. 513).

Era a consciência do atraso de nosso País já se manifestando no, ainda jovem, autor. Não seria muita pretensão sua querer comparar-se ao renomado escritor inglês, ainda que modestamente, num país sem tradição literária? Pois, dentro de poucos anos, o mundo veria o que o autor das *Memórias póstumas* iria fazer. Se não tínhamos a cultura milenar da Europa, tínhamos alguém entendido em pessoas, que iria buscar, no mais íntimo dos seus personagens, nos mais mezinhos eventos, o verdadeiro filão literário a fazer do local o universal e vice-versa, como, neste caso, a narração de sua crônica "O punhal de Martinha", citada na introdução desta dissertação.

Os cargos que ocupou, no Ministério da Agricultura, não somente lhe permitiram acompanhar de perto os eventos sociopolíticos de sua época, em especial os relacionados à escravidão, por cuja abolição trabalhava discretamente, em seu gabinete, como também lhe proporcionaram farto material cotidiano para exploração irônica e humorística em suas crônicas, como foi demonstrado nesta dissertação. O lado carnavalesco de seu trabalho foi comentado por Rego (1989, p. 16). Foi esse conhecimento da sátira menipeia, segundo esse autor, que permitiu ao Bruxo do Cosme Velho misturar o cômico com o sério, inovar em suas crônicas, associando a total liberdade dos seus escritos, em relação ao aspecto de verossimilhança, e trabalhar os elementos do dialogismo, expressividade, construção e representação que analisamos nesta pesquisa com o brilho que o projetou muito além de sua época e sociedade.

O aspecto transdisciplinar trabalhado nesta pesquisa foi proposto com o objetivo de estimular outros interessados no aprofundamento das características das crônicas a estabelecer diferenças entre as crônicas puramente históricas e estas, cujo propósito é ir além, proporcionar ao leitor possibilidades e deleites mentais baseados na ficção para, até mesmo, transcender o mero relato cronológico dos eventos de um tempo. Afinal, o que é a verdade? Já perguntava Pilatos a Cristo, antes da histórica lavagem das mãos. Tudo pode ser história, tudo é literatura, quando se escreve com conhecimento e criatividade.

Nosso propósito inicial foi analisar um número bem maior de crônicas com abordagem do tema escravidão. Nisso, não nos faltariam obras primas do autor. Chegamos a selecionar onze, apenas da obra *Bons dias!* Optamos pela análise de quatro que, ainda não sendo as melhores, seguramente representam bem o estado de espírito do cronista, em perfeita sintonia com sua sociedade e tempo, que transcende e chega aos nossos dias cada vez mais desafiador e atual.

Segundo Gledson (2003, p. 34), "Resta muito a ser feito - um estudo mais profundo e detalhado das crônicas, bem como da relação entre história e forma literária (...)". Essa relação, porém, é uma tarefa cuja distinção cabe aos sociólogos, como bem observou Tânia Montoro, professora de jornalismo da UnB. Cabe-nos refletir, com base nos instrumentos analíticos propostos, que podem e devem ser aperfeiçoados, sobre a riqueza da imaginação de um escritor nascido num país periférico, mas quase onisciente em relação às abordagens psicológicas de sua narrativa. Nesse sentido, os periódicos cariocas, na visão de críticos contemporâneos, como Chalhoub, muito contribuíram no exercício da escrita machadiana. Nos jornais de sua época, esse autor publicou, inicialmente, a maioria de suas obras, incluindo os romances, que eram impressos em capítulos, além das centenas de crônicas, como já mencionamos atrás. A obra *Bons dias!* brinda o leitor com a publicação das crônicas publicadas somente no período de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889. Tornou-se a base desta pesquisa pelas abordagens que, entre outras não menos importantes, faz sobre a questão dos escravos. O mais importante, porém, no universo literário machadiano, é o seu modo peculiar de "fazer literatura" que, há mais de um século, motiva escritores e críticos literários de diferentes áreas do conhecimento a tentar compreender e decifrar o enigma de sua produção. De uma forma muito objetiva, mas tentando instigar novos trabalhos sobre a bela produção cronista de Machado de Assis, não vamos colocar um ponto-final no assunto, mas um ponto e vírgula, almejando que outras mentes mais bem ilustradas que a nossa prossigam nessa agradável atividade de ler, refletir e analisar tudo aquilo que o autor não quis dizer e até o que, eventualmente, disse.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE MACHADO DE ASSIS

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1971, v. 1.

_____. _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973, v. 3.

_____. O futuro dos argentinos. Publicado originalmente em *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09/07/1888. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 3.

_____. *Machado de Assis: crônicas escolhidas*. PAIXÃO, Fernando (Editor.). Folha de São Paulo. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* [antologia]. 2. ed. rev. e ampl. Organização, ensaio e notas de Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.

_____. *Machado de Assis. Bons dias!* Introdução e notas: John Gledson. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

SOBRE MACHADO DE ASSIS

BASTOS, Hermenegildo. Formação e representação. In: Cerrados. Brasília: UnB, nº 21, ano 15, 2006.

BETELA, Gabriela Kvacek. *Bons dias: o funcionamento da inteligência em terra de relógios desacertados: as crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

_____. Machado de Assis enfrenta tragédias e farsas na crônica: a reflexão crítica de *Bons dias!* Revista de Letras, Curitiba, nº 62, p. 11- 25. Jan/abr. 2004. Paraná: UFPR.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____. Machado de Assis na encruzilhada dos caminhos da crítica. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero04/num04artigo02.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2010.

BRAYNER, Sonia. As metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. In: _____. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira: 1880 – 1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1971. v. I.

_____. _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar 1973. v. III.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

GOMES, André Luís (Org.). *Cenas avulsas: ensaios sobre a obra de Machado de Assis*. Brasília: LGE, 2008.

_____. (Org.) Revista da Anpoll/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Brasília: ANPOLL, 1994, p. 11-146.

GOMES, Eugênio. O testamento estético de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v.3, p. 1096-1120.

GUEDES, Paulo; HAZIN, Elizabeth. *Machado de Assis e administração pública federal*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. O Machado terra-a-terra de John Gledson. In: *Novos Estudos - CEBRAP*. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO101-33002007000100015>. Acesso em 1º dez. 2009.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008, v. 1: Aprendizado.

_____. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. v. 2: Ascensão.

MOURA, Eloisa Silva. *Novos olhares, novas leituras das crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade*. 2007. 167 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) PPGL Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A crônica machadiana e o precário disfarce de uma eterna loureira: ficção, história e leitura. In: GOMES, André Luís (Org.). *Cenas avulsas: ensaios sobre a obra de Machado de Assis*. Brasília: LGE, 2008. p. 211- 234.

REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003.

SECCHIN, Antonio Carlos; BASTOS, Dau; JOBIM, José Luís (Organizadores). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2008.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme da. O caramujo e a escravidão. Boletim nº 1574, Ano 33, 23.4.2007, UFMG. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/boletim/bol1574/oitava.shtml>>. Acesso em 29 de novembro de 2010.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. Machado de Assis: folhetim e crônica. Disponível em: <www.idelberavelar.com/abralic/trabalhos/MarcusVinicius.doc>. Acesso em 7 abr. 2010.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. Machado de Assis e a escravidão. *Jornal da Unicamp*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/>>. Acesso em 8 set. 2010.

_____. *Imagens, máscaras e mitos: o negro na literatura brasileira no tempo de Machado de Assis*. Disponível em <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/51029977.html>. Acesso em 31 jan. 2011.

DE CARÁTER GERAL

ALENCAR, Francisco; RAMALHO, Lucia; RIBEIRO, Marcus Venício T. *História da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, nº. 1/4, p. 43- 53, jan./dez. 1985.

_____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. Orgs. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BALLARD, J. G. *Crash – estranhos prazeres*. Tradução de Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Brasil, 1990.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BAZZONI, Cláudio (Orientador do Grupo de Referência de Língua Portuguesa). O nascimento da crônica – leitura de crônicas nas aulas de português. Disponível em: <http://arqs.portaleducacao.prefeitura.sp.gov.br/propaula/nasc_cronica_port.pdf>. Acesso em 23 jun. 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1980. Coleção Primeiros passos.

CAMARGO, Oswaldo. *O negro escrito*: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A. IMESP, 1987.

CAMPOS, Raymundo. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. A Vida ao Rés-do-Chão. In.: _____ et alii. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14-30.

_____. Esquema Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. 10. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 (A).

_____. A educação pela noite. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 (B).

CASTELLO, José. Crônica, um gênero brasileiro. Curitiba, 8/10/2007. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/ensaios/imprimir.asp?codigo=228>>. Acesso em 1º de abril de 2010.

CASTRO, Cláudio de Moura. O judeu de Bethesda. Veja. São Paulo: Abril, n. 2169, 16 jun. 2010.

CHEVALIER, Jean et al.. *Dicionário de símbolos*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CORRÊA, Dora Shellard. Historiadores e cronistas e a paisagem da colônia Brasil. Revista Brasileira de História, vol. 26, nº 51, São Paulo Jan./Jun. 2006.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNNINGAN, Michael. *Dias exemplares*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FEHÉR, Ferenc. *O romance está morrendo?* Tradução de Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Adeildo. Bilac, um jornalista bom de briga. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=473AZL002>>. Acesso em 4 abr. 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUELLEBECQ, Michel. *A extensão do domínio da luta*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

JOST, François. Das virtudes heurísticas da intermedialidade. Tradução de Ciro Inácio Marcondes e Adalberto Muller Jr. In: REVISTA CERRADOS. Literatura e outras áreas do conhecimento. Publicação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB. Organizada por Sylvia Helena Cyntrão; ano 15, n. 21. Brasília, 2006.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Tradução de Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Murão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MARQUES, Wilton José. *Gonçalves Dias: o poeta na contramão: literatura e escravidão no romantismo brasileiro*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010.

MOURA, Marta Antunes de. *Chico Xavier, o obreiro do Senhor e Castro Alves, o apóstolo da liberdade*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

NASCIMENTO, Danilo de Oliveira. Raul Pompéia e o jornalismo político e literário no século XIX. Disponível em: <<http://caminhosdoromance.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/576>>. Acesso em 4 abr. 2010.

PAIXÃO, Fernando (Ed.). *Machado de Assis: crônicas escolhidas*. Folha de São Paulo. São Paulo: Ática, 1994.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

RANGEL, Mary. *Dinâmicas de leitura para sala de aula*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (Organizadores). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2010.

SANTOS, Akiko. O que é transdisciplinaridade. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leptrans/link/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.doc>. Acesso em 24 set. 2008.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Tradução e notas de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958 (Tradução do original norte-americano: *The Negro in Brazilian Literature*. Columbia University. Hispanic Institute In The United States. New York, 1956).

SILVA, Amauri Rodrigues da. *Presença e silêncio da colônia à pós-modernidade: sina-is do personagem negro na literatura brasileira*. Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2010.

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1994.

SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Teresa. Org. *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 50 – 51.

SOUSA, Cruz e. *Evocações*. Edição fac-similar, FCC Edições. Florianópolis, 1966. Emparedado. Disponível em: <<http://www.arq.ufsc.br/arq5625/moduloIndianismo/apresentacao/emparedado.htm>>. Acesso em 26 de novembro de 2010.

SOUSA, Cruz e. *Cruz e Sousa: poesia*. 6. ed. Org. Tasso da Silveira. Rio de Janeiro: Agir, 1982 (Nossos Clássicos, nº 4).

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GLOSSÁRIO¹¹

Elaboramos o presente glossário com o objetivo primordial de esclarecer o significado de algumas palavras-chave, e outras nem tanto, contidas nesta pesquisa, ou sugeridas pela leitura dela, mas cujo conceito se aplica principalmente na teoria literária. Sempre que julgado conveniente, aprofundamos os estudos sobre os significados de alguns vocábulos em fontes e idiomas diversos, bem como procuramos explicar o sentido aplicado a determinada palavra nesta dissertação. Nosso objetivo aqui é familiarizar, um pouco mais, o estudante neófito das obras machadianas e de teorias literárias com seu vocabulário, cujo significado meramente dicionarístico, por vezes, não corresponde àqueles correntes nos livros de teoria da literatura.

Absenteísmo: s.m. prática costumeira de residir o proprietário fora de suas terras; por extensão, prática habitual de abandonar o cumprimento de deveres e funções de determinado posto ou cargo; fig. distanciamento ou omissão de alguém em relação a um problema que, embora lhe diga respeito, não se quer posicionar; neutralidade de alguém em assunto que finge não lhe dizer respeito.

Bivocalidade: segundo Bakhtin (1992, p. 337), quando a palavra é expressa em tom de zombaria, ironia, mas com entoação de admiração, perplexidade, interrogação, dúvida, aprovação, reprovação, indignação, exaltação, etc., estamos diante do fenômeno de bivocalidade.

Bold [ing.]: gráf. ver negrito. Etim. ing. ‘tipo impresso com traço mais grosso, para que se saliente num texto’.

Cabedal: fig. conhecimento, talento, competência, habilidade que se adquirem com a experiência, a educação, o estudo, a ética.

Crônica: hist. Compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo [Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; entretanto, grandes escritores, a partir do séc. XIX, passam a cultivá-la, refletindo, com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins.]; literatura: texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato.

De acordo com Borges (1980, p. 68), a crônica "é a versão escrita pelos cronistas contratados" para registrar e narrar os fatos reais. A crônica literária já não tem esse

¹¹ Observação: quando não forem citadas as obras de referência deste glossário e não se tratarem de comentário do autor desta dissertação, as definições aqui contidas provêm do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, incluído nas referências "de caráter geral".

compromisso com a verdade, embora possa abordá-la em toda a sua crueza. Ambas podem referir-se tanto aos acontecimentos marcantes de uma época quanto às trivialidades cotidianas. Há, entretanto, uma característica essencial da crônica como literatura, que desejo evidenciar nesta dissertação. Segundo Coutinho, antes de qualquer coisa, a literatura é "um fenômeno estético".

É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso etc., porém transformando esse material em estético. [...] O que a literatura proporciona ao leitor, só ela o faz, e esse prazer não pode ser confundido com nenhum outro, informação, documentação, crítica. Não fora isso, não fossem a natureza específica da literatura e o prazer que dela retiramos, e as obras literárias não resistiriam ao tempo e às mudanças da civilização e da cultura (COUTINHO, 2008. Cap. 2, p. 23).

Podemos observar, nitidamente, a característica expressa acima nas crônicas machadianas. Cada uma tem um modo peculiar de introdução, às vezes, dá mesmo a impressão de iniciar pelo desenvolvimento, como se o narrador fosse surpreendido conversando com o leitor, e seu desenvolvimento é, em geral, surpreendente, muda de assunto como se não quisesse mais tratar daquele tema e retorna a ele sutilmente, ironicamente, satiricamente, como veremos na análise das crônicas selecionadas. Por fim, ainda que se adivinhe uma conclusão, esta, ainda assim, é algo delicioso de se ler, sobressai-se pela graça com que o autor se despede do leitor ou pelo modo, nunca igual de encerrar sua narrativa.

Cútis: anat., película que recobre a pele das pessoas; epiderme; a pele do rosto; tez.

Dialógico: relativo a diálogo; em forma de diálogo.

Diálogo: subst., de acordo com Bakhtin, é o elemento constitutivo da linguagem em seus plurissignificados. É a relação com o outro, mas não necessariamente a interação; o diálogo são as diversas vozes existentes em determinado texto, sua polifonia. Segundo Ponzio¹², o outro, na sua singularidade, só é encontrado na literatura.

Dialogismo: segundo Bakhtin, caracteriza-se pelo encontro do texto concluído com o que vai ser elaborado pelo leitor/escritor. O diálogo é entendido aqui como fenômeno heterogêneo, compreendido pela leitura e escrita como modos de formar significados possíveis e previsíveis. "É a condição do sentido do discurso" (BARROS; FIORIN, 1994, p. 2). O "dizer indireto", segundo Bakhtin (1992, p. 337), é o situar-se fora da língua.

Equipolência: equivalência, de mesmo valor.

¹² Dr. Augusto Ponzio, escritor e professor da Universidade de Bari, Itália, em conferência proferida na UnB em 3 de novembro de 2010 sobre o tema "Bakhtin, Literatura, cultura e Linguagem".

Elucubração: trabalho assíduo; vigília dedicada ao trabalho.

Esfinge: do grego "sphingo", estrangular, é a representação icônica de um leão com a cabeça de falcão ou pessoa, que os egípcios copiaram da mitologia grega. A esfinge egípcia tem a cabeça de um faraó, a grega, a de um leão alado com a cabeça de mulher, ou uma mulher com peitos, patas e garras de leão, além de cauda de serpente e asas de águia. Na obra *Édipo Rei*, de Sófocles, a esfinge propõe ao passante o famoso quebra-cabeça conhecido como o "enigma da esfinge, decifra-me ou devoro-te: "Que criatura tem quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia e três à noite?" Quem não soubesse responder era devorado. A resposta, que só Édipo respondeu corretamente, seria o homem: engatinha, quando bebê (pela manhã), anda sobre dois pés na idade adulta (ao meio-dia) e usa bengala quando idoso (à noite). Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esfinge>>. Acesso em 29 nov. 2010.

Evo(s): perpetuação, duração desprovida de fim (mais us. no pl.); eternidade; etim. lat. duração contínua, tempo que não termina.

Epiderme: anat., camada externa de células da parede do corpo; etim. Grega epidermis, ídos, película que recobre a pele; cútis; tez.

Factum: do latim feito, ação, façanha, empresa; fato, ação ou coisa que se considera feita, ocorrida ou em processo de realização; aquilo que acontece por causas naturais ou não, dependentes ou independentes da vontade humana; ocorrência, sucesso; ação consistente em algo.

Ficção: ato ou efeito de fingir; construção voluntária ou involuntária da imaginação; criação imaginária; criação artística (literária, cinematográfica, teatral etc.) em que o autor faz uma leitura particular e geralmente original da realidade; lit. caráter imaginativo e criativo de uma obra literária (narrativa, lírica ou teatral); lit. prosa literária (...) construída a partir de elementos imaginários calcados no real e/ou de elementos da realidade inseridos em contexto imaginário.

Imbricação: ato ou efeito de imbricar(-se); superposição; fig. ligação estreita, íntima.

Imiscibilidade: o que não é misturável (imisturável).

Khrónos: palavra grega que significa "tempo". **Crono-:** el. comp. antepositivo, do gr. khrónos, ou 'tempo' ocorre em compostos da nomenclatura científica do s.XIX em diante: (...) crônica (...), cronista, etc.

Lucianismo: ou tradição luciânica, ou sátira menipeia, “que leva o nome do sírio helenizado Luciano Samosata”. Caracteriza-se pelo riso sério-cômico, irônico e ambíguo (REGO, última capa, 1989).

Monástico: relativo à vida em mosteiro ou convento.

Negrito: *gráf., diz-se de ou tipo, caráter de traços mais grossos que o comum, us. para dar maior realce às palavras, preto (gráf.); etnol. diz-se de ou indivíduo dos negritoas, designação de grupos isolados de pigmeus de traços australoides que habitam o Sudeste Asiático (Filipinas, Malásia e ilhas Andaman) e a Oceania.*

Negritude: *qualidade ou condição de negro; sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e riqueza cultural dos negros.*

Negro: *a cor do piche, preto; diz-se de ou indivíduo de etnia negra; que apresenta a cor negra.*

Neologismo: *emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não.*

Sátira menipeia: ver Lucianismo; gênero de sátira geralmente em prosa, que se caracteriza pela diversidade dos assuntos abordados e pela forma atraente de expor as ideias. [Criada por Menipo, foi introduzida em Roma por varrão (116 a.C. a 27 a.C.).]

Status: *situação, estado, qualidade ou circunstância de uma pessoa ou coisa em determinado momento; condição; antropol. condição (de alguém ou de algo) aos olhos do grupo humano em que vive; jur. condição de alguém aos olhos da lei, conjunto de direitos e deveres que caracterizam a condição de alguém; por extensão posição favorável na sociedade, consideração, prestígio, renome.*

Status quo: loc. subst., estado antes (existente).

Tez: *epiderme, especialmente a do rosto; cútis.*

Tópos, ou: *‘lugar’ [gr.]. Lit. motivo ou tema tradicional; lugar-comum retórico; convenção ou fórmula literária.*

Veracidade: *atributo ou qualidade do que é verdadeiro ou corresponde à verdade; vericidade, verdade; capacidade de ser verdadeiro ou de dizer a verdade.*

Verdade: *propriedade de estar conforme os fatos ou a realidade; exatidão, autenticidade, veracidade. FIL. No nietzschianismo e pragmatismo, pluralidade inesgotável e freq. contraditória de enunciados ou discursos que, em vista de suas consequências práticas, se revelam úteis ou favoráveis aos interesses dos indivíduos, grupos, ou da humanidade em geral.*

ANEXO A: crônica de 5 de abril de 1888

BONS DIAS!

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas, não senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma coisa, em resposta, é porque é um grande malcriado, um grosseirão de borla e capelo; ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando-me com tão nobre franqueza, não me refiro ao leitor, que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho. Ora bem!

Feito esse cumprimento, que não é do estilo, mas é honesto, declaro que não apresento programa. Depois de um recente discurso proferido no Beethoven, acho perigoso que uma pessoa diga claramente o que é que vai fazer; o melhor é fazer calado. Nisto pareço-me com o príncipe (sempre é bom parecer-se a gente com príncipes, em alguma coisa, dá certa dignidade, e faz lembrar um sujeito muito alto e louro, parecidíssimo com o Imperador, que há cerca de trinta anos ia a todas as festas da Capela Imperial, *pour étonner de bourgeois*; os fiéis levavam a olhar para um e para outro, e a compará-los, admirados, e ele teso, grave, movendo a cabeça à maneira de Sua Majestade. São gostos.) de Bismark. O príncipe de Bismark tem feito tudo sem programa público; a única orelha que o ouviu, foi a do finado Imperador, — e talvez só a direita, com ordem de o não repetir à esquerda. O Parlamento e o país viram só o resto.

Deus fez programa, é verdade ("E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida", etc. *Gênesis*, I, 26); mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz. Sem aquele texto, nunca o homem atribuiria ao Criador, nem a sua gaforinha, nem a sua fraude. É certo que a fraude, e, a rigor, a gaforinha são obras do Diabo, segundo as melhores interpretações; mas não é menos certo que essa opinião é só dos homens bons; os maus crêem-se filhos do Céu — tudo por causa do versículo da Escritura.

Portanto, bico calado. No mais é o que se está vendo; cá virei uma vez por semana, com o meu chapéu na mão, e os *bons dias* na boca. Se lhes disser desde já, que não tenho papas na língua, não me tomem por homem despachado, que vem dizer coisas amargas aos outros. Não, senhor; não tenho papas na língua, e é para vir a tê-las que escrevo. Se as tivesse, engolia-as e estava acabado. Mas aqui está o que é; eu sou um pobre relojoeiro, que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. A única explicação dos relógios era serem iguaizinhos, sem discrepância; desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro.

Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da chapelaria Aristocrata); era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio está adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?

Foi por essas e outras que descri do ofício; e, na alternativa de ir à fava ou ser escritor, preferi o segundo alvitre; é mais fácil e vexa menos. Aqui me terão, portanto, com certeza até à chegada do Bendegó, mas provavelmente até à escolha do Sr. Guaí, e talvez mais tarde. Não digo mais nada para os não aborrecer, e porque já me chamaram para o almoço.

Talvez o que aí fica, saia muito curtinho depois de impresso. Como eu não tenho hábito de periódicos, não posso calcular entre a letra de mão e a letra de forma. Se aqui

estivesse o meu amigo Fulano (não ponho o nome, para que cada um tome para si esta lembrança delicada), diria logo que ele só pode calcular com letras de câmbio — trocadilho que fede como o Diabo. Já falei três vezes no Diabo em tão poucas linhas; e mais, quatro; é demais.

BOAS NOITES.

ANEXO B: crônica de 19 de abril de 1888¹³

BONS DIAS!

...E nada; nem palavra, nada. Ninguém me responde; todos estão com os olhos na eleição do 1º distrito. Mas, com seiscentas cédulas! também eu, acabando, lá irei dar o meu recado, por sinal que já o trago de cor; mas cada coisa tem o seu lugar. Quando um homem chega e cumprimenta, parece que os cumprimentados o menos que podem fazer é retribuir o cumprimento; acho que não custa muito. Calaram-se, a pretexto de que vão votar, será político, mas não é político; não sei se me entendem. Enfim, por essas e outras é que eu gosto mais da roça. Na roça a gente vai andando em cima da mula; a dez passos já as pessoas bem educadas estão de chapéu na mão:

- Bons dias, Sr. Coronel!
- Adeus, José Bernardes.
- Toda a obrigação de V. Ex^a...
- Todos bons, e a tua?
- Louvado seja Deus, vai bem, para servir a V. Ex^a.

Que custa isto? Que custam dois dedos de boa criação? Nada. E note-se que lá fora, mesmo quando há eleição, ninguém se esquece dos seus deveres: às vezes até os cumprem com mais galhardia. Esta corte é uma terra de malcriados.

Pois olhem, quando eu entrei aqui, vinha alegre; tinha lido umas revelações do amigo Dr. Costa Ferraz, que me lavaram a alma das melancolias pecuniárias, únicas que me afligem deveras. As outras não passam de canseiras ridículas. Falta de dinheiro, isso dói; ao menos, para quem não é governo. O governo até parece que quanto mais lhe falta mais lhe dão, e, às vezes, em condições inesperadas, como o caso do nosso recente empréstimo. Quem é que me fia mais, desde outubro do ano passado, um jantarzinho assim melhor? Seguramente ninguém; mas ao governo fiam tudo; deve muito e emprestam-lhe mais. Por isso, não admira que tanta gente queira ser governo. Só esse gosto de ver chegar o credor, de chapéu na mão, todo zumbaia, com uma bola debaixo do braço, tratando o devedor por majestade, palavra que dá vontade de pôr a procissão na rua.

Mas, como eu ia dizendo, li umas revelações curiosas do amigo Dr. Costa Ferraz, na ata da última sessão da Imperial Academia de Medicina. Tratam das rações e das dietas da Armada. S. Exa. Leu as tabelas vigentes e analisou-as. Chama-se ali regímen lácteo a uma porção de coisas em que entra algum leite. "De sorte que (comenta o ilustre facultativo), a passar o princípio, todos que tomam seu café com leite e à sobremesa saboreiam um prato de arroz de leite, com o indispensável pó de canela, se devem julgar sujeitos ao regímen lácteo!".

Refletindo bem, por que não? A razão de S. Ex^a é só aparente. Eu vou com as tabelas. Nem quero saber se realmente o cirurgião-mor da Armada, como declarou nas bochechas da Academia, não as aprovou, não as viu sequer; porque desta circunstância apenas se pode concluir a perfeita inutilidade dos cirurgiões, mores ou menores - *ce qui est mon opinion*. Vou com as tabelas e vou mais longe, quer em prosa, quer em verso:

Vou com as tabelas,
Vou mais longe que elas.

Não direi hoje até onde vou; vão sendo horas de ir votar. Digo só que o digno acadêmico não viu que o regímen lácteo das tabelas deve ser entendido por um símile.

¹³ Esta crônica não consta de ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973, vol. III, entretanto foi inserida por GLEDSON, John em *Bons Dias!* 3. ed. São Paulo: Unicamp, 2008, p. 91 - 94.

Suponhamos o jogo do solo. Há o solo a dinheiro, que corresponde ao leite de vaca, puro, abundante, exclusivo... Vaca e dinheiro são, como se sabe, expressões correlatas; diz-se vaca do orçamento; diz-se também: o pelintra meteu a boca na teta, quando se quer deprimir alguém, que andou mais depressa que nós, etc., etc. Mas além do solo a dinheiro, ou leite de vaca, há o solo a tentos, que é o que chamamos leite de pato. O regímen da Armada é deste último leite. Mas vão sendo horas de ir votar e ainda não dei conta de uma reclamação que recebi.

Há dias reuniu-se o Banco Predial, para tratar dos escravos, que lá estão hipotecados. Muitos foram os pareceres, duas as propostas, uma destas a aprovada, até que tudo acabou como nos demais bancos e no concílio dos deuses de Camões:

Pelo caminho lácteo...

(outra vez o lácteo!)

Pelo caminho lácteo...

Logo cada um dos deuses se partiu
Fazendo seus reais acatamentos
Para os determinados aposentos.

Ora, entre os discursos proferidos houve um do digno acionista Sr. José Luís Fernandes Vilela, declarando ser tudo aquilo uma discussão vazia de sentido, porque já não existem escravos.

Confesso que estimei ler tão agradável notícia; mas como não há gosto perfeito nesta vida, recebi daí a pouco uma mensagem assinada por cerca de 600.000 pessoas (ainda não pude acabar a contagem dos nomes) pedindo-me que retifique o discurso do Sr. Fernandes Vilela. Há escravos, eles próprios o são. Estão prontos a jurá-lo e concluem com esta filosofia, que não parece de preto: "As palavras do Sr. Fernandes Vilela podem ser entendidas de dois modos, conforme o ouvinte ou o leitor trazer uma enxada às costas, ou um guarda-chuva debaixo do braço. Vendo as coisas, de guarda-chuva, fica-se com uma impressão; de enxada, a impressão é diferente".

Adeus. Já sabem que o Coronel Almeida, deputado provincial pelo 14º distrito da Bahia, tendo sido acusado de traição ao Dr. César Zama, declarou na assembleia que abandonava o seu partido. Exemplo austero e digno de imitação! Dada uma acusação dessas, botemos o nosso partido fora, como um simples colete de seda enlameado. Mas os princípios que nos ligavam ao partido? Perdão, mas os botões, que nos abotoavam o colete?

BOAS NOITES.

ANEXO C: crônica de 4 de maio de 1888

BONS DIAS!

...Desculpem, se lhes não tiro o chapéu; estou muito constipado. Vejam; mal posso respirar. Passo as noites de boca aberta. Creio até, que estou abatido e magro. Não? Estou; olhem como fungo. E não é de autoridade, note-se; *exauctoritate qua fungor*, não, senhor; fungo sem a menor sombra de poder, fungo à toa...

Entretanto, se alguma vez precisei de estar de perfeita saúde, é agora, por várias razões. Citarei duas:

A primeira é a abertura das Câmaras. Realmente, deve ser solene. O discurso da princesa, o anúncio da lei de abolição, as outras reformas, se as há, tudo excita curiosidade geral, e naturalmente pede uma saúde de ferro. O meu plano era simples; metia-me na casaca, e ia para o Senado arranjar um lugar, donde visse a cerimônia, deputações, recepção, discurso. Infelizmente, não posso; o médico não quer, diz-me que, por esses tempos úmidos, é arriscado sair de casa; fico.

A segunda razão da saúde que eu desejava ter agora, prende com a primeira. Já o leitor adivinhou o que é. Não se pode conversar nada, assim mais encobertamente, que ele não perceba logo e não descubra. É isso mesmo; é a política do Ceará. Era outro plano meu; entrava pelo Senado, e ia ter com o senador cearense Castro Carreira, e dizia-lhe mais ou menos isto:

- Saberá V. Exa. que eu não entendo patavina dos partidos do Ceará...
- Com efeito...
- Eles são dois, mas quatro; ou, mais acertadamente, são quatro, mas dois.
- Dois em quatro.
- Quatro em dois.
- Dois, quatro.
- Quatro, dois.
- Quatro.
- Dois.
- Dois.
- Quatro.
- Justamente.
- Não é?
- Claríssimo.

Dadas estas explicações, pediria eu ao Sr. Dr. Castro Carreira que me desse algumas notícias mais individuais dos grupos Aquirás e Ibiapaba... S. Exa., com fastio:

— Notícias individuais? Homem, eu não sei política individualista; eu só vejo os princípios.

— Bem, os princípios. Sabe que o grupo Aquirás, com um troço liberal, tomaram conta da mesa; mas o grupo Ibiapaba acudiu com outro troço liberal, e puseram água na fervura. Quais são os princípios?

— Os primeiros de todos devem ser os da boa educação, sem os quais não há boa política. Dai-me boa educação, e eu vos darei boa política, diria o Barão Louis. São os primeiros de todos os princípios.

— Os segundos...

— Os segundos são os comuns — ou que o devem ser, a todos os partidários, quaisquer que sejam as denominações particulares; refiro-me ao bem da província. É o terreno em que todos se podem conciliar.

- De acordo; mas o que é que os separa?
- Os princípios.
- Que princípios?
- Não há outros; os princípios.
- Mas Aquirás é um título, não é um princípio; Ibiapaba também é um título.
- Há entre o céu e a terra mais acumulações do que sonha a vossa vã filosofia...
- Pode ser, mas isto ainda não me explica a razão desta mistura ou troca de grupos, parecendo melhor que se fundissem de uma vez, com os antigos adversários. Não lhe parece?
- O que me parece, é que a princesa vem chegando.

Corríamos à janela; víamos que não; continuávamos o diálogo, *a entrevista*, à maneira americana, para trazer os meus leitores informados das coisas e pessoas. O meu interlocutor, vendo que não era a princesa, olhava para mim, esperando. Pouco ou nenhum interesse no olhar; mas é ditado velho, que quem vê cara não vê corações. Certo fastio crescente. Princípio de desconfiança de que eu sou mandado pelo diabo. Gesto vago de cruces...

— Há os Rodrigues, os Paulas, os Aquirases, os Ibiapas; há os...

— Agora creio que é a princesa. Estas trombetas... É ela mesma; adeus, sou da deputação... Apareça aqui pelo Senado... No Senado, não há dúvidas...

Mas eu pegava-lhe na mão, e não vinha embora sem alguns esclarecimentos. Tudo perdido, por causa de uma coriza! Coriza dos diabos, agora ou nunca, chegaríamos a entender aqueles grupos; e perde-se esta ocasião única, por tua causa, infame catarro, monco pérfido!... Tuah! Vou meter-me na cama.

BOAS NOITES.

ANEXO D: crônica de 20/21 de maio de 1888 (Imprensa Fluminense)¹⁴

BONS DIAS!

Algumas pessoas pediram-me a tradução do evangelho que se leu na grande missa campal do dia 17. Estes meus escritos não admitem traduções, menos ainda serviços particulares; são palestras com os leitores e especialmente com os leitores que não têm o que fazer. Não obstante, em vista do momento, e por exceção, darei aqui o evangelho que é assim:

1. No princípio era Cotejipe, e Cotejipe estava com a Regente, e Cotejipe era a Regente.

2. Nele estava a vida, com ele viviam a Câmara e o Senado.

3. Houve então um homem de São Paulo, chamado Antônio Prado, o qual veio por testemunha do que tinha de ser enviado no ano seguinte.

4. E disse Antônio Prado: O que há de vir depois de mim é o preferido, porque era antes de mim.

5. E, ouvindo isto, saíram alguns sacerdotes e levitas e perguntaram-lhe: Quem és tu?

6. És tu, Rio Branco? E ele respondeu: Não o sou. És tu profeta? E ele respondeu: Não. Disseram-lhe então: Quem és tu logo, para que possamos dar resposta aos chefes que nos enviaram?

7. Disse-lhes: Eu sou a voz que clama no deserto. Endireitai o caminho do poder, porque aí vem o João Alfredo.

8. Estas coisas passaram-se no Senado, da banda de além do Campo da Aclamação, esquina da Rua do Areal.

9. No dia seguinte, viu Antônio Prado a João Alfredo, que vinha para ele, depois de guardar o chapéu no cabide dos senadores, e disse: Eis aqui o que há de tirar os escravos do mundo. Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim virá um homem que me será preferido, porque era antes de mim.

10. Passados meses, aconteceu que o espírito da Regente veio pairar sobre a cabeça de João Alfredo, e Cotejipe deixou o poder executivo e o poder executivo passou a João Alfredo.

11. E João Alfredo, indo para a Galileia, que é no caminho de Botafogo, mandou dizer a Antônio Prado, que estava perto da Consolação: Vem, que é sobre ti que edificarei a minha igreja.

12. Depois, indo a uma cela de convento, viu lá um homem por nome Ferreira Viana, o qual descansava de uma página de Agostinho, lendo outra de Cícero, e disse-lhe: Deixa esse livro e segue-me, que em breve te farei outro Cícero, não de romanos, mas de uma gente nova; e Ferreira Viana, despindo o hábito e envergando a farda, seguiu a João Alfredo.

13. Em caminho achou João Alfredo a Vieira da Silva, e perguntou-lhe: És tu maçom? E ele respondeu: Sou, mas posso dizer-te, pelo que tenho visto, que maçom e ministro de ordem terceira é a mesma pessoa. Disse-lhe então João Alfredo: Vem comigo; serás ministro da ordem primeira, e trabalharás pelo Céu.

14. Depois, vendo um homem que passava, disse João Alfredo: Vem aqui: não és Rodrigo Silva, que agricultavas a terra no tempo de Cotejipe? E Rodrigo respondeu: Tu o disseste. E tornou João Alfredo; Onde vai agora que parece abandonar-me? Vem comigo, e lavrarás a terra, e trataras com os gentios, ao mesmo tempo, porque Antônio Prado vai a São Paulo, onde padecerá e donde voltará mais robusto.

¹⁴ Também esta crônica, assim como a próxima, não são encontradas na obra da editora citada nas notas 1 e 2.

15. Depois, vendo Tomás Coelho, homem justo, da tribo de Campos, disse: O Senhor Deus dos Exércitos manda que sejas ministro da Guerra. E descobrindo Costa Pereira: Este é o que esteve comigo em 1871: eu o conheço; vem, serás também meu discípulo.

16. Unidos os sete, disse João Alfredo: Sabeis que vim libertar os escravos do mundo, e que esta ação nos há de trazer glória e amargura: estais dispostos a ir comigo?

17. E respondendo todos que sim, disse um deles por parábola, que no ponto em que estavam as coisas, melhor era cortar a perna que lavar a úlcera, pois a úlcera ia corrompendo o sangue.

18. Mas, ficando João Alfredo pensativo, disseram os outros entre si: Que terá ele?

19. Então o mestre, ouvindo a pergunta, disse: Prevejo que há de haver uma consulta de sacerdotes e levitas, para ver se chegam a compor certo unguento, que os levitas aplicarão na úlcera, mas não temais nada, ele não será aplicado.

20. E como perguntassem alguns qual era a composição desse unguento, o discípulo Viana, mui lido nas escrituras, disse:

21. Está escrito no livro de *Elle Haddebarim*, também chamado *Deuterônômio*, que quando o escravo tiver servido seis anos, no sétimo ano o dono o deixe ir livre, e não com as mãos abanando, senão com um alforje de comida e bebida. Este é de certo o unguento lembrado, menos talvez o alforje e os seis anos.

22. E acudiu João Alfredo: Tu o disseste: três anos bastam aos levitas e sacerdotes, mas a úlcera é que não espera.

23. Ora pois vinde e falemos a verdade aos homens.

24. E, tendo a Regente abençoado a João e seus discípulos, foram eses para as câmaras, onde apresentaram o projeto de lei, que, depois de algumas palavras duras e outras cálidas de entusiasmo, foi aprovado no meio de flores e aclamações.

25. A Regente, que esperava a lei nova, assinou com sua mão delicada e superna.

26. E toda a terra onde chegava a palavra da Regente, de João Alfredo e dos seus discípulos, levantou brados de contentamento, e os próprios senhores de escravos a ouviam com obediência.

27. Menos no Bacabal, província do Maranhão, onde alguns homens declararam que a lei não valia nada, e, pegando no azorrague, castigaram os seus escravos cujo crime nessa ocasião era unicamente haver sido votada uma lei, de que eles não sabiam nada; e a própria autoridade se ligou com esses homens rebeldes.

28. Vendo isto, disse um sisudo de Babilônia, por outro nome Carioca: Ah! Se estivessem no Maranhão alguns ex-escravos daqui, que depois de livres, compraram também escravos, quão menor seria a melancolia desses que são agora duas coisas ao mesmo tempo, ex-escravos e ex-senhores. Bem diz o *Eclesiastes*: Algumas vezes tem o homem domínio sobre outro homem para desgraça sua. O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo.

BOAS NOITES.

ANEXO E: crônica de 11 de maio de 1888

BONS DIAS!

Vejam os leitores a diferença que há entre um homem de olho aberto, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu, em suma), e o resto da população.

Toda a gente contempla a procissão na rua, as bandas e bandeiras, o alvoroço, o tumulto, e aplaude ou censura, segundo é abolicionista ou outra coisa; mas ninguém dá a razão desta coisa ou daquela coisa; ninguém arrancou aos fatos uma significação, e, depois, uma opinião. Creio que fiz um verso.

Eu, pela minha parte, não tinha parecer. Não era por indiferença; é que me custava a achar uma opinião. Alguém me disse que isto vinha de que certas pessoas tinham duas e três, e que naturalmente esta injusta acumulação trazia a miséria de muitos; pelo que, era preciso fazer uma grande revolução econômica, etc. Compreendi que era um socialista que me falava, e mandei-o à fava. Foi outro verso, mas vi-me livre de um amolador. Quantas vezes me não acontece o contrário!

Não foi o ato das alforrias em massa dos últimos dias, essas alforrias *incondicionais*, que vêm cair como estrelas no meio da discussão da lei da abolição. Não foi; porque esses atos são de pura vontade, sem a menor explicação. Lá que eu gosto da liberdade, é certo; mas o princípio da propriedade não é menos legítimo. Qual deles escolheria? Vivia assim, como uma peteca (salvo seja), entre as duas opiniões, até que a sagacidade e profundidade de espírito com que Deus quis compensar a minha humildade, me indicou a opinião racional e os seus fundamentos.

Não é novidade para ninguém, que os escravos fugidos, em Campos, eram alugados. Em Ouro Preto fez-se a mesma coisa, mas por um modo mais particular. Estavam ali muitos escravos fugidos. Escravos, isto é, indivíduos que, pela legislação em vigor, eram obrigados a servir a uma pessoa; e fugidos, isto é, que se haviam subtraído ao poder do senhor, contra as disposições legais. Esses escravos fugidos não tinham ocupação; lá veio, porém, um dia em que acharam salário, e parece que bom salário.

Quem os contratou? Quem é que foi a Ouro Preto contratar com esses escravos fugidos aos fazendeiros A, B, C? Foram os fazendeiros D, E, F. Estes é que saíram a contratar com aqueles escravos de outros colegas, e os levaram consigo para as suas roças.

Não quis saber mais nada; desde que os interessados rompiam assim a solidariedade do direito comum, é que a questão passava a ser de simples luta pela vida, e eu, em todas as lutas, estou sempre do lado do vencedor. Não digo que este procedimento seja original, mas é lucrativo. Alguns não me compreenderam (porque há muito burro neste mundo); alguém chegou a dizer-me que aqueles fazendeiros fizeram aquilo, não porque não vissem que trabalhavam contra a própria causa, mas para pregar uma peça ao Clapp. Imagina-se bem se arregalei os olhos. (Falta essa frase na obra de Gledson.)

— Sim, senhor. Saia que o Clapp tinha o plano feito de ir a Ouro Preto pegar os tais escravos e restituí-los aos senhores, dando-lhes ainda uma pequena indenização do seu bolsinho, e pagando ele mesmo a sua passagem da estrada de ferro. Foi por isso que...

— Mas então quem é que está aqui doido?

— É o senhor; o senhor é que perdeu o pouco juízo que tinha. Aposto que não vê que anda alguma coisa no ar.

— Vejo; creio que é um papagaio.

— Não, senhor; é uma república. Querem ver que também não acredita que esta mudança é indispensável?

— Homem, eu, a respeito de governo, estou com Aristóteles, no capítulo dos chapéus. O melhor chapéu é o que vai bem à cabeça. Este, por ora, não vai mal.

— Vai pessimamente. Está saindo dos eixos; é preciso que isto seja, senão com a Monarquia, ao menos com a República, aquilo que dizia o *Rio-Post* de 21 de junho do ano passado. Você sabe alemão?

— Não.

— Não sabe alemão?

E dizendo-lhe eu outra vez que não sabia, ele imitando o médico de Molière, dispara-me na cara esta algaravia do diabo:

— *Es dürfte leicht zu erweisen sein, dass Brasilien weniger eine konstitutionelle Monarchie als eine absolute Oligarchie ist.*

— Mas que quer isto dizer?

— Que é deste último tronco que deve brotar a flor.

— Que flor?

— As

BOAS NOITES.

ANEXO F: crônica de 19 de maio de 1888

BONS DIAS!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup, post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta Lei de 13 de Maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembléa que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do Diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse

escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do Céu.

BOAS NOITES.

ANEXO G: crônica *O futuro dos argentinos, 09/07/1888*

Quando hoje contemplo o rápido progresso da nação argentina, recordo-me sempre da primeira e única vez que vi o Dr. Sarmiento, presidente que sucedeu ao General Mitre no governo da República. Foi em 1868. Estávamos alguns amigos no *Club Fluminense*, Praça da Constituição, casa onde é hoje a Secretaria do Império. Eram nove horas da noite. Vimos entrar na sala do chá um homem que ali se hospedara na véspera. Não era moço; olhos grandes e inteligentes, barba raspada, um tanto cheio. Demorou-se pouco tempo; de quando em quando, olhava para nós, que o examinávamos também, sem saber quem era. Era justamente o Dr. Sarmiento, vinha dos Estados Unidos, onde representava a Confederação Argentina, e donde saíra porque acabava de ser eleito presidente da República. Tinha estado com o Imperador, e vinha de uma sessão científica. Dois ou três dias depois, seguiu para Buenos Aires.

A impressão que nos deixara esse homem foi, em verdade, profunda. Naquela visão rápida do presidente eleito pode-se dizer que nos aparecia o futuro da nação argentina.

Com efeito, uma nação abafada pelo despotismo, sangrada pelas revoluções, na qual o poder não decorria mais que da força vencedora e da vontade pessoal, apresentava este espetáculo interessante: um general patriota, que alguns anos antes, após uma revolução e uma batalha decisiva, fora elevado ao poder e fundara a liberdade constitucional, ia entregar tranquilamente as rédeas do Estado, não a outro general triunfante, depois de nova revolução, mas a um simples legista, ausente da pátria, eleito livremente por seus concidadãos. Era evidente que esse povo, apesar da escola em que aprendera, tinha a aptidão da liberdade; era claro também, que os seus homens públicos, em meio das competências que os separavam, e porventura ainda os separam, sabiam unir-se para um fim comum e superior.

Sarmiento chegou a Buenos Aires; o General Mitre entregou-lhe o poder, tal qual o constituiria e preservara da violência e do desânimo. Então os amigos deste claro e subido espírito lembraram-se (se a minha reminiscência é exata) de lhe dar uma prova de afeto e admiração, um como prêmio da sua lealdade política, e criaram-lhe um jornal, essa mesma *Nación*, que é hoje uma das primeiras folhas da América do Sul. Fato não menos expressivo que o outro.

Vinte anos depois, a nação argentina chegou ao ponto em que se acha, próspera, rica, pacífica, naturalmente ambiciosa de progresso e esplendor. Esqueceu a opressão, desaprendeu a caudilhagem; conhece os benefícios da liberdade e da ordem. Vinte anos apenas; digamos vinte e oito, porque a campanha de Mitre foi o primeiro passo dessa marcha vitoriosa.

Agora, no dia em que os argentinos celebram a sua festa constitucional, lembro-me daqueles tempos, e comparo-os com estes, quando, em vez de soldados que os vão auxiliar a derrocar uma tirania odiosa, mandamos-lhe uma simples comissão de jornalistas, uma embaixada da opinião à opinião; tão confiados somos de que não há já entre nós melhor campo de combate. Oxalá caminhem sempre o Império e a República, de mãos dadas, prósperos e amigos¹⁵.

BOAS NOITES.

¹⁵ Esta crônica não consta na obra de Gledson e nem na edição de 1973, vol. III de ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1973, vol. III.

ANEXO H: crônica de 13 de fevereiro de 1889

BONS DIAS!

O diabo que entenda os políticos! Toda a gente aqui me diz, que o meio de obter Câmaras razoáveis é acabar com as eleições por distritos, na quais, à força de meia dúzia de votos, um paspalhão ou perverso fica deputado. Dizem agora telegramas franceses, que o governo e a maioria da Câmara dos Deputados, para evitar o mesmo mal, vão adotar justamente a eleição por distritos. Entenderam? Eu estou na mesma.

Felizmente, dei com uma dessas criaturas que o Céu costumava enviar para esclarecer os homens, a qual me disse que Pascal era um sonhador. Não gosto de *calembour*, mas não pude evitar este: "Há de me perdoar, o Pascoal é confeitiro." A pessoa não fez caso; continuou dizendo que Pascal era um sonhador, porque o que ele achava extravagante, é que é natural: *verdade aqui, erro além*. Sabia eu por que é que lá adotaram o que para nós é ruim? Era para escapar ao cesarismo. Sabia eu o que era cesarismo?

— Não, senhor.

— Cesarismo vem de César.

— Farâni? perguntei eu, e confesso que sem o menor desejo de trocadilho.

— Não.

— Zama? Conheço um César Zama.

— Cala-se, homem, ou ponha-se fora. Não estou para aturar cérebros fracos, nem pessoas malcriadas, porque, se é grande impolidez interromper a gente para dizer uma verdade, quanto mais uma asneira. César Zama! César Farâni!

— Já sei: César Cantu...

— Vá para o diabo, que o ature. Quando quiser saber as coisas ouça calado, entendeu? Ora essa! Cantu, Farâni, Zama... Já viu o cometa?

— Há algum cometa?

— Há, sim, senhor, vá ver o cometa; aparece às 3 horas da manhã, e de onde se vê melhor é do morro do Neco, à esquerda. Tem um grande rabo luminoso. Vá, meu amigo; quem não entende das coisas, não se mete nelas. Vá ver o cometa.

Fiquei meio jururu, porque o principal motivo que me levava a procurar a dita pessoa, não era aquele, mas outro. Era saber se existia a Sociedade Protetora dos Animais.

Afinal, prestes a ir ver o cometa, tornei atrás e fiz a pergunta. Respondeu-me que sim, que a Sociedade Protetora dos Animais existia, mas que tinha eu com isso? Expliquei-lhe que era para mim uma das sociedades mais simpáticas. Logo que ela se organizou, fiquei contente, dizendo comigo que, se Inglaterra e outros países possuíam novidades tais por que não a teríamos nós? Prova de sentimentos finos, justos, elevados; o homem estende a caridade aos brutos...

Parece que ia falando bem, porque a pessoa não gostou, e interrompeu-me, bradando que tinha pressa; mas eu ainda emití várias frases asseadas, e citei alguns trechos literários, para mostrar que também sabia cavalgar livros. Afinal, confiei-lhe o motivo da pergunta; era para saber se, havendo na Câmara Municipal nada menos de três projetos ou planos para a extinção dos cães, a Sociedade Protetora tinha opinado sobre algum deles, ou sobre todos.

A pessoa não sabia, nem quis meter a sua alma no Inferno asseverando fatos que ignorava. Saberá eu o que se passava em Quebec? Respondi que não. Pois era a mesma coisa. A sociedade e Quebec eram idênticas para os fins da minha curiosidade. Podia ser

que os três projetos já a sociedade houvesse examinado quatro ou mesmo nenhum; mas, como sabê-lo?

Conversamos ainda um pouco. Fiz-lhe notar que os burros, principalmente os das carroças e bondes, declaram a quem os quer ouvir, que ninguém os protege, a não ser o pau (nas carroças) e as rédeas (nos bondes). Respondeu-me que o burro não era propriamente um animal, mas a imagem quadrúpede do homem. A prova é que, se encontramos a amizade no cão, o orgulho no cavalo, etc., só no burro achamos filosofia. Não pude conter-me e soltei uma risada. Antes soltasse um espirro! A pessoa veio para mim, com os punhos fechados, e quase me mata. Quando voltei a mim, perguntei humildemente:

— Bem; se a Sociedade Protetora dos Animais não protege o cão nem o burro, o que é que protege?

— Então não há outros animais? A girafa não é animal? A girafa, o elefante, o hipopótamo, o camelo, o crocodilo, a águia. O próprio cavalo de Tróia, apesar de ser feito de madeira, como levava gente na barriga, podemos considerá-lo bicho. A Sociedade não há de fazer tudo ao mesmo tempo. Por ora o hipopótamo, depois virá o cão.

— Mas é que o...

— Homem, vá ver o cometa; morro do Neco, à esquerda.

— Às três horas?

— Da madrugada.

BOAS NOITES.

ANEXO I: crônica *O Punhal de Martinha*
(A Semana, 5 de agosto de 1894)

Quereis ver o que são destinos? Escutai. Ultrajada por Sexto Tarquínio, uma noite, Lucrécia resolve não sobreviver a desonra, mas primeiro denuncia ao marido e ao pai a aleivosia daquele hóspede, e pede-lhes que a vinguem. Eles juram vingá-la, e procuram tirá-la da aflição dizendo-lhe que só a alma é culpada, não o corpo, e que não há crime onde não houve aquiescência. A honesta moça fecha os ouvidos à consolação e ao raciocínio, e, sacando o punhal que trazia escondido, embebe-o no peito e morre. Esse punhal podia ter ficado no peito da heroína, sem que ninguém mais soubesse dele; mas, arrancado por Bruto, serviu de lábaro à revolução que fez baquear a realeza e passou o governo à aristocracia romana. Tanto bastou para que Tito Lívio lhe desse um lugar de honra na história, entre enérgicos discursos de vingança. O punhal ficou sendo clássico. Pelo duplo caráter de arma doméstica e pública, serve tanto a exaltar a virtude conjugal, como a dar força e luz à eloquência política.

Bem sei que Roma não é a Cachoeira, nem as gazetas dessa cidade baiana podem competir com historiadores de gênio. Mas é isso mesmo que deploro. Essa parcialidade dos tempos, que só recolhem, conservam e transmitem as ações encomendadas nos bons livros, é que me entristece, para não dizer que me indigna. Cachoeira não é Roma, mas o punhal de Lucrécia, por mais digno que seja dos encômios do mundo, não ocupa tanto lugar na história, que não fique um canto para o punhal de Martinha. Entretanto, vereis que esta pobre arma vai ser consumida pela ferrugem da obscuridade.

Martinha não é certamente Lucrécia. Parece-me até, se bem entendo uma expressão do jornal *A Ordem*, que é exatamente o contrário. “Martinha (diz ele) é uma rapariga franzina, moderna ainda, e muito conhecida nesta cidade, de onde é natural”. Se é moça, se é natural da Cachoeira, onde é muito conhecida, que quer dizer *moderna*? Naturalmente quer dizer que faz parte da última leva de Citera. Esta condição, em vez de prejudicar o paralelo dos punhais, dá-lhe maior realce, como ides ver. Por outro, lado, convém notar que, se há contrastes das pessoas, há uma coincidência de lugar: Martinha mora na Rua do Pagão, nome que faz lembrar a religião da esposa de Colatino. As circunstâncias dos dois atos são diversas. Martinha não deu hospedagem a nenhum moço de sangue régio ou de outra qualidade. Andava a passeio, à noite, um domingo do mês passado. O Sexto Tarquínio da localidade, cristãmente chamado João, com o sobrenome de Limeira, agrediu e insultou a moça, irritado naturalmente com os seus desdêns. Martinha recolheu-se à casa. Nova agressão, à porta. Martinha, indignada, mas ainda prudente, disse ao importuno: “Não se aproxime, que eu lhe furo”. João Limeira aproximou-se, ela deu-lhe uma punhalada, que o matou instantaneamente.

Talvez esperásseis que ela se matasse a si própria. Esperaríeis o impossível, e mostraríeis que me não entendesses. A diferença das duas ações é justamente a que vai do suicídio ao homicídio. A romana confia a vingança ao marido e ao pai. A cachoeirense vinga-se por si própria, e, notai bem, vinga-se de uma simples intenção. As pessoas são desiguais, mas força é dizer que a ação da primeira não é mais corajosa que a da segunda, sendo que esta cede a tal ou qual sutileza de motivos, natural deste século complicado.

Isto posto, em que é que o punhal de Martinha é inferior ao de Lucrécia? Nem é inferior, mas até certo ponto é superior. Martinha não profere uma frase de Tito Lívio, não vai a João de Barros, alcunhado o Tito Lívio português, nem ao nosso João Francisco Lisboa, grande escritor de igual valia. Não quer sanefas literárias, não ensaia atitudes de tragédia, não faz daqueles gestos oratórios que a história antiga põe nos seus personagens. Não; ela diz simplesmente e incorretamente: “Não se aproxime que eu lhe firo”. A palmatória dos gramáticos pode punir essa expressão; não importa, o *eu lhe firo* traz um valor natal e

popular, que vale por todas as belas frases de Lucrecia. E depois, que tocante eufemismo! Furar por matar; não sei se Martinha inventou esta aplicação; mas, fosse ela ou outra a autora, é um achado do povo, que não manuseia tratados de retórica, e sabe às vezes mais que os retóricos de ofício.

Com tudo isso, arrojo de ação, defesa própria, simplicidade de palavra, Martinha não verá o seu punhal no mesmo feixe de armas que os tempos resguardam da ferrugem. O punhal de Carlota Corday, o de Ravaiillac, o de Booth, todos esses e ainda outros farão cortejo ao punhal de Lucrecia, luzidos e prontos para a tribuna, para a dissertação, para a palestra. O de Martinha irá rio abaixo do esquecimento. Tais são as coisas deste mundo! Tal é a desigualdade dos destinos!

Se, ao menos, o punhal de Lucrecia tivesse existido, vá; mas tal alma, nem tal ação, nem tal injúria, existiram jamais, é tudo uma pura lenda, que a história meteu nos seus livros. A mentira usurpa assim a coroa da verdade, e o punhal de Martinha, que existiu e existe, não logrará ocupar um lugarzinho ao pé do de Lucrecia, pura ficção. Não quero mal às ficções, amo-as, acredito nelas, acho-as preferíveis às realidades; nem por isso deixo de filosofar sobre o destino das coisas tangíveis em comparação com as imaginárias. Grande sabedoria é inventar um pássaro sem asas, descrevê-lo, fazê-lo ver a todos, e acabar acreditando que não há pássaros com asas... Mas não falemos mais em Martinha.